Ao meu querido
anjo L. Lavenère
que tem talento a
beça e uma cultu-
ra danada de
grande.

1. 6. 927

Joaquim

PAULO, PONGETTI & C. — Avenida Mem de Sá, 67 e 78 — Rio

JORGE DE LIMA

SALOMÃO E AS MULHERES

SALOMÃO E AS MULHERES

○ ○ ○

"Mas o rei Salomão amou apaixonadamente a muitas mulheres estrangeiras, tambem á filha de Pharaó, e a mulheres moabitas, e ammonitas, idumeas, e sidonias, e hetheas:

E elle teve setecentas mulheres, que eram como rainhas, e trezentas concubinas, — e as mulheres lhe perverteram o coração."

III. REIS, 11, 1, 3.

DE JORGE DE LIMA

XIV Alexandrinos (edição esgotada).

Artes Graphicas — Rio de Janeiro — 1914. :-: :-: :-:

A Comedia dos Erros.

Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro — 1923 :-: :-:

Jorge de Lima

Salomão e as Mulheres

EMPREZA GRAPHICA EDITORA - PAULO, PONGETTI & CIA
- - AVENIDA MEM DE SÁ, 67-78 - RIO - -

"NÃO ADMITTO REPLICAS"

"Os males alimpar-se-ão pelo livido das feridas, e pelas chagas no mais secreto do ventre."

PROVERBIOS, 2, 30.

"NÃO admitto replicas!!", berrei contra o juiz, com todo o ar de que dispunha nos folles.

Era no jure, em plena solemnidade forense. (Eu, cá, sou o promotor da villa de Magdalena).

"Não admitto replicas!". Três punhadas violentas. Duas taboas lascadas. Esse feito de eloquencia percorreu duas vezes o conselho, e quando tornou a mim, — muito lisongeado!, — comecei a mettê-lo a proposito de tudo.

Previno, pois, ao "leitor benevolo" ou iconoclasta que, quando emitto uma idéa, — "não admitto replicas!".

Previno tambem que a leitura desse livro é desataviada e livre. Isto é, póde ser feita de detrás para diante, como de diante para trás.

Eu, por mim, comecei a escrevê-lo pelo ultimo capitulo, terminei pelo primeiro!

O escriptor, seja elle qual fôr, mesmo destituido de "fins" e de "principios", deve-se procurar no ultimo capitulo da sua obra.

Quando leio um livro, abro-o invariavelmente na ultima pagina. Interessa-me? Então vou adiante, isto, é, — para trás.

Caminho no tempo de costas. Sem preocupação de originalidade, — para não machucar o transeunte...

Neste ponto é que estarreço da pretenção de certos escriptores, — de tratarem as suas personagens como numa "creche": leite na primeira infancia, aos três annos, toma lá sarampo...

Meu nome, — dir-lhes-ei a seu tempo. Idade... Perdi a idade! E não me arrependo da perdição...

Não é este grande memorial de Salomão o primeiro symptoma literario de minha presumida ascendencia: minha vida é a comedia que outros antes de mim representaram e que eu venho ha 27 annos representando tambem. Minha idade, porém, é a do momento que passa, sobre uma terra em formação. Que idade tem o momento?

Para os povos constituidos, o momento é a velhice. Para os novos, — o futuro.

A minha obra compõe-se do ultimo capitulo e do... resto. As minhas personagens divido-as de dois modos igualmente desiguaes.

Padre Josué, meu bom Mestre, é o capitulo das integridades moraes.

O resto são sombras que se esvaem, que augmentam ou diminuem, se me approximo ou me afasto dellas.

Sombras... Mas nada de fantastico, nada de irreal, nada de romance.

No ultimo capitulo, que recommendo, "honro as minhas convicções"...

Accuso como promotor.

"E não admitto replicas!"

Faço a accusação, atiro as antecedencias e as resultantes das coisas, e dou a sentença.

E as providencias "alieni juris".

(Ora, outro dia ia esborrachando a venta ao juiz).

Justiça de Salomão!

(Vejam lá nas ultimas paginas).

Ou se aparta o homem da Terra, a gume de foice, ou, se elle a merece, trata de integrar-se nella, seguindo as bôas medidas de opportunidade.

Padre Josué é o elemento de convicção da nossa sociedade.

Padre Josué é a catechese. E assim dizendo, retribuo uma "ausencia amavel" da sua parte, registrada á paginas adeante desta obra.

"Mas, apesar dos pesares, não o posso criminar de ter falhado jamais á sua missão de accusador".

Teria fallido desta vez?

Este livro seria immoral?

A sociedade é que é immoral. Certos criticos dividem a obra, para julga-la, por partes. A obra é o individuo: *in-dividuo* — não póde ser julgada aos pedaços, senão inteiriça e una. Ora, esse trabalho de fragmentação, de repartição dá ás vezes a idéa de que o livro é immoral. Na Grecia (Grecia, ó safado motivo!) um homem fez uma estatua. Olhou-a: perfeita. Mas um critico de Cretales num momento de delicioso desfastio fragmentou-a a martello e expôs á porta da illustre acropole o pedaço da pedra que representava o sexo. Pelo dêdo o gigante. Por ali passou o sereno Menikês e virou a face enojado. E passou o idealista Erkyo, e virou o rosto tambem. Depois veio uma rapariga pura dos arredores de Taros e commovida levou a pedra que representava o sexo para as festas de Dyonisio.

O' leitor hypocrita, vós bem mereceis o conceito de Freud:

"Die Menschen sind überhaupt nicht aufrichtig in sexuellen Dingen".

Como discipulo do bom cura, assento minhas idéas, meus assertos na Erudição e na Moralidade.

Portanto, moralidade e erudição:

— O ideal de uma sociedade bem organizada seria

aquella em que a justiça dos homens se não fizesse sentir, — nem prisões, nem algemas.

E quando as houvesse, prisões, algemas, fossem para a reclusão voluntaria daquelles que se julgassem peccadores.

O christianismo já deu de si uma visão muito nitida dessa formula social, com as suas collegiadas, mosteiros, thebaidas e conventos.

Santo Antão vive e morre, soffrendo atrozmente da convicção do criminoso que elle estava em ser.

Santo Ignacio de Antioquia, "o fromento de Deus", entrega-se sem relutancia á Justiça do Estado que offendera com as suas escandencias cerebraes...

Mas, vamos começar este conto.

E mais uma vez:

— Não admitto replicas!

ESTE LIVRO NOTAVEL

"Eu, a sabedoria, habito no conselho, e me acho presente aos pensamentos judiciosos".

PROVERBIOS, 8, 12.

PADRE Josué, um dia, ao visitar-me em meu escriptorio, viu e reviu este meu copioso cartapacio.

Esteve impassivel, consultando os meus cadernos, detendo-se aqui, além, do primeiro ao ultimo, e pôs-se emfim, a tamborilar com os dedos sobre a capa do breviario. Cheguei a cadeira mais para elle, encarei-o solicito.

—Não appareces hoje, Fernando? Inquiriu-me.

A pergunta ajustava-se bem a jôgo de disparates.

— Appareço como sempre. Mas mudemos de assum-

pto. Creio que não é preciso, Padre-Mestre, pedir-lhe o parecer sobre esta minha lenga-lenga.

— Não t'o dei, justamente, por julgar profana a minha opinião."

— Agrada-me sabê-la, de qualquer jeito, o reverendo continúa a ser, como dantes, o mestre que não dissimula culpas, nem indulta penas. Suspeito-a desfavoravel. Seja desfavoravel, — exijo-a.

— De que te servirá o parecer de quem vive arredado dos eleitos? A minha critica é a critica da observação das coisas, sem finalidades... Critica que o tempo me ensinou, ronceirazinha, ignorante das modernas correntes estheticas... Que será mais grato ao velho que voluntariamente se metteu num varino, para andar mais devagar? Ora, teu estylo é essa complicação versatil do teu eu. Queres escrever o livro-sustento, o livro pão-de-cada-dia? Precisas disso? Julgo que não. Ora, Fernando, tu rabiscas, portanto, como complemento esthetico de tua alma... Mas que isso seja manifestado com equilibrio. Ainda sou dos poucos que acreditam que a arte serena, sem pretenções de escandalo, nem de preciosismo é a arte verdadeira! Deixa rolar mais algum tempo sobre esses papeis, Fernando. E observa a marcha vagarosa da perfeição. Conheço-te desde menino, sei muito dos teus vaevens, das tuas alternativas. O livro da tua juventude não passaria de registro da tua idade...

— Mas, dê-me a meizinha, mestre. Que devo fazer!

— Esperar, esperar. Não ter pressa de publicidade. Contemplar. Dominar-se. Vencer-se.

O meu estylo era a inquietude contingente da época, visão subjectiva entre o "eu" e a realidade, a vida e a illusão que se faz della, — minuto cosmico da arte que se destruia no seu arcabouço de vicissitudes, de desordens para a serenidade, a placidez que se adquire com tortura e soffrimento, como o anachoreta com o cilicio, corrigindo os ardores da animalidade.

Essa arte singeleza e naturalidade, satisfaria, por sem duvida, o meu bom mestre.

Eu não chegaria a ella com os annos e o temperamento que tinha...

Escrevera o minuto de arte da minha mocidade.

Um dia me chegaria o tempo outomniço de colher o fruto de oiro que o sol dadivoso amadura para alimento dos deuses.

Tudo isso, num momento me veio ao cerebro. Meu bom mestre, tinha razão.

— De sorte, Reverendo, que essa historia de Salomão, é a historia de minha mocidade?

— Melhor: a historia da mocidade velha de tua subraça.

— Velha, Padre-Mestre?

O Cura desconversou:

— Então appareces hoje?

— Apparecerei e levarei este calhamaço afim de vêr se o Reverendo o inquisitoria como immoral.

Vinguei-me assim, da espetada do padre, fincando-lhe outra espetada. O padre comprehendeu e retrucou:

— Immoral! E' muita honra para um pobre marquez. Só um livro ha que é immoral, pois que as cousas santas dispensam a catalogação dos vaidosos conhecimentos humanos — a Biblia — e esse é eterno. Quem commetteu a generosidade de chamar teu livro immoral?

— A Academia. Leia esse periodo, Reverendo: "Infelizmente gosta de cruezas. Prefere o realismo dos actos e das palavras á maneira de Zola cuja obra Peladan achava, talvez com razão, de certo ponto de vista, uma estrebaria de Augias que só o rio harmonioso da obra de Wagner poderia purificar". Leu?

— Já não está aqui quem falou. Contraditar a Academia seria admittir que ella me viesse ensinar a dizer missa. Se a Academia acha que o livro é immoral, acabou-se, o livro é immoral e o meu discipulo está desde já catalogado entre os Rabelais, os Zolas *et reliqua.* Bem vês que passaste de promotor a réu, incluso no art. 296 do nosso codigo.

Por igual crime Flaubert foi sentenciado pelo bom do Sr. De Pinard. E' verdade que a Academia de Letras, não o é de moral e nem é justo que Juvenal pague pelos delictos de Messalina ou que o reporter da detenção soffra os trinta annos de Carleto. De facto, nós já estamos contaminados pelos virus gaulês da licenciosidade. Isso, como as modas, nos vem de fóra e pega de galho. A terra é fertil. A sociedade vae apodrecendo, é decadente de

costumes porque é pobre e passa privações. E passa privações devido á falta de moralidade publica. Isso, sim, é que é falta de moralidade! O paiz dessora-se entre as garras do burocratismo chronico (desculpe o logar commum) do protecionismo desbragado, das corruptibilidades vitalicias, da perversão dos velhos, da descrença dos moços! Isso é que é immoralidade! E como chegou o momento de defender o promotor e accusar os cumplices, censuremos os que tornaram, lá fóra, o paiz caloteiro, os que impingem o papel-moeda sem valor e sem estabilidade, os que..."

— Os que passam o *conto do vigario* internacional, interrompi a pilheriar com o padre.

— Sim, respondeu incontinenti, com outra alfinetada os que illudem a mocidade com essa apregoada intelligencia sobre os demais povos do globo, quando a mocidade é de Salomões de pouca idéa que vivem das idéas alheias, dos idolos alheios, devendo quase o que possue ao esforço estangeiro, á imitação. Em contacto com o advena mais forte e mais productor o segundo Brasil desapparecerá como o primeiro.

— A que Brasil desapparecido se refere o Reverendo?

— Ao legitimo, ao Brasil tupi, ao Brasil tapuia, ao Brasil indigena que fugiu para o mato, com medo..

— Mas o actual resiste, reage.

— O actual é o ibero-celto-celtibero-phenicio-troiano-

hebraico-greco-carthagino-romano-suevo-alemano-visigodo-arabico. — o luso, emfim, combinado ao afro-tupi...

Esse amalgama inda não estavel nem sedimentado — arvore humana, joven — vem soffrendo e vae soffrer com maior intensidade a pressão da selva barbara: espanhóes, italianos, germanos, slavos, syrios, mais tarde japonêses... De todos os lados o *imbé* nacional soffrerá o arrocho, premido pelas raizes. Suffocando nos ramos, esgueira-se á procura do céu, do cruzeiro do sul...

— Mas é facto biologico, retorqui: o ramo que se esgueira, que se estira, na lucta pela vida, pelo ar, nas florestas americanas, dá em cipó, cipó sinuoso mas forte e victorioso que floresce em paniculas perfumadas, que esmaga, que comprime, que estrangula, que mata para vencer.

— E que abraça tambem os velhos troncos carcomidos que assistem no chão a victoria do *cipó*, disse o padre.

— Está aqui o abraço! respondi, estreitando-o, mas... mas... não admitto replicas!

OS NOSSOS CRITICOS

"Quatro coisas ha na terra que são muito pequenas, e que são mais sabias do que os mesmos sabios:

As formigas, aquelle fraco povo que faz o seu provimento durante a mésse;

Os coelhos, aquella debil tropa que faz a sua habitação nos rochedos;

Os gafanhotos, que não teem rei, e que todavia sáem todos ordenados em esquadrões;

A saramantiga, que se sustem nas suas mãos, e que móra no palacio dos reis.

PROVERBIOS, 30, 24, 25, 26, 27, 28.

OS nossos criticos arrastam a contundente mania de querer, á viva força, limitar o exercicio da arte a um numero reduzidissimo de grandes engenhos.

Divirjo.

E' preciso saber que o marmore pentelico, claro e interpretativo, não chega, hoje em dia, para as ganas democraticas da Arte.

Está escasso.

Como satisfazer os pruridos criadores de tanta gente?

Lá para que diga, cada qual faça o que pudér, através do seu temperamento proprio, e com a materia de que dispõe.

Só entre nós ha dessas restricções autocraticas, a que a vida contrapõe exemplo copioso e eloquente.

E assim, um sem conto de individuos, nos recantos armoriaes da especie, faz arte sossegadamente.

A aranha, subtil e geometrica, tesse a sua renda. O louvadeus professa plastica.

O cupim, um dos mais estrompas, ao nosso vêr de gente, não faz tragedia no arraial, constróe abobadas.

E fóra de certas excogitações de somenos importancia, outros mais praticos e administrativos, a exemplo dos governos bem intencionados, levantam pontes e abrem estradas; emquanto a democracia, representada, segundo os calculos da entomologia, por mais de duzentas e oitenta mil patuléas, — serra, pica, tritura, faz a solda autogenica, vibra tesouras...

Eis ahi o estercorario, — com licença, — polindo, corrigindo as nossas architecturas intestinaes...

Ao que parece, jamais houve Cambrone relator, que de palmatoria e outros aviamentos no concavo da axilla,

lhe viesse á conta das incorrecções dos seus altos e baixos relevos...

Mas a historia que ia eu contando?

— Aqui finda o prefacio, agora a historia!

O Ex-libris vae mais adeante inteiramente fóra do livro, desempenhando porém papel adequado dentro delle. E se o leitor quizer conhecê-lo, consulte a pag. 175.

Mas é melhor, começar por onde começou e veio até aqui, porque ao dobrar essa folha o conto vae começar.

RECORDAR...

"A minha vinha está deante de mim".

CANTICO DOS CANTICOS, 8, 12.

EU andava pelos oito annos, ella, Constancinha pelos seis... Eu media o lavatorio da sala de jantar, ella mal me ia pelos ombros.

Depois, veio o tempo com o esfuminho da juventude, e sombreou-me na memoria os traços daquella pollegada de mulher.

Constancinha tinha um signalzinho trigueiro que satellitava a orbita do olho esquerdo.

Do que ella havia em torno, restava-me a lembrança de seus cabellos encaracolados.

E nada mais, que aos quatro pontos desta recordação se adensava a névoa do passado.

Comtudo, o ponto de reparo daquelle signalzinho, sobrepairava na recordação de Constança. Ali, ao derredor tambem, a mesma indifferença aggressiva da memoria...

Ia anoitecendo...

As paisagens desfaziam-se sem esforço. Havia cinza no vago somno das coisas.

Era a hora do recolher das andorinhas, Passavam asas determinadas, trissos monocordios, froixos, tardos como o repicar longinquo das avé-marias.

As vozes da natureza reduziam-se a rumores dispersos, perdidos, somnambulos.

De repente, um guaiado de pavão rasgou os ares. Mas a modorra da terra, prestes, extinguiu os écos, e installou o silencio nas quebradas sonoras.

A concentração, a quietude do ambiente contagiounos, a mim e ao cura.

Eu ia devaneando em torno de Constança.

Tempo velho e remoto!

Entrementes, Padre Josué, que ali estava abochornado á espreguiçadeira, chupando seu parcimonioso cigarro de palha, desapertou os botões barrigueiros da batina, e, quando arregalou o bogalho lacrimoso das santas lombeiras, eu varei o silencio e despertei o cura.

— Padre Josué, que é de Constancinha? O reverendo não tinha uma pupilla com este nome?

O padre espreguiçou as pernas entorpecidas da madorna e respondeu somnolento.

— Anda pelo Recife, no collegio; ainda esta semana, tê-la-emos aqui para as ferias da quaresma.

Disse e abriu a pagina do breviario; e porque soprasse das serras a aragem das endoenças memorandas, resfolegou profundamente aquelles ares sagrados, relembrando o martyrio remoto do Justo, e entregou-se inteiro ás libertadoras renuncias do *"Tolle, tolle, crucifige"*.

QUE NOME!

"O teu nome é como o oleo derramado."

CANTICO DOS CANTICOS, 1, 2.

ERA ella, a mulher do Juiz. Invulnerata de nome, por antonomasia Vulna, sómente.

Nome curioso... Este nome veio assim, com a historia da moça, da sua virtude. A historia contou-me ella mesma.

Terceira filha de etymologista, homem pesquisador e exegetico, de sangue espano-brasilico, não lhe passára despercebida a expressão de suavidade de sua primeira pimpolha, que com desvanecimento erudito baptizára de Illuminata.

A' segunda, oscillaram as cogitações paternas entre as vozes do Verbo:

— Nominata ou Nominanda?

Venceu e ficou Nominata.

Ficou, digo mal, porque ambas não ficaram. Uma se foi aos dois annos, de gastro-enterite. A outra, aos cinco, de enterite simplesmente, sem outras complicações mettediças.

Tempos depois nasceu Vulna.

Forte e membruda era a parvula.

Chupava sem descansar duas horas a fio, a têta materna, como o sargento de milicias do finado Manoel de Almeida, quando tinha a mesma idade.

Com um anno de vida apparentava dois, com dois, quatro, e assim nesta progressão triumphal de belleza e de saúde.

Depois...

Vendo-a, toda a gente, daquella praça d. Pedro, na metropole, dizia:

—— Tão bonita! Oh! tão gorda! gordinha! E tomavam-lhe o queixinho na rosca do indicador. E ella ria com duas covinhas da face. Aos três annos, com o ultimo dente, surgiram as primeiras dissenções domesticas com a escolha do nome da criança, e as primeiras meditações etymologicas em torno delle.

A sabedoria paterna receava o insuccesso de qualquer precipitação baptismal.

Aos quatro, tão forte, tão desenvolvida e bem feita que os conhecidos lembravam nomes condignos, — Linda, Mariabonita escripto assim xyphopagamente.

— Que bello!

Ao que o pae acudia, prudente:

— Póde mudar. Ha tanto exemplo de meninas bonitas que dão em feias!

O nome da filha havia de ser uma expressão physiologica correspondente e real, que desfizesse a impressão de catastrophe das outras.

Aos cinco, os conhecidos e habituados aos serões do papá metralhavam-se etymos.

Os senhores vigarios, quando passavam para a Sé, inqueriam sofregos:

—Que tal, o nome?

A Igreja, intervinha. E estava no seu direito.

Entretanto, a importancia grammatical do papá ia ascendendo.

Da sacada do sobrado ainda restante do ouvidor Batalha, á praça d. Pedro, abria-se o velho num sorriso importante,vendo os senhores ecclesiasticos trotar para a missa, meditando no que a Historia e a Etymologia lhe apontariam como certo...

Mas, nem o arrocho do Mysterio, nem o prestigio da Lei, nem a devoção, nem o patriotismo conseguiram desvendar um nome...

Alguem, lido em brasilidades, lembrava: Jupira, Moema...

A mamã se enternecia... Mas o papá, lá vinha a historia, a Catastrophe, a Gastro-Enterite, a Etymologia...

Entrementes, a pequena ia despertando a cortesanice ao rapazio.

Dir-se-ia ter o dobro da idade, — aos oito annos! Desembaraçada, um jeitão de moça! Desceram-lhe as saias, fecharam-lhe um pouco a abertura do casaco. Antes de sair, a pretexto de compras ou visita ás amiguinhas, o zelo materno inquiria sempre:

— Estás de calça, "meniná"?

Meniná! Meniná!

E o nomezinho ia-se divulgando com ardido desapontamento della!

Os grupos das esquinas lambiam-na de olhares cupidos, demorados, e ella perguntava-se na ingenuidade peculiar dos seus oito annos:

— Porque não são as outras meninas assim admiradas, como eu sou?

E mirava-se apprehensiva nas pernas, nos braços redondos, nas ancas indiscretas, onde notava que os olhos do mundo se pasciam. Mas os pensamentos daquella cabecinha eram como as abelhas, que ininterruptamente vão e veem.

Aos nove annos, a "meniná" era uma perfeita mulher.

Só lhe reputavam a idade com acerto as pessôas que a viram nos cueiros.

Considerando-a inteiramente installada na vida, o pae levou-a um dia pela mão, e sem madrinha de apresentar, fê-la receber do reverendo cura da Sé, com a

consternação de todos, o nome victorioso de Invulnerata.

Ninguem se acostumou com a paterna erudição sacramenteira. Por isso, com o correr dos tempos e o desenvolvimento desmedido da moçoila, o nome perdeu por sua vez a invulnerabilidade e ficou Vulna, — póda e corrupção do outro...

Há nome de flores em mulheres, ha mulheres Aureas, conheci uma Glauca, outras são Albas, outras não são coisa nenhuma.

Vulna era, porém, um nome calido de raiz, evocativo, vulpino, quente, como o vulturno do Sahara.

NO ALBUM DE VULNA

"O meu amado metteu a mão pela fresta, e as minhas entranhas estremeceram ao estrondo que elle fez."

CANTICO DOS CANTICOS, 5, 4.

DO album de Vulna: pagina erudita do Juiz da Cidade.

"Vulna, — este nome lembra *"Vulnus, vulneris"*, que os eminentes JUVENAL e OVIDIO empregaram com a significação de: *"racha, cortadura, fenda, talho, abertura, buraco."*

CICERO, VERGILIO, TACITO, e o notavel JUSTINIANO, — muito meus familiares, — entretanto, usavam o precioso vocabulo quando queriam expressar os seus "revezes", os seus "males", as suas "feridas" d'alma, as suas "dores", as suas "maguas" sem cura!

Eu soffro como elles!...

Quem me propinará o remedio?... "Remedium vulneris", como dizia Phoedro, o fabulista?... "Ab imo pectore": Assignado — ERNESTO DE OLIVEIRA.

O JUIZ

"Por mim reinam os reis, e por mim decretam os legisladores o que é justo."

PROVERBIOS, 8, 15.

CHAMA-SE o Juiz de Direito dessa Comarca, — o erudito da precedente pagina—Ernesto Bagnuolino Costa Rodrigues de Oliveira, e a mulher delle, Invulnerata de Ernesto Bagnuolino, etc., etc., ou Vulna sómente, como se acabou de dizer.

E do pescoço para cima o que o juiz tinha de maior vulto eram as orelhas.

D'ahi, em linha recta e dianteira, os aros dos oculos, e os oculos na ponta do nariz, ou na raiz delle, conforme o acto.

No mais, bigode, phrases substanciosas, affirmativas (*"A Inglaterra é bellicosa... Cederás e cairás de-*

baixo do vencedor, Brasilia, rica dos despojos da Christandade"...), exclamativas (*Oh! vaidade! oh! nada! oh! mortaes ignorantes dos seus destinos! oh!*)...

No mais, a mulher e a bibliotheca. Vejamos a bibliotheca. As duas estantes do fundo eram collecções do "Diario Official" e pareceres, as três do lado direito tinham papeis nas vidraças, e um conteúdo discreto.

A estante do lado esquerdo, junto á porta que dava para a sala de jantar, continha os bellos volumes do Valdez, do Webster, *"on India paper"*, comprado na Inglaterra, sim senhor.

Aquelle Webster, em materia de acquisições livrescas, batera os livros de estampa de Padre-Mestre, entre outros, o Vigouroux.

Ao centro da sala uma mesinha, com um cinzeiro, representando a Justiça, de olhos vendados, e nas mãos sofregas os apetrechos da lei, — a balança e a espada.

A balança era um pesa-cartas de rara sensibilidade. Havia escandalizado as administrações! A espada preenchia funcções variadas. Tinha no cabo lixa para unha, e, na ponta, servia de faca de papel. Aqui e ali poltronas, um camapé e o busto do sr. juiz, — obra do esculptor Etacio Prescot.

Sobre a secretaria, de uma corrente de metal, pendia um bronze, e nelle que era uma aguia, o juiz divisava com muito brio, a de Haya, a alma profunda da raça, o Jove do verbo, a despedir o raio da peroração, o apostolo e

o santo, — pelos canones imperectiveis da lingua, por elle proprio criados, e vivificados.

Estava na "Replica": *"A inteireza do espirito começa por se caracterizar no escrupulo da linguagem"*.

Por isso mesmo, a cheirosa virtude philologica do juiz soffria de pharisaica aversão aos publicanos do vernaculo, a ralé infima dos galliciparlas, dos inimigos do bem falar e do melhor escrever, contra os quaes tinha impetos mavorticos de exterminio.

E, como se animava de pretenções a universalista, fez-me um dia a representação planimetrica de certos desvios sensoriaes, baseando-os sobre a maior ou menor observancia dos factos da linguagem.

E traçando sobre o papel a "curva individual" de um esculptor da metropole, mas de sangue elegantemente parisiense que elle disse chamar-se Etacio Prescot, — *"um galliciparla incoherente, irregular, imoderado!"*, — começou a applicar-lhe as tangentes da interpretação.

Muito curioso!

Os desvios eram medidos pela maior ou menor obliquidade dessas tangentes sobre a abscissa da Normalidade.

Era o momento excelso de sua vida publica ou privada, — traçar as abscissas, apontar os seus tomos, e assim doutrinava:

—Minha religião são os meus volumes de fr. Luis de Sousa e os veneraveis Bernardes e Vieira; mas desço tambem das ebriezas celestes do culto, ás duras contin-

gencias do commercio entre os homens. Mas, nessas relações do entendimento com o objecto, faço mais conta do objecto do que do entendimento delle. Gosto das bôas apparencias antigas. Neste ponto, confundo-me com BACON. *"O fim de uma geração se torna o ponto de partida de outra futura,"* dizia elle. (*The goal of our generation becomes the starting post of the next*).

(Sensação pausa, deglutição.) Continuava:

— Se a politica, tão do meu gosto, aprás-me calcurriar, quero-a bem enroupada na *"Arte de Reinar"* de ANTONIO DE CARVALHO PARADA, na *"Politica Predicavel"* de SEBASTIÃO CESAR DE MENEZES, ora bem. (Gesto impetuoso e fremente da dextra).

Se quero lêr a novella, delicio-me na companhia, de BERNARDIM RIBEIRO, em *"Menina e Moça"* ou de GASPAR RABELLO nos *"Infortunios Tragicos"*.

(Tomava um charuto).

Divirto-me com a *"Recreação Proveitosa"* de BAPTISTA DE CASTRO e o *"Divertimento Erudito"* de J. PACHECO.

(Cortava a ponta do charuto).

Para o estudo furta-côr, cambio de habitos, e na que os eruditos chamam *"Pintura de Costumes"* opto pelo *"Tempo de Agora"* de MARTIM AFFONSO DE SOUSA.

(Accendia o charuto).

Meu moralista predilecto, além dos frades sermonistas, mora em MATHIAS AYRES nas *"Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens"*.

(Chupava o charuto, saboreando o tabaco).

E a Historia, essa virago insensivel e fria, mais verdadeira que seductora?

(Olhares perscrutadores em torno).

E catalogava a *"virago"* pelos ROCHA PITAS, pelos JORGE GUERREIROS e BALTHASAR TELLES.

Em quanto a livros de viagens, tinha como cicerones, — MARQUES PEREIRA no *"Peregrino na America"*, ANTONIO DE GOUVEIA na *"Jornada do Arcebispo"*, FERNÃO MENDES PINTO nas *"Noticias do Reino do Cochinchina..."*

No estilo deste ultimo, havia annos, elle meditava e colligia notas para uma obra de sensação.

Uma obra que fosse lá fóra espertar a attenção, a cupidez do estrangeiro pelas nossas coisas, uma obra que haveria de mudar a carta do Estado, violando as tradições, deslocando dos seus eixos o equilibrio da opinião, elaborando concepções novas, uma obra, emfim, que nos haveria de trazer, emmaranhados no encantamento della, os forasteiros de todas as nações:

— *Seguirás pelo rio Caçambinha e passarás pelos dois montes que se parecem...*

— Ai!, menino, isso não é para mim não. Já estou muito velho. Dizia elle enternecido.

— Ora, essa! — murmurava eu, no interesse de animá-lo.

— Ai!, menino, eu sou uma pobre amostra do passado!

E suspirava, veridicamente.

E eu, polidamente, suspirava tambem...

— Cederás, cairás, debaixo do Vencedor, Brasilia, rica dos despojos da christandade... — dizia elle.

— Cederás, cairás, tornava-lhe eu complacentemente...

Mas, vamos por partes, com a arte das transições subtis.

O sr. Juiz era universalista, repitamos, universalista e patriota. Vangloriava-se de *"agrolatra"*. Rumo ao campo! Gloria ao boi! Em honra deste animal pacifico escrevera em limpo arrazoado classico varias monographias. Mas, vamos por partes...

Isso é a Chronica, posto que fria, mas verdadeira, do sr. Juiz de Direito, desde a primeira prateleira da sua estante de classicos, até a ultima de portadas de madeira. Nosso tratamento (V. o dialogo supra) já era de muito comprazimento.

Abri as portadas de madeira. E em meio ao alarido fescenino de Venus Editora e Mercenaria peguei de um tuno divertido. O frascario era do nome, Bernardo de Alcobaça, e intitulava-se em brochura:

"Encyclopedia do Amor"

e no sub titulo,

"Collecção de phrases, pensamentos e anecdotas"

(Recapitulação dos melhores autores)

Havia ali a lascivia, com ares de meizinheira:

"A Vespera do Noivado"

(Conselhos aos noivos e aos recem-casados)

E romances de rufiões e contos de traviatas,

"Segredos do Amor"

(Historia de amor, cheia de emoções que enebriam e prendem a alma).

O folheto era anonymo e illegitimo, como "flores de lupanar", Mas havia a obscenidade responsavel de Kock, e Feydeau, como

"O Amor de um lado só"

E

As Memorias de uma Mulher Bonita

Jean Mercier encabeçava uma collectanea de formulas secretas, e eram os

"Gosos e Prejuizos do Amor"

Malthus passou por ali em cuecas.

— Demoniaco Malthus!, chamei-lhe.

Cabriolou três venereos remoinhos e disse-me com a voz eunuchoide de mascarado:

— Sou o

"Amor e Segurança"

"Arte de evitar a procriação"

— ...sou esteril, continuou, mas fecundei os ovarios de João Romano Torres & Cia., de Lisbôa, faz favor?

Era, portanto, uma boa porção da bibliotheca do Juiz, a obscenidade compilada, em edições corrigidas e augmentadas... Faltava-lhe porém a licenciosidade classica e veneranda sob a capa erudita do latim, ou sob a formula literaria do zolismo, ou ainda sob a verdade revelada do Deuteronomio.

Desse pandemonio, peguei a esmo, um volumezinho. Mudou de côr o Juiz e foi explicando o vicioso excesso das portadas:

— Não sabe? o Ruy, o grande Ruy lia com muito prazer o Nick Carter, pois não? Esta brochura que Você me apresenta é obra assás curiosa. *"A Burla do Casamento"* de René Emery. Conhece?

— Pois, leve-a para ler. E' obra e tanto.

Levantou-se um pouco na ponta dos pés, levou a mão, em concha, á bigodeira, e olhando de soslaio a cálida metade, cochichou-me:

— Trata-se da costura do hymen de uma criatura infeliz, que regressa ao amor bem intencionado de um mancebo, por meio dessa cirurgia salvadora.

E alto:

— Se a sciencia disso cogitasse, além de reformarmos o nosso codigo penal, quantos corações recambiariamos á felicidade matrimonial, que as leis dos homens garantem, e as mãos de Deus abençoam!

— Deve ser de facto uma obra curiosa!

— Curiosa e afouta. Afouta é que ella é. Leve-a, collega. Em nome dos interesses da Jurisprudencia, — leia-a com attenção. Desejo a sua abalizada opinião quanto ás possibilidades praticas deste assumpto.

— A costura da honra?

E como eu procurasse consolidar a minha circumspecção ameaçada, accrescentou:

— Já compreendo que o collega não dará muito apreço ao EMERY. E' pena. Mas leia...

— Ora, Ernesto, não paulifique o doutor com estas semsaborias. Você não está vendo que isto é fantasia de romance?, inteveio a mulher.

O juiz não discutia em nenhum terreno com a sua cara metade. *"Tinha convicções positivistas"*...

Acceitava a sua orientação em politica, em tudo...

Menos em literatura.

Dizia elle, franzindo o sobrolho. E ella:

— Olha, uma destas! Offerece-lhe *"Titine"*. *"Titine"* é tão mimoso! ALFRED MACHARD é o mais delicado romancista moderno.

Foi ella propria retirar o livro, e m'o trouxe, mais dois: — VICTOR MARGUERITTE e PIERRE MILLE:

"LA NUIT D'AMOUR SUR LA MONTAGNE"

Entre os tomos de sua Excellencia, muitos havia com a lombada voltada para o interior da estante.

Saquei de um, ao acaso. Era um ESCRICH. Ella riu:

— Estes livros são muito disputados pelas comadres, e levam, quasi sempre, extravio. Ernesto injuria-se... Assim, invertidos como estão, enchem a estante, e passam juntamente despercebidos...

— Pois, eu tambem gosto de ESCRICH, intervim, urbano, interessado, afim de pôr termo á atrapalhação do homem. E que são os romances modernos, senão os escriches estilizados, expurgados dos lances peripatheticos e das intervenções inesperadas da Divina Providencia? Conhece a *"Historia de um Beijo?"*

— Livro de grande alcance! — clamou o Juiz.

— Pois, olhe! — continuei, devo o meu nome á grande impressão que o Conde de Loreto causou á minha mãe. Sou congenitalmente romantico. E tenho

para mim que hei de findar os meus dias como qualquer Tranca ruas de mestre Perez.

— Mas, que coincidencia!, acudiu Vulna a rir: — meu marido chama-se Ernesto... O sr. é Fernando... Vocês teem razão, não se póde zombar de Escrich...

O Juiz franziu o sobrôlho.

❦ ❦ ❦

NO OITEIRO DO INCENSO

"Até que sopre o dia e declinem as sombras, eu irei ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso.

Toda tu és formosa, amiga minha, e em ti não ha macula."

CANTICO DOS CANTICOS, 2, 17.

HA nos arredores desta villa um bosque murmuro, onde as laranjeiras e os manacás permutam algazarras de asas e perfumes de flores montesinas.

Por isso, os passarinhos e as abelhas são prodigos de vocalizações e de zumbidos, no brando resomnar daquellas soledades.

Aprás ao santo chylo do vigario vir passear sob as arvores as apprehensões e as canseiras dos dias canicula-

res, e praticar com a pupilla os suaves exercicios das amizades lealdosas.

Eu sabia da pachorra do velhinho e quiz aos meus olhos matar saudades de Constança.

Velha saudade já!

Havia três dias que ella chegára.

E tão guapa e tão differente daquelles tempos de menina!...

Tão alta já ia, que o viço das suas carnes não mais lhe permittia voltar ao collegio, onde as meninas da sua idade, junto a ella, mais pareciam discipulas que collegas.

O cabello castanho de Constança guardava o desalinho dos seis annos. Era-lhe o rosto oval e meigo, com o signal que emigrára das marés de equinoxio dos seus olhos pardos, para a tempora, onde o fio dos pensamentos se enredava.

E sobre o nariz, recto e — os labios, finos; e a pelle, alva, um pouco de languor e de tristeza...

Quando o sol ia no coruto da serra, e os caminhos se animavam ligeiramente com as sortidas da Semana Santa alardeadas á matraca, eu penetrei o bosque encantado dos meus pensamentos, encalçado pelo meu fidelissimo "Delegado".

A terra fôra lavada pelas chuvas torrenciaes que desceram das encostas. As mimosas tiritavam recolhidas. Mas não era a frialdade daquelles ares que me punham tremores frios pelas mãos.

Pouco se me dava que Constança sentisse naquella geleira abrupta, o santo officio que me entoava o coração.

Temia as desconfianças do vigario, sim, bom entendedor dessas velhas, tendenciosas fraquezas dos colloquios.

E fui pensando como lhe devia falar, como lhe offerecer as "bôas vindas".

E discuti e assentei todas as diligencias, — um cumprimento affectuoso, aphonico, e a mão que estenderia gelida a Constancinha.

E ao velho, atalhando supposições de pouca benignidade:

— E' o que lhe digo, Padre-Mestre. A' tarde esfriam-se-me as extremidades. Males do estomago, talvez .

E iria derivando a palestra para outros "assumptos graves".

A's vezes, porém, a fala das ponderações deprecava-me considerasse o ridiculo daquella approximação commovida, daquella timidez extemporanea, ante uma companheira de infancia doutro dia.

Parei hirto.

Era "Delegado" que rosnava a um lado.

E Constancinha, a vinte passos, sentada a um tronco, costurando. Não ouvira o meu cão, porque continuou no mesmo recolhimento em que jazia. Sem saber o que fizesse, estive, uma que duas vezes, para retroceder...

Mas dessa indecisão me veio tirar expedito o "Delegado". Interviera á bruta, latindo contra a desattenção da moça.

Approximei-me, com voz sumida e tremula:

— Bôa-tarde!

— Bôa-tarde!, disse, curvando-se de novo no croché. O silencio de entorno e minha irreprimivel timidez separaram-me della. Não acertava com o meio de solicitar-lhe a attenção; não atinava palavras, orações, fragmentos de orações... Passei a mão irresoluto pela cabeça:

— Tenho, coisa a tratar com Padre-Mestre. Está elle em casa?

E logo acudi familiar, concertando o desproposito da explicação e o vexame das minhas attitudes:

— Mas você está outra, Constancinha!

Os seus olhos cairam no croché, rolado com frenesi entre os dedos compridos, espiritualizados.

Oh! a triste contingencia das palavras!

Neste momento invejei a condição bruta, mas não criminosa do "Delegado", o impasse eloquentemente silencioso dos sêres inferiores.

O sr. Vigario não estava.

E a cada pergunta minha, Constança respondia indecisa e cerimoniosa.

Foi assim a realidade do meu primeiro encontro com Constança.

A MINHA AGRADAVEL MOLESTIA

"Elle faz signaes com os olhos, bate com o pé, fala com os dedos."

PROVERBIOS, 6, 13.

A minha molestia começou "pelo principio", — pelo dedo minimo do pé esquerdo.

Foi aquillo uma coceira deliciosa, em que a prurigem dos devaneios se fartava.

A's vezes refestellava-me na palhinha da espreguiçadeira, perna ao léo, olhar infixo, vendo fugir o tempo esfragmentado em rodinhas velozes que desappareciam umas após outras, no espaço azul, e esfregando calmamente aquella minima coceira amavel do meu dedo.

Lá longe, o Piranhas, impiedoso fungador de clarinetas dominicaes, hypnotizava os ares.

E a palpebra do burgo caía somnolenta sobre os olhos abrasidos de soalheira.

O dia abotoára no lethargo das sestas.

Pela janella, muito além, muito além, o enorme ventre da serra denteava-se em diorama, de lés a lés, sob a luz profusa, dos firmamentos estivaes.

Um urubú pairava no alto livido dos céos. Tanto me parecia, era elle o joalheiro daquella machina azoinante de torpores.

As horas tontas da theangelide dos tédios rodavam vagarosas os ponteiros do tempo. Era aquillo como um esvaimento do meu ser inteiro, — pela raiz, por todos os contactos com a terra em que eu nascera...

Era o meu proprio eu, a minha propria pessoa que vasava, que fugia, corria de mim.

De então para então, a minha dextra descia sofregamente até o minimo dedo do meu pé, as minhas extremidades se encontravam, se emmaranhavam, se ennovelavam...

— Que coceira esplendida! Que coceirinha gostosa!

E eu coçava-o, enquanto o devaneio decorria suave e os meus olhos passeavam pelo papel das paredes da minha saleta de estudos, pelas rumas poentas dos meus livros.

Eram cinco as prateleiras de encarnados, três as de brochuras, e acima, num caixilho escuro, em que a minha ama depusera um retalho de crepe, o retrato solem-

ne do meu Pae, — barba negra cerrada, os olhos doces, a fronte lyrica, o jeito destemido de capitão mór voluntarioso...

No desvão largo de uma janella alta, o meu "Delegado" parecia mergulhar no mesmo vortice de allucinantes pausas.

Eu via-o erguer-se, uma orelha levantada, outra caída, impreciso...

De subito, abatia-se no chão, voltava-se sobre o dorso, revolvia-se no soalho, num extertor surdo contra o inimigo commum...

Uma aranha, morosa, subia e descia, pelo mesmo fio, indeterminada, como se tivesse perdido a noção geometrica das suas architecturas.

E as sonoridades do Piranhas iam e vinham como por uma pauta de um só fio, recortando a melodia de semi-tons, que vibravam pesadamente no ar, em tremeliques de semifusas, deglutidos por "uts" breves de pistão.

Tudo palpitava em relatividade de communhão, dentro do mesmo acto mental.

Num angulo de parede, o meu pae havia appendido, para o repouso dos seus olhos de desterrado, uma oleogravura de Chaplin, "La lyre brisée", e no extremo da saleta, os tons casquilhos do "Le bon Bock" de Manet.

Era este um barbante obeso, de olhos profugos, suspensos ao amavel chope, ao pito negligente das meditações.

Era aquella, a varia e ardida donzella das velhas paginas vergilianas:

A lyra a um lado, quedara na contensão agonica do som, — era o nó corrido da arte, para suffocar nervos... e que acalmava os de meu Pae.

São asim as coisas da pintura: — meia sensação. Vejo-as sempre retemperado, com tranquillidade, sem impetos. O espirito nellas estaca, como cavallos a pino.

Não foi a emoção, foi o freio que os ergueu.

Mas aquella rapariga é o mesmo tope de Constancinha.

A cabeça pendida entre as scismas vagarosas, e o busto nú, mal viera rompendo para os desejos da adolescencia, com os peitos pequeninos, durinhos, meu Deus! quanta inexperiencia das dôres da fecundidade, das marés lacteas dos apojamentos!

Nas estantes, numa primeira fila inconsutil, dispus os famigerados escriches da minha primogenitura.

Elles pesam no meu destino, como o pensamento de Jehová nas escripturas sacras.

Costumo ver nelles a pagina do meu "fiat", a razão de ser do meu "eu".

Elles inspiraram o meu nome, — sou pela realidade delles, como pela realização da minha pessôa, tal como aqui, estou, pensando no milagre das reproducções, através daquella estatueta allegorica do "Semeador", que igualmente ficou de meu Pae.

Era meu Pae um espirito trefego, que sabia huma-

nizar a preceito as horas de ocio com os romances aventurosos, eterna fonte de rejuvenescimento para elle, que morreu sem desfrutá-la integralmente. Ali, sobre a minha, outr'ora sua, mesa de escrever, elle tinha á mão o seu riso gentil na phrase voluptuosa do Juiz:

—*"O leão de Lucerna"* (era um baixo relevo em madeira) *"escadeirado pelo sonho temerario da familia real de França"*.

A phrase do Juiz, o sorriso do meu Pae, e noutro plano, o leão de Lucerna, o escadeiramento foram para mim uma iniciação. Muitas vezes me vi a errar por ali, em torno, sem saber que fazer, que pensar, a clamar, puerilmente, as palavras do Juiz:

—*"Este é o leão de Lucerna, etc., etc."*.

Os tempos passaram.

Foi no jure, em plena solemnidade forense...

Ora, bolas! Que coceira!

Eu marcava passo no passado, detendo-me aqui, para derivar além, pairando como as libellulas á flor das coisas, indo e vindo por todos os recantos da minha saleta, a mesma saleta em que os Magalhães Tenreiros, por banda do meu Pae, no correr de muitos annos, pensaram, devanearam, ouviram as clarinetas meridiaes de toda uma geração de Piranhas...

E coçaram as comichões das suas ociosidades.

E' DIA DE MISSA !

"Aparta os teus olhos de mim, porque elles são os que me fizeram voar."

CANTICO DOS CANTICOS, 6, 4.

PADRE Josué é um homem complexo, mesmo como sacerdote e ministro do altar.

Complexidade não exclue cautela.

Isso de engrolar latim com o pensamento ao léo, ou adulterar a indumentaria sacra não é do seu amanho.

E' genuina a sua lithurgia. Já fui acolito de Padre Josué. Tinha então oito annos, se tanto. Constança gostava muito do ministro sacristazinha de s. revdma., o que me punha brios de clerigo regatão na santa pratica das coisas devocionaes.

— Fernando!, dizia-me o Padre, com devota unção

na voz, toma tento, meu filho, nas sacras obrigações de Nosso-Senhor. A casa de Deus quer-se areada e limpa como a adaga de um Templario, os altares arranjados, flores nos jarros, as velas sem monca, cheiinhas as galhetas, os paramentos escovados, o latim escorrido, as genuflexões integraes, o olhar para os cimos...

Ora, por essa época de apraziveis exegeses, eu via Deus em toda parte, e amiude o procurava nas pupillas da pupilla do vigario, sempre voltadas para a minha meninice, a que as sobre-pellizes, bem talhadas, davam um ar de seminarista calaceiro.

Padre Josué era madrugador. A's seis horas, as portas da egreja deviam estar abertas, de par em par; ás sete, as luzes accesas, ás sete e quinze, paramentava-se para a sagrada funcção, murmurando contricto as palavras rituaes:

"Indue me, Dominem, novum hominem qui secundum Deum, creatus in justitia et sanctitate veritas."

A's sete e meia, eu auxiliava o celebrante. Dava-lhe o amicto pelas extremidades, em que há fitinhas beatas. O tamanho de Padre José não permittia que lhe vestisse a alva; então, eu a dispunha, cauteloso, na commoda, para que elle a tomasse como preceitua o codigo santo.

Offerecia-lhe o cingulo, apertava-lhe ao braço esquerdo o manipulo, levantava a estola e reverenciava com

um movimento de cabeça a sacratissima casula. Entravamos no presbyterio, — Padre Josué na frente, com o calice na mão, eu dois passos atrás com o meu missal. O orgão gemia a glorificação do Criador de tudo o que é bom e de tudo o que é justo, enchendo as naves de acordes, e a alma dos crentes de celestiaes ebriezas.

Quanta saudade!

No "Confiteor", ao inclinar-me, relanceava os olhos em Constança, que ali estava, como Nossa-Senhora, vendo o seu ministrozinho e o drama que ia começar.

Naquella missa dominical eu viera recordar o tempo distante, e como outr'ora, preso ao pensamento do mesmo affecto.

— Bemdito seja o misericordioso Deus dos humildes.

O templo encheu-se com a turba-multa dos devotos de todos os pigmentos, estratificada em selvicolas tropicaes, — desde o lidimo "homo afer", representado em cabindas authenticos, em minas congos e bantus legitimos, á variada escala ethnica dos mestiços.

Cafusas puberes, mulatinhas nubeis, mamelucas, adolescentes ali estavam, lado a lado, com o "pé-de-chumbo" de aventurosas andanças.

Em cadeirinhas estofadas ajoelharam-se as dominadoras "senhoras de engenho" e as citadinas casadoiras. Beatas devotas de mantelete escuro na cabeça, e longos rosarios de contas negras, rezavam baixinho.

Soaram campanulas. Do supedaneo ao altar desen-

rola-se então o officio lithurgico, ascensiona em cumulos de incenso, sobe ao Paracleto.

Ajoelha-te, homem sem fé!

E' o Paracleto, a essencia luminosa da verdade, aquella que penetra o teu intimo e diz:

— Eu é que sou o Alpha e o Omega de tudo.

Procurei Constança.

Lá estava, ajoelhada, vestida de branco.

Padre-mestre curvava-se, juntava as mãos:

— *Introibo ad altare Dei.*

— Até o Deus que alegra a minha mocidade, dizia eu com convicção.

— *Ad Deum qui laetificat juventutem meam.*

Prodigo de olhares, eu via-a vergada sobre o livro de missa, muito pallida, e absorta na oração. Não sei porque, mas aquelle recolhimento, deferente ao Deus, indifferente á pessoa do seu amor, começava a molestar-me.

— Por que estás triste e por que me conturbas, ó minha alma?

Quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?

Era o coração a bater-me mais apressado... Talvez deshabito de ajoelhar. Ergui-me. Talvez não fosse o momento proprio de erguer-me, de olhá-la...

Tanto assim ella me fitara! Tornei aos joelhos.

Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, salutare vultus mei et Deus meum.

— Espera em Deus, porque ainda lhe renderei graças...

A divina tragedia proseguia. Approxima-se a hora violacea. Judas esgueira-se, obliquo e torvo. As ruas jerosolimitanas fervilham de publicanos e vendeiros que vão ao templo. Mulheres angulosas levam amphoras de unguento. Cochicham-se conspirações. Caiphás pontifica. Pilatos abluciona os dedos. A voz de Zacharias resôa tremenda como os lemures das sepulturas. Agoniza a sarça prophetica nos vaticinados cimos. Vae emmudecer o Verbo de Genesareth. Iscariotes, bestial e torpido, entra no Jardim das Tormentas, beija o Homem e vae contar no telonio as trinta moedas do suborno...

— *Ite missa est.*
— *Deo Gratias.*

Velho tempo, bom, dos meus oito annos! Quanta saudade!

OBSTINADO LUBRICO

"Elle passa todo o dia a cubiçar e a desejar; mas o que é justo dará, e não cessará."

PROVERBIOS, 21 26.

OBSTINADO lubrico, disse-me áquella hora, alguma coisa que existia no meu cerebro, aquieta-te, vence-te, o corsel das paixões despenhar-te-á na inutilidade dos anseios esterilizadores.

Liberta-te para vencer, incorrigivel e cerebrino fauno.

Tu precisas domar o instincto e tirar delle a domesticidade da vontade.

Subjuga-te á disciplina dos fortes, dos que renunciam ao desvario do sexo. E sóbe, sóbe para amar no

alto, que de rôjo só os bichos amam; e faze do teu amor uma fonte de inspiração perenne.

— Esthesia! Esthesia! tartamudeei, Constança é a saturação colorida, fronetal do meu amor. Tudo em Constança é a correspondencia luminosa do Bello, com as minhas extremadas sensações de eleito. Já pensei, já versei toda a dialectica do meu affecto, — philosophei como Empédocle, deduzi com Aristoteles, devaneei como Cicero, senti subjectivamente como Epicuro.

Entre o amor e a amizade de Constança, criei um mundo novo, impregnado de sol e de renuncias viris, — um pedaço da Grecia antiga... Ora, amizade e amor são synonimos na lingua grega...

— Mas tu não és grego. O grego tinha o Olympo, a cumplicidade dos deuses que faziam do amor uma delicia casta. Os gregos foram um povo simples, de alma singela. E a tua alma tem mil almas dentro della; a profusão das raças formadoras despejou no vasadouro proteico do teu ser o pensamento dos ocios obrigatorios e das tarefas humilhantes, a catadura de quatrocentos deuses broncos, concupiscencias cevadas de calmarias e de isolamentos, luxurias curtidas de sol e todo o artificialismo decadente europeu.

Tu! Chamares-te grego, o povo que saiu das plantas de Zêos, para o solo abençoado da Hellade, tu, advena e nomade, a celebrares a tua apotheose como Empédocle...

Philosophar como Empédocle não é discernir como

Platão. A besta fogosa da allegoria de Phedra não alcançará jámais o "*Meniké*" de Socrates ou a plenitude do amor intelligivel do philosopho, — a belleza absoluta.

Eu: Cala-te! Numa noite destas, com o rumorejo que me circunda todo, com a alma evocativa da lenda que me toma toda, melhor fôra te calares, trasgo, demonio, consciencia, o quer que sejas!

Constança! Chama-se Constança o meu amor em botão, o meu amor pubere, o meu amor sem experiencia de amor. Constança! Constança! Apraz-me aos labios sedentos, a rubra canna-fistula dos teus labios, o roxo sapucaia dos bicos dos teus seios pequeninos.

Estranha arvore nova que se floriu para mim, deixa-me que te cinja o tronco, os teus ramos viçosos, a tua revolta coma.

E a voz do Sub-Eu:

— Escuta ainda! escuta ainda!

E' Constança virgem de tudo! — nessa intacta organização, a tua inconstancia atavica accenderá relampagos de tormenta. Vê bem a torrente de lodo que vaes derramar naquella santa ingenuidade.

Eu: Não! Constança há de ser o meu poiso, o refrigerio das minhas ardencias, o oasis do meu deserto, a minha cura. Diz-me a voz dos presentimentos que a virgem dos meus deslumbramentos esmagará com o seu pézinho providencial a serpente da concupiscencia que os sangues férvidos alimentaram no meu ser. Praticarei o amor cheiroso e casto, que a Santa-Madre recom-

menda, o amor jugal rescendente a ramos de lirios brancos. Respeitarei o santo sacramento, senhora Consciencia, ou o quer que sejas!

E a voz do Sub-Eu:

— Não é bem isto que se quer, eminente voluptuario. E' a placidez, a serenidade, a correspondencia suave, o sentimento propulsor, mas firme, multiplicador, mas amparado pelos alicerces do sangue. Conta as tuas pulsações, — o calor tumultuario dos teu desejos crestará ao invés de fecundar, o gyneceu que tu queres possuir. A tua versatilidade, o teu artificialismo no amor corre parelhas com a insinceridade da tua Arte-fogos de salão. Isso tudo é incompativel com o lar.

E o lar é um temperamento, meu grande voluptuario.

Então, a alma contemplativa dos meus avós pairou sobre mim. No alto a noite capitosa de Natal propiciava os piedosos surtos.

O embevecimento sentimental dos seculos, a renuncia humilde dos meus beatos avós, tudo isto fez-me estacar o espirito.

Peguei de um tomo do "Retiro Espiritual" que Constança me dera a folhear, abri-o na pagina das meditações daquelle dia, li-o com o fervor antigo até que adormeci.

UMA TARDE EM JERUSALEM

"Não olhes para o vinho, quando te começa a parecer loiro, quando brilhar no vidro a sua côr; elle entra suavemente".

PROVERBIOS, 23, 31.

POR detrás do Batujá descorava-se o sol. Uma aragem alviçareira descia o monte. Acinzentaram-se as serras das Pindubas e as cigarras entoaram o côro votivo das donzellas loucas. Uma tropelha de burros passou. Desviamo-nos. Entramos a casa abandonada dos Vinhaes, eu e Vulna.

Dentro a solidão das casas despejadas; fóra a soledade eriçada dos oiteiros bravios e das plantas quedas.

Depois que a cidade se transportára á baixada do

Mundahú, com o apparecimento da Estrada de Ferro, Batujá decaíra.

Vinte annos depois era aquillo.

Armazens de compras fechados, casas em ruinas, as janellas limosas, os cercados podridos, — a dos Vinhaes, com o portão lateral que dá para a varanda, ao vae-vem dos ventos e dos vadios.

Nem a gente esfarrapada dos mocambos nellas se albergava. Grandes demais? Muito lume para alumiá-las. E se quase todas não fossem mal-assombradas, os proprietarios ao verem os pobres nellas aquartellados, exigiam em troca da occupação tudo areadinho e ademais, as hortas com legumes, abelhas afanosas nos cortiços e, do batente aos quintaes, a casa tão nova e fartazinha como o araticum temporão que verga o araticoeiro. Por vezes a sordicia perambulante e avida dos ciganos abancava por ali. Uma semana, se tanto. Depois o Tempo vinha e se apoderava intermittentemente dos seus dominios.

Mas o tempo é um grande vacuo...

A mulher é o abysmo que o preenche...

Vulna penetrou o salão franqueado pelo abandono, e o silencio a envolveu.

Enfiou pelo corredouro, pelos quartos espaçosos e camarinhas... E de novo o silencio!

Sempre o silencio! Uma topada que a minha abstracção projectára numa taboa pôdre, atravessada no mosaico da copa, encharcado de gotteiras, explodiu num

sonido medroso, prestes extincto por uma risada de Vulna.

Até a fauna daquella soledade era silenciosa e triste.

Quedei a contemplá-la na lama e no cisco que ficára com o arremesso da taboa, — minhocas, vermes incoherentes, viscosos, larvas fungoides, basiliscos de configuração extraordinaria, com pellos e cristas no occipicio e na cauda, myriapodes caminheiros, aguerridos potós de cauda bifulca e olhos insomnes, e a sociedade anonyma dos reptantes e dos androgynos.

Era um arraial como qualquer outro...

A não ser aquelle que eu trago dentro em mim... Bandas de musica.

Bazares. Funambulescos e elasticos palhaços desarticulam a espinha, reptam-se, — dentro de mim...

Cabriolam; fazem signalefas...

Seus mais modestos passos são pulos de morte...

Seu descanso, — a cambadela permanente!

Desmentido alado ás leis esquecidas e desattentas do equilibrio...

Mas agora era a tentação. E ha quem fuja contra a tentação?

E... e as minhas pupillas, as minhas pupillas caíram em cheio nos olhos-della... Vulna! Colleante, ondeante, veio ter em minha frente. De quando em quando interrompia o minucioso exame das unhas ponteagudas.

Ou se quedava de olhos longinquos, que não viam,

— mas deviam perceber, entre um peito e outro peito, sensações subjectivas de uma renuncia forçada.

Fiquei alheado, sem nada compreender de mim mesmo, nem della.

Pesavam-nos nas palpebras olhares que não podiamos retribuir.

Ella sentia em torno de si, aguda, flammante, a curiosidade dos homens que eu tinha na alma, picando-lhe o subconsciente de farpas agudas. Tenho um arraial dentro de mim...

Tacteio a multidão...

São cavillosos, cains lendarios, teratologicos, ibsenianos, viciados.

Vae longa a parada das gentes lassas dos cafés orgias, dos alfacinhas e dos literatelhos.

Eu tenho um arraial dentro de mim...

Festas de caridade e ruidosas manifestações politicas.

De subito, o vortice para, a tarantula estaca, — um miserabilissimo cégo de espinha recurva e pernas cambaias anda pelo braço de uma menina.

A indifferença congenita dos elegantes responde-lhe com equivocos gestos de

— Passa adeante!

Mas, a um canto, a alma piedosa de um embarcadiço olha-os, interpreta-os, apieda-se nelles.

— Fernão! Se tu fôras cégo, paralytico, surdo, mudo!

— Mas eu sou marujo! Toca a singrar o mar tenebroso das sensações...

Atiro-lhes uma prata.

Dentro de mim existe um arraial nocturno...

Mas há dulcidos bambinos tambem, e adolescencias valerosas e velhices incansadas, valentes e ternos desapegos. Ha a tortura do artista e a superstição do nomade, a paciencia do sabio e a resignação fatalista do advena, — um redil e uma jaula, um pombal e uma toca de raposas.

E o arraial vive tumultuando em mim.

A curiosidade de Vulna desembocou na despensa espaçosa, denunciadora da abastança daquella gente, antiga sesmeira de muitas sesmarias. Sob as telhas baixas um casal de carriças nidificava ternuras. A cabecear, desceu um calangro lambareiro. Na parede do fundo estadeava-se a carvão uma figura obscena, e, abaixo, a dadivosa legenda: "Para quem lêr".

E Vulna:

— Você quer ficar morando aqui mesmo?

Então a cumplicidade do silencio, a opportunidade da solidão acicatearam-me o desejo.

Cheguei a estender as mãos para ella, creio eu, e os olhos devoradores, mas... eu sou uma complexa masculinidade.

Naquelle momento faltou-me o gesto decidido, a impulsão dos singelos seres de Nosso-Senhor. Só o homem,

o cerebrino pitheco das civilizações é uma complicação amorosa que quer e não diz.

Confeiçôa a posse com a renuncia e a dilação dos sentidos obscuros.

Enicotarsos devem andar por ahi, enlapados muito naturalmente no gôso fugidio e suave das asas, devem andar.

E eu neste momento morno de instinctivas correspondencias, sómente eu, não tenho a simplicidade dos homens primitivos para derrubar sem gravame a femea e perpetuar pelo mundo a sinuosa especie.

Era já bem tarde.

Passaram os ultimos rebanhos. Um gallo amoroso por ali perto, galgando o poleiro, convocava as franguinhas do seu harem.

Os garotos do Congote interromperam as disputas ao pião, e o sinos da Magdalena tangeram as trindades, lentas, vagarosas... somnolentas...

Trissos. Noite.

CONVALESCENÇA

"Duas são as filhas da sangue-suga, que dizem: Traze, traze. Há três coisas que são insaciaveis, e uma quarta nunca diz: Basta: o inferno, e a bocca da madre, e a terra que se não farta de agua; do mesmo modo o fogo nunca diz: "Basta".

PROVERBIOS, 30, 15, 16.

SINTO que acórdo para a convalescença e o que está em meu redór é musica, é vida...

Esta lassidão que me toma os membros e amortece as palpebras, oh! deve ser o halito das coisas de Deus, e a harmonia que me penetra todo, e tepidamente me envolve, — não me engano, — são os numes de Beethoven, Mozart, de Chopin, talvez...

Mas a alma que está em mim, que ausculta o que vou pensando, — estou que não é minh'alma, não.

Vem de fóra para mim.

Este sol tão claro e tão suave é o sol da manhã que está raiando em mim!

Há-de ser o despertar do dia, esta hora...

O rumor que eu oiço é o bocejar das madrugadas!

E' qualquer coisa como a loucura do arruido, assim cheia de intermittencias e de imprevistos!

Eu quizera não estar tão fraco, e com essa voz confusa, gritar!

E encorporado nella redemoinhar!

E dilatar-me em circulos concentricos pelo mundo fóra!

Alguem tóca em surdina ao piano.

A angustia divina das teclas se esvae, e agora o que eu percebo é a musica profundamente humana do Criador!, — o clamor do trabalho, o cri-cri de um grillo tresnoitado, o rumorejo das carriças no telhado, e lá longe, lá longe...

Não, isso aqui perto, é o latejar das minhas fontes.

E vou passando livremente a mão da consciencia, ainda atordoada pelos deslumbramentos dos sentidos despertados, á superficie do tangivel.

Os meus pés sentem a tepidez das colchas, e as minhas mãos livres, accionadas pelo desejo dos contactos, tocam a cortina do leito, diaphana e leve, como as representações do meu espirito.

O aposento é espaçoso, com duas janellas para a horta, de onde me vem um cheiro de terra fertil e um zumzum indeterminado de insecto desejoso...

Alguem passa arrastando os pés. Uma trouxa de roupa transitou pelo postigo. Com os olhos errantes da alma, eu attingia naquella hora de transfiguração os destinos, as finalidades escusas do Cosmos, entretessendo antitheses, architectando fins, vendo rodar na cegueira da vida as inesperadas pelejas da materia.

E na minha abstracção elevei a Joanna-lavadeira em divindade...

Criei um mundo novo, á fórma e semelhança de uma trouxa de roupa...

Jupiter os devera ter criado assim, espheroidaes e achatados nos pólos...

Uma trouxa de roupa é um mundo animado de anaguas, de corpinhos, de fronhas, de lençóes e toalhas servís, em resumo dos homens e suas preoccupações...

E qual é a maior força desse mundo?

Onde o segredo das suas actividades?

— O amor, Joanna, — olha as anaguas, — torna-nos semelhantes aos deuses, faz vibrar em nós o poema symbolico dos plasmas que se geraram delles.

Por elle, retrogradando pelo caminho da Racionalidade, nos elevamos ás Essencias unas, ás Formas primeiras, ás Energias intelligentes...

E desfazendo aquella trouxa de roupa com o desembaraço de Jehová, compondo e decompondo um cháos,

eu mostrei-lhe, peça por peça, todas aquellas coisas mencionadas, Lôdos genesicos, Essencias unas, etc., etc..

Mas a Joanna, deu um muchocho, arrepanhando as fraldas, arrastando os pés...

Continuei a sonhar, sem dormir:

Pela vereda que vinha do rio, surgiu cantarolando uma cafusa nova, com o pote á cabeça, o braço direito erguido, segurando a rodilha. Passou rente, rija, espigada, como uma hamadryada trigueira, que largasse o thyrso, e fosse com a sua amphora buscar agua.

Eu era Pan, e sentia-me palpitar em tudo, — na algazarra eterna dos ramos, na toada das aguas despenhadas, no sonho mysterioso das folhas que vão ser flores, no resomnar casto das sementes que vão dar fruto, na caricia das lianas e gavinhas, nos vegetaes polygamos, variegados como arraiaes, no tumulto dos seres nubeis, que soffrem, amam e se perpetuam, correndo o cyclo da vida.

Josepha-lavadeira, porque se julga a sós com os innocentes bichinhos de Jupiter, vae despindo as bellezas selvagens que lhe couberam em sorte de nympha cafusa.

No remanso em que ella, a Purificadora, bate a roupa, ha cigarras perennes, bambús na outra margem, ingazeiros verdoengos...

Josepha entra a caudal até as coixas morenas, a camisa arregaçada entre ellas, o cabeção de croché, impel-

lido pela arrogancia dos seios rijos, quase opulentos, tostados das soalheiras inclementes...

O braço valente aroja o panno encharcado contra a pedra de bater, e a axilla, indiscreta, cobre-se e descobre-se, piscando a tentação dos arrochos amorosos e as rendições plenas das saciedades. No Nordeste toda lavadeira de roupa é bôa cantadeira. A cantiga é uma alternancia de poucas notas, rendilhando a corruptela dos fandangos, num tom alto e languoroso, alimentado de soffreguidões, desejos incontidos, esbraseados e rubros, como jaguares rubros.

— Mas, para onde acaso me levaram? Diligencio recompor o que se passou na vespera, — remota vespera!, — e digo para commigo:

— Ora, vejamos só. Hontem, hontem... Estive almoçando... Bebi... Mas, onde? Em casa do Juiz... Mas, quando?...

Ergo-me um pouco e tóco a olhar em torno.

— Bebi... Fizeram-me beber... Talvez que me tivesse embriagado...

Um relogio começa a bater horas.

Procuro-o á direita e á esquerda, — dou com o rosto de Vulna, assentada numa poltrona, as mãos deixadas no regaço e o olhar no alto, meditabundo.

— Vulna! — exclamei, procurando erguer-me.

— Muito bom dia, tornou ella. Aliás, muito bôa noite. Dormiu-a bem!

Puxou até a borda do meu leito uma cadeira de

vime. Passou-me diversas vezes a mão pela fronte, como quem experimenta o rescaldo dos febricitantes, e com a sua voz velludosa e fresca:

— Sabe que foi além da medida?

Por dois longos dias eu pairára á beirinha da morte, fóra de mim, a dizer coisas...

Ao depois, com o auxilio da Padroeira, tinha vindo melhorando, melhorando...

— Estes senhores homens... Bebem sem conta, ao Deus dará... Sem medir as consequencias... Olhe o Ernesto!

— Com que então? — repliquei. Embriaguei-me e deu-me hospitalidade?

—— Não foi tanto embriaguez. O dr. Mattoso fala em outra coisa... Juntou-se uma com a outra... Você não vinha doente do dedo do pé? Ai! quanto eu era estimado, continuava a minha enfermeira. Ninguem dispunha mais de perna para attender ás indagações. As visitas haviam sido innumeras. Ernesto cabeceava de somno, tresnoitado, fatigado de pegar o sol com a mão. Naquelle momento, emquanto elle dormitava, viera vigiar o seu doente, após haver despertado a casa com uma surdina qualquer.

E foi dedilhando o rosario das informações, as promessas de Sinh'ama, a solicitude do "Delegado" a rondar-me o leito, concentrando na resignação de sua amizade obsequiadora e humilde.

Padre Josué viera á noitinha saber... Queriam pernoitar.

— Como assim, Constancinha veio vêr-me, perguntei com voz sumida, e depois, cobrando animo:

— E' muito bôa...

— Quem? Eu? Eu sou egoista...

— Egoista?

— Justamente, egoista.

Sentou-se á beira da cama. Pegou-me numa das mãos, envolveu-me num olhar demorado...

— Sim, tornou ella, veja só a que deve a sua presença nesta casa!

— Está gracejando...

— Ao meu egoismo, a uma trahição!

Olhei-a.

Achei-a formosa.

Egoismo e trahição!

Tudo nella suspirava por uma grande obra, por uma grande penna, desde o olhar velado e dolente, até os cabellos revoltos, caíndo-lhe para o collo, em ondas confusas, — tudo, o roupão quasi transparente, e através delle, os ombros deliciosos, os seios violentos, os labios tumidos, e sobre os labios, as palavras cruentas, singulares:

— Egoismo e trahição!

Ella sentou-se á beira da minha cama, apoiou o braço de jaspe no meu peito...

. . . . . .

NA PHARMACIA DO MATTOSO

"Ouvi, porque tenho de vos falar de grandes coisas; e os meus labios se abrirão para annunciar o que é recto."

PROVERBIOS, 8, 6.

NA pharmacia do Mattoso commentava-se a effervescencia da politica ingleza, as agitações externas da Gran-Bretanha, a revolução da Irlanda..

— Uns bandidos, uns cangaceiros... E ainda se diz que nós, por aqui, é que somos os atrazados...

— Qual o que! Você não sabe apreciar. Gente ordeira! Em materia de politica, são os homens mais adiantados do seculo. Jejuam dois mezes para manter uma opinião, emquanto os nossos homens se fartam nos dinheiros publicos, comendo e comendo sem parar.

— Politica interna!...

Era o juiz que se approximava, muito solenne, enrolando com os fura-bolos as extensas guias do bigode.

— Não senhor, politica externa, contestou o barbeiro Ruy Barbosa, — Ruy-Barbeiro, como acudia na giria, — estendendo-lhe uma cadeira e o "Diario de Pernambuco", aberto na pagina dos telegrammas de ultima hora. Não senhor, politica internacional, as agitações internas e externas da Grã-Bretanha.

— Consequentemente, as desuniões do Reino-Unido, tornou o juiz, com immensa autoridade, percorrendo a assembléa com os olhos dogmaticos.

Porém o Mattoso andava intrigadissimo:

— A proposito, você conhece o inglês, o novo gerente da Fabrica de Oleo de Caroço de Algodão? Sabe informar quando a Fabrica recomeça os trabalhos?

Faltava-lhe tudo depois que a usina fechára, — em casa, o azeite doce; e o oleo de amendoas, na pharmacia. A "Malhada" no curral, comera-lhe, ha muito a ultima torta de farello de algodão.

— Pois agora, nós vamos ter "oleo doce", tornou-le o Juiz, "oleo de mesa", "oleo de salada"... E veja bem! Aroma suave, sabor agradavel,perfeita digestibilidade. O Egypto exporta para a Inglaterra quatrocentos mil litros de oleo de algodão. Nós vamos produzir o dobro, — oitocentos mil litros nestes dois annos. Acha pouco?

— Acho pouco, atalhou o barbeiro, nós, com tanto terreno bom, andarmos na bagagem de uma colonia inglêsa do norte da Africa! Ora bolas, *seu* doutor!

— E' a verdade! — retrucou o Juiz com energia. Se elle estivera toda a tarde, deante da Fabrica, a picar aquelle "beef" com palmadinhas nas costas!... Conhecera-o no Pará, numa audiencia official. Depois tinham sido socios. A mulher era de Worcester. Um pedaço de mulher e tanto. Destas que ficam dançando na vista da gente. Fôra bailarina, estrella das mais notaveis.

— Estrella! — clamou um dos circumstantes esticando o pescoço num arremesso de curiosidade.

Os outros chegaram as cadeira.

O Juiz ajeitou os oculos de tartaruga:

— Não se perturbem. Bailarina. Fôrma numero trinta e seis. As mulheres, hoje em dia, calçam todas muito bem, e muito bom tamanho. O que dá expressão ao sapato é a posição do salto. Demais, vocês sabem, nós vemos o sapato, não vemos o pé. Foi o que a Biblia observou como ninguem, quando disse que Holophernes se deixára seduzir pelas sandalias de Judith. *"Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus"*. Mas, já me não lembra onde estava... Sim. A mulher de Yeats, era bailarina... E isso não a impediu, depois, de occupar posição na politica da sua terra... Importantissimo, sim, senhor! E percorreu com um gesto de orador popular o grupinho da pharmacia:

— Só no nosso país é que se exigem vestaes nas administrações.

Pois eu não digo, berrou o Mattoso inflammado, — nós os retrogrados, nós os impotentes!

— Nós os impotentes, nós os retrogados! Muito bem, amigo Mattoso! trovejou o Juiz.

Era de Worcester a Hilda. Conhecera-a o dr. Ernesto em Worcester, onde fôra em peregrinação, comer-lhe o celebre môlho, nas origens.

— Vejam só, dizia elle, os outros iam ás aguas, — Spa, Carlsbad... Aguas chócas!... Elle ia aos molhos, os celebres molhos de Worcester. Diga-se a verdade, — estas estrangeiras todas teem um cheiro muito especial a alhos e salchichas, — voltando-se para o barbeiro que ouvia attentissimo: — é um chouricinho de carne muito apreciado na Inglaterra. Mas a d. Hilda era um aroma apimentado, o "bouquet" do Lea & Perrins. Valia a pena conhecer, pois era coisa de se lamber os beiços. *"Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci"*.

Mas os outros não pasmavam do aroma. Aquillo eram coisas da intimidade do dr.

Positivamente, o Fedegoso, tabellião, não tinha o dom... E morava de junto... E já andára a farejar...

— Você, meu amigo, tornava-lhe o barbeiro, com esta cara de quem não come ha três dias. Você não arranja nada não, meu filho!

Ao que o outro respondia muito vermelho:

— A quem foi que eu disse que ia conquistar? Está-se falando de coisa séria...

——De coisa seria, apoiou o Juiz com dignidade. Deixe o moleque Ruy, as expansões para depois. Você fez bem, Fedegoso. Vou contar-lhe. Quando eu morava no Pará, tinha de parede meia o Tempestade. Muita amizade com o Tempestade! Era um português e tanto, muito sociavel... Muito bôa besta! O Tempestade, vendia ao Yeats, todo mês, cinco duzias das garrafinhas pequenas do molho de Worcester. E agora, Vocemecês teem uma idéa que sirva, que explique para que servia tanto môlho? Ninguem tinha. Pois o Tempestade chegou a perder o somno, pensando, calculando:

— Uma garrafa, por dia, de môlho, para os senhores, aggregados, e criados de estimação, e ainda assim, restavam-lhe duas duzias e meia de aromatico sem applicação. Depois é que viemos a saber... Peitamos a criada: — D. Hilda, todo o santo dia, um banho morno... E no banho, meus amigos, deitava-lhe uma garrafinha do Worcester...

Uma gargalhada sublinhava sempre as jocosidades do Juiz. E sempre pernostico, proseguia.

— Uma verdadeira perversão dos instinctos. Lembra-me os banquetes fantasticos do Rei-Sol, que servia *"croquettes"* monstruosas em immensos pratos de crystal. Uma talhada, e espirrava de dentro uma dama em pello...

E voltando-se para o barbeiro:

— Isso é um modo de dizer. Em pello, isto é, assim

como Nosso-Senhor plantou Eva, no paraiso terreal. Em pello mas sem pellos. Bom tempo para barbeiro!

Ruy barbeiro ria á socapa...

— Diga-me cá, ó doutor, este tal de molho de Worcester leva pimenta malagueta?

— Você é um moleque muito descarado mesmo. Pimentas de cheiro, rapaz, pimentas de cheiro...

Neste ponto a palestra se abandalhára. O juiz, muito obstetrico, fazia confidencias intestinas sobre entranhas femininas.

De subito, todos se calaram. Padre-mestre chegava, arrastando a perna, reclamando o seu logarzinho na pandega.

O Juiz explicava:

Estavam discutindo politica internacional. E apontando o barbeiro: Aqui, o nosso Figaro descrê e ri de tudo o que se diz. E faz muito bem. Uma pilheria! O Reino-Unido anda desunido... O prefeito de Cork vae no quadragesimo dia de jejum... E eu lhes dizia: — Meninos, neste mundo ha gente para tudo. Ha até quem vá por aguas... Caxambú, Lambary... Eu vou por molhos... Fôra no Pará. A borracha caindo, caindo... O governo organiza uma commissão para ir tratar em Londres da valorização do producto. Os companheiros tinham corrido para Carlsbad, Spa... Elles por aguas e eu por molhos. Hoje o *"Lea & Perins"*, amanhã o *"Mellor and Company"*, sem falar no *"Courtenay's Wor-*

cestershire Sauce Syndicat Limited". Variedade e bom gosto! O Tempestade bem o aconselhára:

— O' Menino! Deixa-me lá a vorracha aos inglêses. Vae comer-me o Worcerter nas origens. O Tempestade sabia o que dizia. Das invenções de John Bull só se tirava o molho inglês. E, continuava o juiz — a d. Hilda, o Yeats Butler, Esq. Mas, a proposito, a Fabrica ia agora ter gerencia. O Yeats sabe gerir. Tinha uma grande fabrica de conservas no Pará. Bom cavaco o Yeats.

E contava aos demais, já pela millionesima vez, como perdera a fortuna:

— Iamos enlatar pirarucú, eis senão quando, a borracha desanda a baixar, a baixar. E o cambio piorando dia a dia. Fôra uma especulação desastrada, em que elle, Juiz, como accionista, perdera quase tudo quanto tinha.

Nós agora precisamos levantar o algodão, para contrabalançar o *"deficit"* da borracha.

Padre-mestre contemplava-o beatamente do seu canto, com os dedos cruzados em cima do ventre. Ninguem articulava palavra. O mesmo Ruy Barbosa cedera o logar á verborrhéa do Juiz:

— Os maiores productores de algodão, — dizia este com o charuto apagado na ponta dos dedos, — os maiores productores de algodão são os Estados Unidos, a India e o Egypto... O Brasil está no quarto logar. Inglêses ou raça de inglêses, reduziram-nos o entreposto do Amazonas á expressão da maior simplicidade, açambar-

caram todos os mercados, relegaram-nos á condição menor de seus criados e servidores.

O perigo alemão era uma utopia. Que querem vocês? Por toda parte é o inglês o temerario accionista, sem elle não podemos imaginar industria ou cultura moderna, norteada por processos economicos. Nós acabaremos por entregar-lhes as nossas terras desde o Amazonas ao Chui. E pô-las-emos em bôas mãos.

O Mattoso pigarreou, ia levantar o vozeirão em protesto, mas S. Excia. tomou-lhe a palavra no ar:

— Para mandar e ser obedecido não há como o inglês. Veja a malfadada Fabrica de Oleos. Ali todos querem mandar e ninguem obedecer. O Manoel Nunes, uma bôa peça; no fundo, um trapalhão. Não tem tino. Mas aquillo, com Yeats, ia ser agora um Reino-Unido, sem allusão... E' isso de que nós precsiamos, para não levarmos a bréca, — união, fraternidade, igualdade de vistas. Da união das Ilhas britannicas, resultára aquelle soberbo "continente", que era a maior potencia sobre os mares. Por isso dizia e (quem quizesse reparar que reparasse), mas elle não comprehendia o ponto de vista irlandês. Aquillo era Politica ou guerra de Religião?

Padre-mestre que permanecera calado até então, disse com entono:

— O ponto de vista irlandês, não requer explicação, senão imitação de nós brasileiros.

— Diga-me Juiz: quantos inglêses aportaram á villa da Imperatriz, trazidos pelo director afim de desempe-

nhar os melhores cargos na fabrica em prejuizo dos velhos empregados brasileiros. Cento e tantos, mais outros cento e tantos para gerir as plantações, de algodão. E nós não temos competencia para administrar o que é nosso. E' triste mais é a verdade. Quantas gerencias brasileiras já teve a fabrica de oleos?

— Tres, respondeu o Juiz. Cada qual peior, cada qual mais incompetente. Seu reverendo, nós somos, convença-se uns eunucos, uns impotentes.

— E' pena disse o bom mestre, se assim somos eunucos e impotentes moraes. Se o formos physicamente, foi um dia, esse nucleo de raça sertaneja que trabalha nos nossos algodoaes, ainda pura de agressão extrangeira.

— Melhoremos, Padre-Mestre! Nós precisamos de sangue joven que melhore a raça, olhe...

— Que melhore, não! Que a faça desapparecer. O sangue de trezentos caldeamentos, diluir-se-á para o aniquilamento.

— Que surja a raça victoriosa. *Audaces fortuna juvat timidosque repellit.* Povos praticos, homens fortes. Homens grandes numa patria grande!

— Você tem razão Juiz. Esse povo é fraco. E é fraco porque tolera a justiça tagarella e pornographica e é fraco porque assiste inerme á defraudação de seus haveres por essa corja de politicos profissionaes. E tolera a mentira do voto, sem protesto. E supporta todas as afrontas, todas as humilhações que uma ou duas duzias de

manhosos directores da machina politica, lhe infringem.

O Juiz estava rubro de indignação. Conteve-se. Mas quando Padre-mestre se retirou, contestou-o brilhantemente com solennidade e citações latinas: *Amicus usque ad aras*. A amizade finda quando a religião se offende.

O ESCULPTOR

"Mandou tambem o rei Salomão que de Tyro viesse Hirão, filho de uma mulher viuva da tribo de Nefthali, e cujo pae era de Tyro, que trabalhava em bronze, e era cheio de sabedoria, e de intelligencia, e de sciencia para fazer todo o genero de obras de bronze."

III. REIS, 7.

A botica do Mattoso constituia o fóco mais aristocratico do mexerico. Ali se sabia de tudo, no longe e no perto, e no genero "dama" e "sexo", as coisas mais intimas de todo o mundo, sem poupança de ninguem.

O juiz era o primeiro que chegava, quase sempre, para fazer as suas confidencias. *"O que não contas ao teu amigo,* — diz o adagio, — *ou á tua mulher, cónta-lo a um estranho na estalagem.*

Com o que me contaram nessas assembléas inquisitoriaes da vida alheia, foi que conheci a vida gloriosa do actual Juiz da Villa de Magdalena. O quanto tinha sido elle ajudado pela mulher e pela politica: deputado, commissario commercial em Londres! O palhiço guindado pela rajada. Subirá! Quando a rajada cedeu, o palhiço se contentou com um juizado em Magdalena. E era muito para tão pouco peso. Mas ainda tinha amizades e o melhor da politica eram as sorpresas.

E o eminente commissario teve algumas.

Verbi gratia:

Era bem com razão que D. Vulna de Oliveira dizia ao marido, o "Comissario da borracha", dr. Ernesto de Oliveira:

— Tenho sido sempre tua "mascotte", queridinho! E como agora falasse um francês "chic", vedadeiramente parisiense, que o pintor Etacio Prescot lhe ensinára, concluia galantemente, dando pancadinhas á face do marido: — *Tu seras de la bate!*

Conversavam á balaustrada do palacete, que haviam tomado recentemente de aluguel, á rua Voluntarios da Patria.

Fazia um calor insupportavel, apesar do verão não ter chegado ainda com a *"ordonance"* de partirem a Petropolis. Uma ameaça de *"migraine"* prendera Vulna em casa, áquella hora...

Ademais, era sexta-feira e ás oito fariam uma sessão de *"poker"* familiar.

E que *"cavação succo"!* — o prestigioso senador Lourenço comparecia... E o senador Lourenço estava na bica para ministro. Ernesto de Oliveira tinha razão para sentir-se feliz. Com o casamento, alcançára tudo o que desejava. A mulher era o seu "cerebro", dizia sempre.

Inspirava-o.

E havia sido justamente com a collaboração della que subira, subira...

Por isso, um dia, quando o marido voltára á casa, arreliado por certa *"cavação"* mal succedida, ella o inquerira: — Mas o General não falou no meu nome? Não mandou recommendações mesmo, não? *"Vilain mufle!"* *"Le Général..."* Amanhã irei eu lá ter. E você verá como se arranja tudo.

Considerando os constantes triumphos sob a inspiração da consorte, costumava dizer, com os seus parcos,

mas excellentes principios positivistas, o conspicuo sr. Commissario da Borracha:

— E' submetter a vida politica e social do homem ao influxo purificador e coordenador da Mulher.

De facto, sob este influxo coordenador elle, em menos de um lustro, passava de Juiz substituto a promotor.

Depois, conselheiro municipal, deputado, presidente da camara estadual do Pará, e emfim, "Commissario da Borracha" em Londres, com duzentos contos em moeda para a representação. Tinha prestigio, uma casa, um bom automovel, uma mulher bonita e carinhosa, e entre outros proventos da sua elevada posição social, recebia de quando em quando uma carta. Exemplo: Exmo. Sr. Dr. Ernesto de Oliveira. "Depois que alcunharam V. Excia. de *"Molho-Inglês"*, eu comecei a acreditar que o sr. *"Commissario da Borracha"* tinho deposto as barbicas no respectivo..., — estas barbicas que V. Excia. copiou tão bellamente ao Tempestade, muito mais commodas e mais *"chics"* do que a sua algaraviaportuguesa, — comecei a acreditar que V. Excia., tinha tomado siso, prudencia, circunspecção, emfim, cabellos brancos. Agora é que caio directamente na interpretação da famosa *"allegoria"*... Mas ha nomes tão suggestivos, tão necessarios! — Vulna... E' o que é! De sorte que, em vez de V. Excia., é sua Exma. que põe os pêllos de molho? Nem por isso lhe deixo de dar parabens, que é *"chic"*,

mas é *"chic"* a valer. Ora, bolas. Mas V. Excia., com esta paixão do *"molho inglês"* decidiu-se emfim"?

— Ainda não compreendeste de quem é esta infamia, não? Perguntou Vulna ao marido, com as bochechas a pegar fogo.

E não esperou a resposta.

— Do Etacio, meu bem. Elle vinga-se... Se arrependimento levasse á salvação... E dizer-se que aquelle desavergonhado metteu-se em nossa casa e explorou-nos á larga! *"Emigré de Gomorrhe!"* Mas tu tambem, quando começas a contar estas historias da Inglaterra, te excedes como ninguem... Tornas-te indiscreto.

— Mas, tambem, quem foi que disse a elle que eu jámais *"me tinha decidido"?*...

Mas, esse Etacio Prescot?

— *Competetion open to all, the fittest will survive,* — dissera-lhe uma vez o Yeats Butler, no Pará.

O Prescot, observaram-lhe, exercia na lucta pela vida concurrencia de homem, e ao mesmo tempo de mulher... De suas affrontosas riquezas plasticas, tirava effeitos da mais imprevista arte, inconfundiveis, inesperados. Dançava como ninguem, e em qualquer movimento choreographico, tremia todo como se estivesse bailando o *"shimmy"*.

Valia a pena vêr. Aquelles olhos quentes, aquellas maneiras languidas, ora impetuosas, o andar requebrado, as guedelhas intonsas, o jogo da physionomia...

Vulna ficára encantada.

Fôra no Pará, numa audiencia official. A sua dicção era o que havia de mais curioso.

Tanto no vocabulo indigena, como no alienigena, — a mesma preoccupação das consoantes sonoras, sybilantes, e das vogaes indistinctas:

— *"S'pas. Queque t'as. J'suis. V'la. M'sieu. Quequgnia?"*

Era um estheta.

— *"Mais on est en pleine licence esthétique.."*

Naquelle tempo, o nosso actual Juiz de Direito usava o *"Orchiton"* e recebia diariamente a visita do artista.

Vocês conhecem, por acaso, o rotulo do *"Orchiton"?* E' pena. Pergunto, porque desejava dar-lhes uma idéa, ainda que fugace, da grande arte *"Etacio Prescot"*. Só a esculptura nos póde outorgar, no sentido humano, uma sensação immediata de pesar, de gôso não trahido.

A arte das palavras?

As palavras são as palavras, — não logram provocar

conceitos, pensamentos, senão entrelaçados, como élos de uma corrente. São mesureiras, emphaticas, teem uma acção de presença, um modo de desdobramento, que não deixa margem ao imprevisto e ao immediato.

Fazem usura de se deixarem tocar, apalpar, as damas, sem os rapapés dos circunloquios, ou outras que taes, empoadas figuras de rhetorica.

Para chegarmos até ellas, ou melhor, até onde ellas pretendem, temos que atravessar diversos cubiculos fechados, tal qual na "*Divina Comedia*"... Mas, de um para outro lado, o olhar não se alonga em sorpresas.

A logica, o bom senso, ou coisa que o valha, — mestre de ceremonia ou mordomo, — guia-nos os passos, segura-nos, com imperturbavel linha, o rabo de olho das bisbilhotices.

Mas, com a esculptura, a coisa fia fino.

A esculptura, bem como a moderna poesia, é o atracão.

Etacio deixou-se impressionar pelo atracão, e de uma vez, ao saír do escriptorio do Juiz, — levava uma idéa radiante no cerebro, e no bolso o rotulo daquella especialidade pharmaceutica, — o *"Orchiton"*.

Passaram-se dois, três mezes, e um dia, sem ninguem esperar, veio a furo a sua primeira grande obra de esculptura.

Arte moderna, para interpretação.

Era um touro, uma bestiaga poderosa, de ventas fumegantes, cabeça baixa e submissa em estilo ultra-moderno.

Por banda do trazeiro, um vigorosissimo Hercules, se assim me posso expressar, todo encordoado de musculos, impellia-o mansamente para a frente. Era a mesma figura do *"Orchiton"*, — com uma differença de somenos, e outra de maior.

No rotulo, este novo Hercules das sete columnas, aparava a chifrada do animal nos punhos fortes.

Era o ataque, a actividade revoltada do Homem contra a Besta, e vice-versa. Na esculptura do Prescot, era a passividade cohesa, e rendida, era "La Soumission", como o autor denominára a sua obra.

"Taurus" levantava meio rabo e baixava a cabeça, submisso.

"Changement de fonds!" explicava o autor enternecido.

Hoje, por toda parte das letras e das artes, ha a preoccupação dos fundos moveis ou falsos, — Prescot tivera inspiração! Trocára os fundos.

No dia da exposição da sua *"maquette"*, tornava a saír do escriptorio do Juiz, então Presidente da Camara Estadual, com um maço de trinta contos no bolso trazeiro da calça e outra idéa fulgurante no cerebro.

O governo do grande Estado pagara-lhe generosamente o *"métier"*.

Então desapparecera sem deixar rastro.

Ninguem por três longos annos soube a menor noticia delle.

Dizia-se á bocca pequena que tinha sido convidado por um syndicato americano.

Falava-se vagamente numa proposta vantajosissima da "Anglo-Swiss Condensed Milk Co".

Yeats Butler, então fabricante de conservas no Pará, e accionista daquella companhia, — interviera.

De tão fino quanto ousado *"handcap"*, dizia o inglês, tudo se ousaria esperar.

O homem que falsificára a vacca, — falsificaria o leite que ella verte... e sua novilha. *"Forwards"!*

A *"Anglo-Swiss"* teria feito uma optima acquisição.

De repente, todos os jornaes do país começam a bradar, Etacio Prescot — grande artista! Rodin moderno! Impressionista maximo! Creador de nova escola!

Era um desmentido ao muito citado *"natura non fecit saltus"*. Naquelle genio a natureza dava pinotes, fazia cambalhotas, como um volantim ensinado. Era, como se diz commummente "a consagração do artista" que elle levara daqui em embryão.

O governo francês, propalava elle, em homenagem ás tentadoras fórmas da sua estatuaria, queria adquirir todos os seus trabalhos para o Luxemburgo. A imprensa tirava importantes parallelos entre o esculptor e Edwin Landseer, o *"Raphael dos animaes"* na Inglaterra.

Foi comparado a Rosa Bonheur innovadora.

A uma estrophe de Tzara.

E commentava-se.

Elle tão franzino, e sua arte tão violenta! Tão arrogantes os seus gessos!

Os seus bois, membrudos e musculosos, tinham um ar proprio, um ar de familia, um "que" ameaçador de juizo final.

E eram centauros passivos, garraios a pino. Tauros e gebos monstruosos, teratologicos, ajoujados no cio, leões unicornios dominados por gryphos minusculos.

Noutro plano do zooterio, rêses fantasticas, com a

unha em garra, e um jeito abotoado e competente, sopravam trombões, digitavam sacca-buxas.

Os seus bois alados iniciavam entretanto, uma legião de modernos escriptores nos mysterios das theogonias orientaes.

Os seus medalhões causavam furor.

O duque de York mandára ao innovador, novilhos e vitellas, para o artista apascoar em bronze.

Solicitado instantemente a recompor os braços omissos da Venus de Milo, o artista amarrava a cara.

— Porque aquillo estava fóra das suas excogitações, dizia elle, com um *"pli"* ironico no canto dos labios. Passadismo...

Não compreendia a razão de ser de Venus Cytheréa! Passadismo!

— Os braços omissos? Para onde fazê-los pender? O amor, que era de esperar, se aposentasse a proposito do seu orgão verdadeiro, não sabia assento honesto, nem laços de contensão.

Pela bocca do estomago muitas vezes se ouve bater o coração.

Isso tudo irritava sobremodo os passadistas.

E accrescentava:

— Se fôsse lá, mon Dieu, pregava-lhe os braços em cima do papo... ou mais abaixo, — *"avant la porte de la sortie des enfants"*, como dizia Minut...

— Pois esta carta anonyma é do Etacio Prescot, dizia o Juiz, dez dias após a chegada do grande artista ao Rio de Janeiro. E é preciso enxotá-lo quanto antes da nossa convivencia. Não posso esquecer tamanha ingratidão! Um homem a quem eu dava aos vinte, aos cincoenta mil réis... E faz-me uma destas! Molho inglês! Digam o que disserem, o dia do beneficio é a vespera da ingratidão.

E os trinta pacotes que lhe arranjei do governo do Pará! *Ingratalhão!*

— Mas, vê lá como o despachas. Um rapaz tão relacionado... Vale a pena ser prudente, — tornava-lhe a mulher, ajeitando ensejo á reconciliação.

— Aquillo racha-se!... exclamava o Juiz, perdendo o folego numa rajada de indignação...

— Isto é um passo para reflectir. E olha que não é tão facil. Em fim de contas, um esculptor, — tantas vezes o raches, como elle se recompõe...

Neste auge o Commissario derivava o mau humor pelos criados, a carestia da vida, o "chauffeur"...

Então, com o "chauffeur" era que a colera do Juiz attingia ao apice.

— Derranco-o por uma vez. Descarado! Mette-se com o Etacio no carro o dia todo... Avarias, pneumaticos que se arrebentam, concertos, multas, oleo... Oleo que se some, que se encanta... ah!

—E' o mais que se póde dizia a mulher, acariciando-o, é o mais que se póde...

Era preciso manter o *"Hudson"*, para as figurações.

— Tambem, se experimentassemos outro "chauffeur"?

— Pudéra !

— E' o que Etacio prometteu. E' um rapaz de muito bom feitio, chegado ainda ha pouco de Macapá. Prescot o conhece, e a mãe — uma velha cabocla de Junqueiro que lhe batia...

— Então não presta... rosnou o Juiz, levantando-se com arrebatamento.

— Ora, deixa lá. Um rapaz como tu queres, sensato, activo, que ainda não esteja pervertido pela sociedade...

Naquella noite mesma, Vulna escrevia a Prescot, reclamando o "*chauffeur*" que elle promettera, mas que fôsse honesto e activo, "como era de esperar de uma pessôa que ainda não contraira os vicios da sociedade"...

A resposta da carta veio com oito dias de atrazo e dizia assim: ..."Com esta segue pelo portador, — o Joaquim, o "chauffeur" promettido, — uma braçada de cravos brancos para que Mme. respire a alma perfumada

de Petropolis. Esta cidade serrana evoca-me Cotyle, nos Pyreneos, onde se finou, ha meio seculo, o Duque de San-Marco, meu tataravô materno. Petropolis está adoravel, Mme.! Ha magnolias lyricas, heliotropios langues, romanticas cattleyas, sem falarmos nos cravos e nas hortencias, que são os *"cabouchons"* da *"robe verte"* de Petropolis. Petropolis é uma rainha. *"Une belle au bois dormant, comme dans les contes des fées"*. Petropolis é uma mulher bonita. Por isso, ella se entrega a quem tem alma para compreendê-la. Está ahi a finalidade da belleza, — entregar-se, ser o patrimonio de todo mundo... Suba logo, Mme. E' um feio peccado permanecer no Rio, sómente pelo simples motivo de seu marido não haver ultimado negocios. Ora, negocios. A vida passa, a mocidade vôa. A mulher é a mocidade. A velhice é a morte. Pela belleza! E' o meu lemma. Por elle sou capaz de, como Hercules, trucidar o toiro cornudo da Ilha de Creta. *"Go ahead"!* Pela belleza! Eia! Eia! Alalá... Beijo-lhe as mãos madame. — *Etacio Prescot.*

Joaquim, em menos de um mês, estava identificado com a capital. Tirára carta de "chauffeur" e trajava uma farda muito bem talhada, que o J. Brum lhe fizera.

— Bella estampa, dizia Vulna consigo mesma, notando-lhe hora por hora achados e melhorias.

De Junqueira, a velhinha, mãe de Joaquim, amiude lhe enviava, por cartas, tremendas garatujas, em que abundavam os conselhos e as recommendações: "Meu filho, porte-se bem, evite as más companhias, o Rio é uma tentação. Ouça com respeito seu doutor e a mulher delle", etc. Joaquim mantinha-se bom filho e bom empregado, — bom filho pelos vales postaes com que suppria á velha, bom empregado pelo consumo de gazolina que poupava ao Juiz.

O "Hudson" nunca mais "encrencara", e só rarissimamente rebentava uma camara de ar...

— Bella alma! dizia o Juiz, contemplando-o á janella da sua vivenda, á rua dos Voluntarios.

Era numa quarta-feira. Vulva "recebia". Além do casal Oliveira e do esculptor, estavam presentes, o senador Calabaça, jogador notavel, o deputado Costa Amado, e um pretenso literato, o joven Oswaldo de Aquilla-Alba. Três outros convivas, envoltos nas nuvens de fumo dos seus charutos, ouviam indolentemente os ditos picarescos do esculptor.

— Toma chá, Prescot?

— Oh! *vous êtes trop aimable, même, trop aimable...*

— *Mais, si... acceptez une petite tasse, c'est sans façon, c'est de bon coeur, vous savez...*

Madame percorria o cyclo das suas amabilidades, de braço em braço, de graça em graça, sorridente, espiritualizada.

Como o assumpto derivasse para cartas anonymas, o esculptor tomou a chicara, trincou nos dentes um pedaço de biscoito, deglutiu com elegancia:

— A carta anonyma é a maior prova do valor de quem a recebe. Tenho-as recebido innumeras. Em Paris eram diarias... Os meus collegas invejavam-me... Os meus inimigos corriam-me a pedradas... Aqui no Brasil estes teem sido immensamente mais praticos, — enviam-me ás vezes pelo correio o objecto que elles desejariam representar em palavras! *"C'est bien intéressant et moderne!"*

Naquella noite, por distracção, deixára o artista no Palacete da rua Voluntarios um livro de gravuras intitulado "Pompeia". Vulna abriu o involucro que o encerrava, e leu no frontispicio: *"Collezzione di fotografie di quadri celebri"*. Eram gravuras licenciosas, fradinhos immoraes, faunos lubricos, scenas de alcova, etc....

Vulna viu, reviu tudo aquillo, refez o embrulho cuidadosamente e foi repô-lo no mesmo logar em que o encontrára. Depois descrentemente:

— E' um refinado canalha!

Entrementes, Prescot tornára-se insupportavelmente inquieto e importuno.

Se encontrava Mme. Oliveira na rua, seguia-a, impertinente, com galanteios cansados, tocaiava-a á porta do "Alvear", na "Colombo", na Avenida, na "Galeria Cruzeiro". Ao deparar-se com ella, amiudava o passo, cortejava-a, punha todo o empenho em dar a entender aos que passavam que lhe desfructava a intimidade...

Certo dia acompanhou Vulna até á casa da modista, Mme. Lucienne, á rua Uruguayana. A franceza mal o viu, fechou a cara e disse á mulher do titular, ao provar-lhe o corpinho:

— *"Rebeque-toi de lui"*. E segredou baixinho ao ouvido de Vulna: *"Il est bichon"!* Como esta não compreendesse, ella juntou, fazendo um gesto equivoco:

— *"Il ramasse des epingles"!*

Para completar o quadro, o Artista introduzia-se em casa do titular, refestellava-se nas poltronas, comia-lhe os pirões, falava horas seguidas pelo telephone para as pensões galantes, e fazia passeios amiudados no "Hudson", cujo "chauffeur" conseguira desviar.

Ernesto já havia dado ordem ao "chauffeur":

— Quando Prescot pedir o automovel, pretexte que o carro está quebrado...

Era debalde, o esculptor se encontrava o auto na rua, mandava-o parar, mettia-se nelle, e

— Toca para a "mère Louise", mas passa antes na rua do Lavradio, sim?

Entretanto, desappareciam mysteriosamente alguns objectos de casa, — canetas de prata, "bibelots", raridades... Quem foi? Quem não foi? Inquerido o "chauffeur", respondeu com maus modos:

— Preciso lá dessas porcarias!

— Não, Joaquim, ninguem está dizendo que você precisa dellas, está-se perguntando, se você viu por ahi o "porte-monnaie" que ficou no bolso do collete...

— Não sei. Só sei do meu carro. Não sou arrumadeira, não. Sou "chauffeur". O dr. deve saber disso, que é elle quem entra com os cobres. O que eu ganho dá para comer e para vestir.

— Ceus! Como está mudado este ladrão!

A' noite, entre lençóes e commentarios dos acontecimentos daquelle dia, o marido dizia á mulher:

— Deixa-o pagar o dinheiro que tomou adiantado, o fardamento novo, as despezas da viagem, e vamos pô-lo no olho da rua, senão elle acaba por querer bancar o patrão...

Então o "Hudson" volveu a dar prejuizo, gastava mais gazolina do que no tempo dos "chauffeurs" do Rio, rebentava diariamente as camaras de ar, o arranco não pegava, a caixa de marcha estava desarranjada...

Vulna, um dia, saíra a pé.... Ia pertinho, á rua da Matriz, á casa de Madame Josephina encommendar

uns doces seccos. Demorou-se, porém, a doceira a mostrar-lhe uma rendas do Norte, — applicações, "filets"...

Quando regressou, era noite já. Ernesto não chegára ainda. Mas havia luz na sala de visitas. Approximou-se de mansinho sobre o bico dos sapatos. Olhou pelo orificio da fechadura. O seu primeiro impulso foi disparar um revolverzinho de cabo de madreperola que se achava na gaveta da commoda. Mas reflectiu. Viu num relance a tragedia toda, demasiada pena para semvergonhice de dois safardanas maiores da marca. Foi buscar o rebenque de sua egua Jequitaia. Ainda dava tempo de sová-los, ambos.

E ponderando o lance, ia e vinha agitada, na saleta contigua.

— Quem diria que o "chauffeur" se atrevesse a tanto? E na sua sala de visitas, sobre os seus tapetes! Não era demais! De Prescot, vá era capaz daquillo e de mais alguma coisa. Bem lhe haviam dito... Mas, o Joaquim!

Indignadissima, bateu á porta.

Metteu o cabo do "lorgnon" pelo buraco da fechadura. Tremia de raiva. Tinha os olhos injectados, duas rosetas escarlates na face. Prescot viera abrir. O seu comparsa de madraçaria pulára uma janella.

— *Ne t'enguignes pas, Mâme.C'est, trop parisien.* E' muito parisiense! *C'est trop pantruchard!*

— Parisiense?!... Fóra seu cachorro!

O rebenquezinho arremessado contra o esculptor, al-

cançára uma jarrinha de Sevres e despedaçara-a, errando o alvo.

Então elle fugiu estonteado, tropeçando nos moveis. Ia saltar a janella da ante-sala, veio-lhe a idéa de que tão cêdo não poderia voltar áquella casa, e, sem mais delongas e artificios, empalmou um pequenino alto relevo em bronze de Boucher, que havia dias trazia de olho para compôr uma das suas obras originaes...

Desceu apressado por uma das aleas do jardim. A fecheleira do portão não queria ceder. Então um furor cégo tresvairou-o. Agachou-se. Apanhou um calhau: ..— *Vieille punaise*... Mas não pôde levar a effeito o intento. O sr .Commissario da Borracha tinha-lhe posto uma das mãos sobre o ombro... Mas, para não fazer escandalo, deu-lhe uma saída pacata, em attitude de ceremonia:

— Apesar dos pesares, houvera sido amigo da familia...

Neste interim, Vulna dirigira-se para a alcova e caíra sobre o leito, num choro desabalado. O marido tardava-lhe...

— E é preciso que o Ernesto saiba... A pouca vergonha!... balbuciava ella, entre soluços, a debater-se na cama.

Momentos depois, sentira os passos delle, que ia e vinha pelo corredouro, inquieto.

Já refeita da emoção, ella tornou a choramigar, a impar, as lagrimas saltaram-lhe de novo nos olhos, e

começou a gemer e a fungar numa violenta explosão de colera:

Ernesto olhava-a da porta do quarto, compadecido:

— Mas, então, que derretimento é este?

E acercando-se della, com um jeito enternecido:

— Ora, não te rales. Dois patifes. Preferia que isto não acontecesse. Ou fizesses que não vias... Nestas coisas sou pela rolha... Mas o que lá vae, lá vae... Reagiste, está reagido. A minha pena é a letra que endossei hoje pela manhã ao descarada do Prescot... Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saíu-me bôa!

No dia seguintte, o Joaquim entregava o fardamento ao Julio cozinheiro e lhe dizia:

— Tem aqui "um" que hei de escavacar a pontapés. Hoje tenho, dê no que dér, de arrombar-lhe o focinho. Foi elle quem me fez caír nesta esparrella... Estou innocente.

PAGINA DE ARTE: 98 QUILOMETROS, SIMULTANEA E ULTRA-MODERNA

Cinco da tarde. Porta do "Alvear". "Chauffeur" do Juiz. Bofetão. O artista cáe de bruços no passeio. Senhoras, crianças. Ignobeis burguezes.

No asphalto: Dodges, Buicks, Packards, Klaxons, "chauffeur", Zzzzzz. Motor de avião, no ar, Rrrrrrsss. Perfumes de carnes moças. Perfumes francezes. Cheiro de suor de burguezes. Confusão. Um sujeito de lunetas pretas machucado prende o artista. Croques. Puxões de orelha complementares. Guardas civis. Abre! Abre! Está preso. E você tambem. E você. O sujeito de lunetas pretas não quer largar o artista. Grita-se. Berra-se. Protestos.

— Pst, ó dr. Lembre-se que elle póde ter filho no bucho! Gargalhadas.

Um garôto: A.a.a.a.a.a.a.a.a Fiu! Um burgêz: Ordem! Calma! Assistencia! Assistencia: Tlem le lem le lem lelem. Outro garôto: Que espôrro damnado!

Uma senhora circumpecta e idosa: Olha menino! deixa de immoralidades! Você não está vendo familias! O' seu guarda!

O OLHO PRECLARO

"Mas debalde se lança a rêde diante dos olhos dos que têm asas".

PROVERBIOS, 1, 17.

CAÍA uma chuvinha amofinadora sobre a cidade de Magdalena. As pôrtas das lojas semi-cerradas, as ruas sem movimento transmittiam a tudo uma modorra invencivel.

Bati as palmas, puxei os ferrolhos, depús o chapéo e guarda-chuva no cabide.

Havia um desequilibrio qualquer, dentro ou fóra, em Padre-Mestre. Ergueu-se, e foi mettê-lo contra a parede, o guarda-chuva.

Depois, incontinenti, pô-lo á dependura, na dobra do braço.

Olhei tudo aquillo, com o olho preclaro de Aristoteles! Era a hora das recriminações! Era a hora da Patria!

Eu ia escrever em monographias a Arte-metaphysica dos guarda-chuvas, — peripatheticos, na junta do cotovelo; entre as pernas, especiosos; febricitantes, com a ponteira no ar...

❦ ❦ ❦

A HORA DA PATRIA

"Filho meu, escuta os meus discursos, e inclina o teu ouvido para as minhas expressões."

PROVERBIOS, 4, 20.

PARECE, vou ser pathetico no correr da palestra que solicitei, Fernando. Eu, pobre velho, pathetico, hein? no fim da vida!

O velho tinha a voz tremula e pausada. Abrigou as mãos nos bolsos da batina, retirou-as, cruzou os braços sobre o peito... Mas, interrompeu o passo das cogitações, bateu o trinco, e offereceu-me a cadeira de espaldar, em que repousava das santas labutas do dia. Fez um gesto ago, fendendo o ar com a dextra. Sentei-me um pouco

nervoso, um pouco atordoado, á espera da sentença que iria ouvir.

Elle reencetou, de um lado para outro, as passadas da ponderação.

— Pathetico vou sê-lo talvez, serei porém o homem sincero de sempre. Sou amigo do meu espirito, — não sei torcê-lo... Nem o habito da profissão conseguiu mascarar o jeito desimpedido desta alma que Deus me deu. Questão de temperamento, questão de nervos, mas, — verdade, verdade, eu permaneço escorreito através das vicissitudes! Por isso, meu filho, vaes ouvir como sempre, o que ha em mim de sinceridade, quer a minha sinceridade te satisfaça ou não. Com este pretexto, de ser sincero, tanto aos outros como a mim mesmo, vivo dentro da minha batina como um *"pagurus"* na carapaça: — dentro della olho o mundo pouco ou menos escandalizado da inutilidade delle. Não conheço as grandes decepções. Não quer isto dizer, entretanto, que eu abdique do meu modo de ser, como poucos, sincero, rispidamente sincero. Entre nós, meu filho, o homem que quizer triumphar, saltear difficuldades, demitta-se da exteriorização de seus sentimentos, não se arrogue responsabilidades, revista o meio termo, o tibio, não arremetta, equilibre-se na postura bicephala, na mediania de dois generos, na ponderação attenuada das coisas, seja emfim bom, na accepção dialetica do povo... Lealdade, fidelidade, verdade, tal qual deveramos sacar das profundezas da nossa alma, — incommodam, irritam, molestam quase sempre. Ora, a-

estou divagando, divagando. Habitos sermonarios de Padre-velho...

Todo o seu renhir era o meu guarda-chuva, agora.

Eu de mim, ficára boquiaberto.

— Modo da gente protelar uma cauterização necessaria. Ainda bem! E para dizer a verdade: — eu esperava o finamento, o desastre... Não me pareciam incoherentes, antes prognosticas, as tuas visitas, tua solicitude por um velho recalcitrante, contradictor enfatuado... Estive certo de qualquer inclinação de minha afilhada pelo homem intelligente que tu és. Acreditei nisto...

E subitamente, com a garganta suffocada de soluços, ficou, sem poder falar.

— Mas que as tuas variações sentimentaes e a inexperiencia de Constança déssem num entendimento amoroso definitivo, nunca pensei eu.

Neste ponto, comecei involuntariamente a inquietar-me tambem:

— Bem verdade é que na renovação eterna do homem, que é condição de progresso e restauração, nós nos podemos quase corrigir e vencer. Pensei que com os debruns que teu Pae te deu, e teu Mestre, que te fala, e mais, com os anteparos que nós ambos procedemos de começo em ti, o fio d'agua que tu eras, fosse trilhando os empecilhos do caminho, juxtapondo-se á direcção dos grandes vales. Mas não, o minimo obstaculo, desvia-o, rebalsa-o, desloca-o... Assim tu foste de quéda em qué-

da, rolaste pela puberdade, — a enchente que os rios turva e desvaria... Rolaste muito ligeiro, muito ligeiro, muito ligeiro... Requeria-se uma tranqueira para repouso das aguas, que derivavam ao acaso, que pulavam á direita e á esquerda, indoceis e maninhas, caprichosas e fatuas... Olhando-te, teu pae julgava ver-se, reflectido em ti, e era um engano dos olhos delle, — era um reflexo da superficie, uma figura tremula de aguas represadas de canal. Lá fóra, em meio propicio, escachoaram turvas e varias as aguas da versatilidade. Certo redor de arte futil, frascaria, parisiense, pretenciosa e chocha, amplioute o pendor, inoculou-te nalma a diathese dos cursos moveis e leitos divagantes, e as froixidões que delles se originam. Aqui se permitte o termo que o espirito da lingua produziu. Tu és um "dilettante". O meio decadente completou a obra de esphacelamento, de fragmentação do teu espirito. Tu fôste no giro, na vertigem... Tu, uma intelligencia lucida, eras o pior alumno das Faculdades, revoltando o meio academico com idéas subversivas de segunda ordem, de brochuras francezas, destemperadas e espurias. Derivavas no jornalismo artificioso, sem edificação e sem vertebras, aprendendo as maranhas da imprensa negocista, contaminando-te. Depois, o jogo, mulheres, orgias, a philosophia dissolvente e ociosa do seculo, a vida da metropole, com a caduquice viciada da Europa, afastaram-te definitivamente do recto caminho, por tendencia, por falsa elegancia, por estatuto e por habito.

Irritado por aquelle puxar e empuxar, na historia das minhas dissipações, tentei levantar-me.

— Não foi para ouvir contumelias, que eu compareci, Padre-mestre, ao seu chamado. Já empenhei minha palavra, — a reparação, dar-lh'a-ei, quando quizér.

Mas elle deteve-me pela abertura do paletó, fez-me novamente assentar.

— *"Condições especialissimas"* permittem que te fale assim, que te diga a verdade que ninguem, até hoje, ousou dizer-te. Quem imaginaria que o velho padre viesse, no rodar dos annos, altercar com o seu ministrozinho, docil e maneiroso, timido e delicado como uma donzella labresca? Quem diria? São coisas do tempo. São coisas do tempo. Não se livrou o meu discipulo dos erros contaminadores da época, compreendo bem agora. Saiu-me como outros tantos, como quase todos, como quase toda a mocidade brasileira, sem crença, sem fé, sem ideal.

Crêem elles apenas nisso, que a vida é o momento lubrico que foge, e é preciso fixá-lo nos sentidos, fruí-lo, estuprá-lo. Para isso não receam aviltar as mãos na fraude, no vicio, na deshonra...

— Alto lá, gritei.

— Alto lá, senhor, gritou-me mais forte o vigario, levantando o guarda-chuva no ar... Alto lá! O senhor pôs lã nos pés, mel nos labios, ajuntou ás suas maneiras de homem viajado e instruido, a fascinação do passado, do tempo em que criancinha docil, se recreava com mi-

nha afilhada. Temperou tudo isto com a seducção da arte impudica que o senhor cultiva para excitar os sentidos, e matou-me a minha Constança. Verdade é, eu nunca pensei que apesar dos verdes annos de minha afilhada, o espirito que eu criei, que eu formei com porfiado esforço, caísse no erro e se apartasse de mim... De mais eu cria que a velha intimidade, dos tempos de meninice, esmaecesse o sexo. Cria mais em que? — Na victoria do bem! Ficção, ficção!

Deu um passeiozinho nervoso pela saleta:

— No pé em que está o entendimento que com ella mantem... só a mentira de um casamento, que o senhor não respeitará, resolverá o caso.

Eu estava esmagado, não podia articular palavra, sentia-me diminuir, á medida que o padre subia a voz, alijava familiaridades...

Era preciso reagir. Reagi. Reagi e melhorei minha situação.

— Reverendo! exclamei, reverendo! Que é que diz? Reparar o que? Resolver o que? O reverendo sabe que eu casarei com Constança! E casarei, não para reparar coisa alguma, casarei sim, porque muito a amo!

Este final pathetico enterneceu meu bom mestre até ás lagrimas. Depois de um momento elle proferiu, com voz tremula e pautada:

— Mas procure dirigir-se, mudar de rumo, renovar-se. Volte as costas ao passado e olhe agora para a frente. Levante-se. Dê-me o abraço da reconciliação. Seja

bem vindo o novo Fernando, a quem tenho o prazer de conhecer e a esperança de admirar.

E num abraço tumultuoso e forte, cingiram-se naquelle momento dois homens estranhos, que se encontravam na vida á estreita margem dos destinos...

Saí precipitadamente, depois de apertar a mão a Padre-mestre e entrei numa noite fria, salpicada de estrellas. Havia passado a chuva. Os céos estavam escampos.

Accendi um cigarro e fumei a minha appreensão, espiralada e fugitiva, que voou para os cimos, como um symbolo desfeito...

Então, procurei, instinctivamente, o meu guarda-chuva na dobra do braço, e não o encontrei. Fiquei succumbido. Foi como se tivesse procurado a minha propria pessoa e não a tivesse encontrado.

Neste instante, lembrei-me de Constança.

Tornei ao guarda-chuva.

A BÔA REPUTAÇÃO

"A bôa reputação engorda os ossos.'

PROVERBIOS, 15, 30.

— Conhece esse typo?

— Se conheço?...

A Zéfa Nanica ajeitou mais a almofada entre as pernas, agitou os bilros, espetou dois alfinetes no papelão da renda e foi tramelando para a outra rendeira, a Marocas Gavetão:

—— Se conheço... Depois que foi para os estudos, não conheceu mais a ninguem, não. Quem se incommoda... Não se lembra de quando andou me cantando...

— E a mim tambem... tornou a outra, vindo acocorar-se á ilharga da companheira, para ouvir melhor.

— Bestalhão!... Mas, Maroca, não se póde mais fazer renda, com este preço de linha, não. Apois, um carretel de linha ordinaria, desta da "Pedra", seu Jóca Manivella querer "doistões"... Vae-se depois vender um bico desta largura, — dizia batendo com a unha no papelão da almofada, — por dois cruzados... Mas, "deixtar" que aquella pelanquinha não se casa com este no "cabeção", por este preço, não...

— E casará mesmo, Zéfa? Acho muito... Este "prosa" é escovado. Tem escola. Não cria gato p'ra rato, não. Só me admira neste mundo é sêo vigario, um homem tão entendido dar a mão da afilhada a um "misarave" daquelle. Ao depois é que a porca torce o rabo, hem? Só a gastura de aturar aquelle bicho em casa, todo agastado, com aquelle nariz de quem cheirou sangria, a querer ditar as leis, a querer pimpar de senhor... Um sujeito que "veve" a caír de pôdre... Que lhe diga a pobre da "Lalinha Camisão", que anda por ahi, coitada, em pitição de miseria!

— Aquillo é um bóde...

— A Lalinha só? E a Joanninha de seu "Victor Cabelleiro"? O desinfeliz do "Juiz Direito" anda com um "boné" tão grande, que só um veado galheiro..

— Tambem tenha santa paciencia, comadre Zefa, neste "causo" eu não culpo elle não: — a mulher do doutor é uma grandississima perúa...

— Dizem que o frêvo é ali na casa da Lexandrina engommadeira. Neste mundo ha gente p'ra tudo. A

Lexandrina já anda toda "lorde". Bem que se diz, — mais anda quem tem bom vento, que quem muito rema. Apois se deu a camarinha della, p'r'os "semvergonho" se comer...

— Será possivel que o doutor não saiba disso?

— Ora, se sabe. Aquillo é um chifrudo muito do descarado.

— Mas tambem esse tal de doutor Fernando engabella tudo mesmo.

— Engabella as bestas, comadre... Porque elle não engabella a gente? Elle lá bem sabe a quem arrasta a asa! Havera de ser commigo que eu lhe chegava o "inzempro". Mais antes dar á terra, que a um sacrista como aquelle... Ora, a comadre a dizer que elle engabella a gente... Engabella a avó torta... Porque elle não se mette com as gallegas da Fabrica? Ahn!

— Comadre, você é aruá. Se o "bicho" 'leva pau no piolho por causa daquella estranja agateadada do inglês! Você é aruá, não sabe do que ha.

Neste ponto a Marocas olhou com superioridade a contendora, que se deixára vencer:

— Comadre, muita desgraça deste mundo é mais fogo de mulher ruim."

Este dialogo é uma verdadeira magica estenographica, na posição forçada de escuta e vista em que eu estava...

Estive como ouví-lo, com todas as palavras, as inflexões, os gestos das duas faladeiras.

Das duas mulheres, uma se casára, e abandonada do marido, envilecida dos máos tratos, ali estava "finalmente" a fazer renda e a tosar na vida alheia. A outra, a Marocas, impingia a Deus e ao diabo, a supposta virgindade, que ella immolára ninguem sabe onde e a quem.

Eram, ambas, as linguas mais temiveis da Magdalena.

Sabiam de tudo, commentavam tudo...

E cansadas de tesourar os viventes racionaes, entravam pela vida dentro de quanto gato e cachorro havia na cidade.

Justo era que o meu "Delegado" compartisse de meus vicios e das censuras respectivas:

— Aquillo é um "gôzo" desgraçado. E' só o dono. Apois não passou nos peitos a "Joli", aquella cachorrinha de balaio da Amelinha de "seu" Zé Neves? Uma bichinha que só tinha seis mêses...

— Não faz mal não, que ninguem podia chegar junto daquella joia... Agora vae ter cachorro vagabundo, bem feito...

— Mas, dizem por ahi que não é do cachorro do doutor Fernando, não... E' do "Brinquinho" do "Tabellião"...

Agora vencia a Zefa Nanica, com um argumento concludente:

— Comadre... Apois eu não vi elles assim?..."

E acompanhava o termo chulo com um gesto em que os indicadores enlaçados figuravam o acto final da sanha amorosa, retardada e paciente dos cães.

. . . . . .

ERA um romingo de dezembro, quente, abafado.

As ruas desertas, as arvores paradas e lá fóra as bolandeiras a zunir ensurdecedoramente.

— Sinh'ama, ó Sinh'ama! prepara um ponche de limão!

Recostei-me á palhinha da preguiceira, accendi o cigarro das scismas:

— Afinal ia eu apodrecendo de verdade na aldeia. Quem diria? E pensar-se que ali viera unicamente por mêses, por dias, — tratar pressurosamente da herança paterna e zarpar para longe...

A vida, eis lá!... os companheiros de farra, de clube e "cabaret", a Yvonne do Riachuelo,o balneario da Urca, os banhos do Flamengo, ah! Rio querido!

Afinal, afinal quem me prendera fôra aquella oleo-

gravura de uma *"Lyre brisée"*, — o seiozinho precoce, os olhos doces, os labios rubros, mas tão meiga donzella, era todinha a Constança.

— Dá licença?

Era o Juiz.

— Entre. Faça favor. Aqui não se pede licença. Sinh'ama, o ponche! e conhaque!

O Juiz sorveu o calice, accendeu o charuto.

— Devaneando, hein?

— Não, pensando na Vida...

— E o contracto?

— Firme!

— Não havia quem dissesse! Esta vida tem cada uma! Vir do Rio casar na Magdalena! Ha factos deveras imperscrutaveis no mundo, e é bem certo que casamento e mortalha, no céo se talham. *"Vox populi"*. Ha factos irreductiveis...

— Irreductiveis...

— Mas providenciaes. Veja o casamento! O casamento é o maximo rectificador e integralizador do homem na sociedade. Casado que seja você seguirá para o Rio, não?

— E' possivel...

— A promotoria é uma "razzia"... E o reverendo bota-se tambem?

— Ainda não pensei nisso...

— E' difficil, meu joven. O cura está enraizado aqui... Bom homem o seu sogro postiço... Mas su-

jeito de idéas retrogradas... Cá para mim o homem é a idéa... Padre e basta! Não digo que não maneje bem o seu vernaculo, que não lance bem o seu sermão, mastigue muito a proposito o seu latim. Não! longe de mim. Mas, ranzinza... Mas, caturra... Apegado ás velharias, ás rotinas... Afinal, o seculo é o seculo. *"Seculum"*...

— Deixe que tem razão, doutor. Todo velho tem suas manias.

— Sim... Com effeito... *"Senectus est morbus"*... A velhice é doença. Não veja você nas minhas palavras uma irreverencia ao seu digno sogro, mas diga-se a verdade, — nós precisavamos de um cura mais representativo, bem empertigado em sua lustrina, communicativo, bem falante, desacanhado... Até reconfortava a gente! O reverendo Josué toma torrado, implica em coisas da civilização, soffre dos intestinos, prende a sobrinha... Você vae ter um trabalhão, meu velho! E' preciso educar a pombinha...

— Lá isso é...

— Melhor catholico do que eu, duvido que haja dois... E mostrou-me dois dedos estirados da mão direita, com os restantes encolhidos. — Sou respeitador, pratico a caridade.

Metteu as mãos nos bolsos das calças:

— Acho que o Christo foi um grande reformador, como Budha e outros. Mas não vou com o padre... Não me entra cá o sotaina.

Pôs a mão sobre o peito, como a indicar o logar da entrada. Era este o seu gesto officioso, tambem:

— Sou anticlericalista, radicalista, mas dos extremados. Sou um espirito synthetico, positivo, ahn? Cada coisa no seu logar, no seu tempo! *"Tempora mutantur"*: Passou o tempo do padre.

— Concordo com restricções. No que diz respeito a Padre-mestre, aconselho ao collega fazer um arrodeio... Você sabe o que é a reputação de um homem de bem? Pois... E' um santo, isso é o que elle é!

— Mas dizem que a filha da Antonia Bila é obra de Padre-mestre. Dizem. Eu não affirmo, já se vê.

— Ora, Vossa Mercê, por ahi, a barafustar numa infamia destas... Padre Josué é um pobre velho, não dá mais resina...

— Pois outro dia, fui fazer o giro lá para as bandas da Cachoeira, vi-o saír da casa da Mãezinha...

— Já sei, qualquer necessidade de baixa materialidade. Padre-mestre com aquelle desarranjo chronico do estomago para o intestino...

— E' bem verdade... O povo mexe.. Tambem tenho provado os meus boccados apertados. Mas o melhor é a gente não se dar por achada, ou então, viver á parte como os inglêses da Fabrica. E a proposito, que me diz da mulher do Yeats?

E pôs um olho pisco em cima de mim.

— Da mulher do Yeats?, tornei-lhe eu. Digo que é uma dama notavel, mais notavel ainda porque é branca,

tem sardas, ostenta um notabilissimo cabello ruivo, um ruivo raro numa terra de morenaças de grenha preta...

— Não meu joven, não concordo. Você diz isto porque não soffreu ainda, como eu soffri, em logar estranho, a nostalgia da morena. E' o meu fraco. Tenho sangue de Nunalvares, meu caro...

E recolhendo as botas para debaixo da cadeira, fez uma curvatura de ceremonia:

— O fundador da minha familia foi um certo Pedro Costa Rodrigues de Oliveira Lampadosa Nuno Alvares, homem antigo, daquelles que davam um fio de barba em negocios de empenho, como um documento. Herdei-lhe o arrojo das conquistas de todos os generos. Neste ponto sou condestavel, — venço sempre. Não lhe dou mais de uma semana para lhe mostrar rendidinha da "Silva", a gallega do Yeats? Você sabe, uma reconquista! No Pará...

— Parabens. Gabo-lhe o gosto.

— E' exacto. Vou de quando em quando á casa do Yeats. Conversamos... Conversamos, muito! Não sei se lhe disse, — já metti pernas na terra della. O diabo é que a mulher não quer falar a lingua della, não, e diz bem as coisas em português.

— Parabens, parabens. Que seja bem succedido. O' Sinh'ama, gritei para dentro, outro ponche! Ando com o sangue muito doce. E outro conhaque!

— Mas isto é geral. Não ha quem escape, commentou sua Excia., com a mania de generalizar.

PECUARIA

"Onde não ha bois, despejada está a abegoaria; mas onde ha muitissimas searas, ahi está manifesta a força do boi."

PROVERBIOS, 14, 4.

ERA no Palacio do Praça dos Martyrios.

— "Seu" Braguinha, mande o guarda Zacharias chamar o secretario do Interior, ordenára o Governador.

Cinco minutos de espera, e chegava o secretario.

— "Seu" Canuto Machado, desejo a sua opinião a respeito deste telegramma: *"Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 19.... N. 48. Sr. Governador do Estado de Alagôas. Tenho a honra de communicar-vos inauguração exposição gado vacuum. Criadores estrangeiros cedem preços con-*

vidativos reproductores sangue nobre. Segundo estou informado dr. Ernesto de Oliveira, emerito organizador empresas intensificação industrias valiosas, raça bovina Alagôas deperece. Approveite opportunidade melhorá-la. Reitero-vos os meus protestos alta estima e distincta consideração. Assign.: Lourenço Pires Carneiro, Ministro.

Canuto Machado sacou as lunetas, puxou uma poltrona, sentou-se com administrativa semceremonia á beira da secretaria de S. Excia., cofiou o bigodinho, mirou através da janella a aguia symbolica do Paço da Intendencia, e disse pausadamente, como se falasse para si mesmo:

— Esse ministro é burro. Nós não precisamos de bois!

Levantou-se, deu uma volta e familiarmente ao Governador:

— Isso deve ser maranha do Ernesto. Quer galgar posição... Cathechizou o ministro com coisas de cavallos e bois sem paternidade, coitados!, Pobre paiz! e agora você, para não desgostar o ministro vae comprar padreadores e homenagear a ignorancia do informante.

— E'. Mas é preciso dar qualquer resposta ao telegramma do Carneiro.

Canuto Machado sentou-se á secretaria proxima e compôs o seguinte telegramma: *"Palacio Governo Estado de Alagôas. — 5 de Agosto de* 19. — *N.* 148. — *Exmo. Sr. Ministro Agricultura Industria e Commercio.*

Agradeço V. Excia. luminosa lembrança melhorar sangue decadente bois desta circumscripção. Deleguei poderes"...

— Deleguei poderes... — disse o secretario para o Governador, indeciso.

— ..."*deleguei poderes Dr. Ernesto de Oliveira seguir Rio adquirir reproductores*", — concluiu S. Excia. com autoridade.

— Neste caso... "*Queira V. Excia acceitar protestos grande estima alta consideração*", rematou o Secretario bufando.

Dias depois chegava Ernesto a Maceió e comparecia perante o senhor Secretario, com phrases erguidas e estudadas:

— Sr. Secretario, essa campanha em pról da renovação dos nossos rebanhos e do desenvolvimento da nossa pecuaria me enleva...

— Sim senhor, não é para menos, resmungou o outro com mal disfarçada ironia. Inqualificavel, simplesmente inqualificavel!, dizia entretanto, de si para si mesmo ,— aquillo eram attribuições de um Secretario do Interior! Explendida commissão!

E lá se ia de aguas a baixo uma rica opportunidade de dar um passeio ao Rio de Janeiro!

Depois de um minuto, rosnou o Secretario:

— Felizmente não sou eu quem vae metter-se nessa camisa de 11 varas! S. Excia. sabe o que faz...

— Sabe o que faz? Que quer dizer V. com isto?

— Isto não é delegação para uma pessôa que se préze!

Um mês depois apparecia Prescot na provincia, e com elle uma viçosa manada de bois reproductores.

O Juiz transferira-lhe a commissão.

Negociozinho bom para ambos. Além de não ser obrigado a abandonar o cargo, comia brincando a metade dos proventos e podia agora repetir ao Secretario, concordando com elle, para não desgostá-lo:

— Sim, senhor, não era de facto uma delegação apropriada... Aqui, para nós, esse Pires Carneiro!... Uma pessôa da minha pôlpa! *"De minimis non curat praetor"!* Esse Pires Carneiro!...

— Ernesto!

— Horacio!

E caíram nos braços, um do outro, como se velhos amigos fôssem e afastados por muito tempo, se revissem.

Quando começaram as apresentações e o esculptor, num momento de confusão abalroou commigo na pequena "gare" da "Great Western", disse-lhe com discrição:

— Qual dos dois é mais patife, hein, meu safardana, — tu ou o Juiz?

O celebre homem riu parisiensemente:

— *C'est la vie, mon p'tit... Soyons intelligents!*

Maiores patifes são estes inglêses da estrada de ferro! Que viagem, meu filho! Pó, calor, vagões sujos, restaurantes immundos! Fui até assaltado pelos mendigos... "*Sacré nom!*"

E para o Ernesto:

— Como vae a esposa? Sempre encantadora! Hein?

Organizou-se o prestito.

Haviam accorrido centenas de pessôas de todas as classes, o sr. edil, o sr. tabellião, negociantes, boticarios, embaixadas de clubes desportivos, representantes da Sociedade Recreativa e Dansante "Veneza Palmarina", o proprietario do "Cine-Bertini", socio das philarmonicas locaes, emfim "as figuras mais representativas da élite social", conforme communicou ao "Correio da Tarde", o correspondente do diario no municipio.

De quando em quando espoucavam girandolas e a "7 de Setembro" espapaçava um dobrado do Piranhas, o "Estrompa moleque", heroicamente rhythmado, segundo

o objectivo do compositor, — de desancar os ditos, que fazem tropel, na deanteira dos cortejos.

Na buliçosa frente delles, ia inteiramente embriagado o Valladão, decano dos páos dágua da cidade, a bradar:

— Viva o "seu" esculptor, e o doutor Ernesto de Oliveira, "seu" cura, "seu" promotor... Viva a minha bebedeira! Uma ova!

Ao dobrar o becco dos Correios, o "chuva" intrommetteu-se na comitiva e abraçou o artista:

— Meu "nego" você é uma belleza...

Seguraram-no.

Puxaram-no: — *"'oc'é besta?!"* — para fóra do acompanhamento.

A *"7 de Sctembro"*, com o Piranhas na batuta, continuava o triumpho, vibrando marchas, dobrados e tangos languorosos.

O cortejo penetrou tumultuosamente na casa do Conselho, ouviram-se "psius" e o Juiz tomou a palavra e apresentou o novo Rodin ás gentes felizes da cidade serrana, "no que julgava prestar-lhe um serviço relevante, substancial, attendendo-se ao nome, talento, lealdade e influencia do manifestado"... (Muito apoiado!).

Era noite.

HESITAÇÃO

"O ouvido que ouve, e o olho que vê, ambas estas coisas fez o Senhor".

PROVERBIOS, 20, 12.

A alma dos Eddas e dos Nibelungos desceu naquelle instante á casa colonial dos tropicos.

Cantaram um côro enternecido as verdoengas aguas do Rheno. Nadam ondinas, brancas como a lua. Anões e gaiteiros gnomos cirandam entre os pinheiros, pulando e saltando com arreganhos joviaes, numa ronda fantastica, animando o luar exiguo das clareiras. Elfos descem da copa dos carvalhos, homunculos barbaçudos surgem das cavernas escusas e tessem e destessem a têa de harmonia da penumbra.

Ao piano "mistress" Roberto Brandt ensaiou a musica dos "high-landers".

A senhora Yeats prendeu o violino com o queixo alvo, e empunhou o arco gemebundo.

A' axilla brilhou a grenha fulva exilada, e nella embrenhei meu ardiloso enleio, percorri a perfeição branca do braço nú, desci aos seios fartos mas rijos, á cinta, ao ventre, ás ancas de cantarinha, á vedada selva, em que o pudor se abrigou, e toda ella desnudei á alcova tepida da minha imaginação.

A arte esmoreceu a arremettida do pensamento ruim.

O piano vibrou agora em mi bemol o preludio do *"Rheingold"* e o *"leitmotiv"* da legenda symphonica varou o ar, espalhou-se no ambiente, esfumou-se, esvaiu-se, diluiu-se no ether.

Concentrei-me todo, como atordoado da eternidade daquellas vozes.

Era a fala do elemento primitivo, — a agua prolifica donde todas as coisas provieram.

Depois rhythmos novos, ligeiros, vivazes, subtis, notas alacres surgiram, conjugaram-se e urdiram uma arvore sonora... E esta arvore cresceu, cresceu, deitou raizes no fundo da terra, distendeu os galhos no infinito dos espaços, — e as folhas, nos galhos, eram cigarras isochronas que o vento dispersava...

E as cigarras cantaram uma melodia, tumultuosa, aspera, em accordes fugitivos, em ondas geminadas como as fluctuações do abysmo... E as aguas elevaram-se e

cobriram a arvore, movimentaram-se numa direcção e noutra, despenharam-se em catadupas de notas que estremeceram as entranhas da terra...

Os pedaes do piano agitavam-se, e o busto delicado da pianista torcia-se todo á direita e á esquerda, arrastado na impetuosa rajada dos sons.

Ella ergueu-se ligeiramente. As palmas soaram. Prescot produziu os cumprimentos da assembléa, em fórma de allocução.

Mas o Juiz levantára-se com um ar tresvairado, concitando-o ao silencio.

Yeats Butler, o amphitryão, mirava-os com um olhar turvo, através de seus copos e garrafas de *"whisky"*.

As colchêas se ennovelavam sob os dedos da pianista, como virgens ébrias numa festa pagã. E viram nella os meus deslumbrados olhos a loira Woglinde, guarda do oiro sagrado dos rios mysteriosos.

E esta Woglinde, como num passe de prestimano, desdobrou-se em mais duas nixes desnudas, e uma era Vulna e a outra era Hilda.

Então, na transposição magica que se operava nos meus sentidos conturbados, vi-me ali, no meio daquellas nixes, transformado tambem. Jeito de chibo era o meu, assim nú, mas coberto de felpa.

Se não chibo, fauno silvestre fiz-me, anão das selvas, silvano de Ovidio, talvez...

E na vagabundagem amiga do meu espirito, des-

penhei-me aos saltos sobre as nymphas, trasgueando lumes.

Mas qual dellas escolher, se o coração do fauno é tão elastico, e a belleza das nymphas tão diversa?

Bem desconfiava daquellas correrias, que, se modo ou geito de Nibelungo, em perseguir nymphas tão esquivas, era o meu, — a astucia e os pés forcados havia-os de capro. A violinista encetou, após, o motivo principal do drama.

Segredaram-me as nymphas as virtudes magicas da joia, — possuí-la, renunciar ao amor!

A vida é o dominio.

Eia! E o coração no peito se alvorota, — ser forte! E ter a juventude eterna, a alegria panica dos deuses!

"Mistress" Brandt desenvolve thema, o rhythmo se enfeita, o motivo povôa-se, conspira-se a derrocada final, o anathema geme, vociferam os deuses, dialogam os sombrios numes, Sigfredo agoniza no amago da floresta, a oração funebre resôa...

E' a raça dos deuses que se acaba.

Brunhilda! Brunhilda!

Os ultimos sons esmaiaram, morreram.

Constança estava triste.

Soprei-lhe ao ouvido:

— Que tens??

— Nada! A musica, talvez... Parece que ella me afasta de ti...

O Juiz discutia em voz alta com o esculptor.

Hilda veio sentar-se á nossa frente.

— Quando casam?

— Quando Deus dér bom tempo, o dia virá, respondi.

Procurei Vulna, — lá estava ella, num recanto da sala, palestrando com Brandt.

Etacio Prescot, muito conversavel, juntára-se a elles. Yeats cochilava, defronte da sua mesinha de "grogs".

Pensando nas três attracções do meu espirito, contemplei-as do meu rés-vés.

Constança, inexperiente e nova, com todas as fomes e desassossegos da carne; ciumenta de tudo, — no passado e no futuro, no possivel e no impossivel; Vulna, desprendida, lasciva como uma festa de Baccho, como um açambarcamento de gôso, de imprevistos, de instabilidades; e Hilda, senhora e esphinge.

De que modo amaria Hilda?

Como seriam os seus impetos, os seus transes, as suas rendições, sob a trama insidiosa da raça, dos annos, da esthesia?

Pús-me a fitá-la. Dando com os meus olhos, voltou as suas pupillas claras para Constança.

— Porque não tem apparecido mais a amiúde? — perguntou-lhe. Bem o sei que o tempo de noivado é tempo avaro, que não se disperdiça... Mas, será que Fernando... Permitta-me que trate assim, com igual familiaridade, o futuro marido da minha amiguinha, disse-me; e voltando-se de novo para Constança:

— Será que Fernando faça monopolio da sua beldade? Veja bem, disse-me, que os meus direitos são de antiguidade.

— Constança, proferi, tem toda a liberdade primitiva. Para fazer o que quisér. Sou generoso, como vê.

— Para fazer o que quisér!, exclamou Constança resabiada.

— O que quisér, menina, — emendou o Juiz, com uma intenção fina na voz. Já não penso assim. Generalizo. Não particularizo o meu caso, — e olhou de soslaio a mulher entre os dois galantes, no desvão de uma janella. A vida conjugal, ou mesmo, o simples promettimento entre pessôas, é uma limitação egoistica, em que até o ciume é necessario. Nestas coisas exijo cautela, mas cautela de morte...

— Discordo, interveio delicadamente Hilda, — discordo. Não admitto o ciume como condição vital do amor. Se a união é bem constituida e correspondente, a confiança mutua supre esta aberração do affecto. As gentes fracas é que se picam nesse espinho, por se julgarem continuamente á beira da trahição. Quem tem força não teme...

— Questão de sangue, proferi. Emquanto os povos fortes, na generalidade, amam com o sentimento da alegria vivificadora, a nossa gente, grandemente passional, soffre do pieguissimo mal de amor.

— Não me arrojo a tanto affirmar, objectou Hilda. A franqueza, a sobriedade, a sociabilidade do povo desta

terra tem para mim, pelo contrario, o effeito de uma revelação. Dia a dia, ao identificar-me a um costume desta gente, creio fazer uma acquisição valiosa. Meu marido é um "quaker"... mitigado.

Olhou-o de través. Yeats levantára-se. Examinava ao clarão do lume, uma a uma, as suas garrafas de *whisky*. Ella baixou a voz e continuou:

— Ha no feitio do seu espirito a particula arredia da raça, que transmitte a certos homens do norte uns ares de austeridade superflua, que ao invés de os tornar mais sympathicos, mais humanamente fortes, como alguns pensadores suppõem, fazem-nos mais metaphysicos, mais devaneadores. Yeats, — e está nisto a sua mais bella qualidade, — não me priva desta sêde de acquisições do meu espirito, e por isto mesmo, como paga, eu respeito e mantenho intacto o prestigio das suas excentricidades. Nasci mais ao sul, mais ao pé das realidades...

— Bellas realidades, minha senhora, proferiu o Juiz, dando de cabeça, os signaes ponderosos do julgamento. Worcestershire resume o seu bello país. Delle, poderia, parodiando Prescot: *"Worcetershire! quando ego te auspiciam"!*

— Mais ao pé das realidades, tornou Hilda a dizer.

— ... as realidades praticas, considerou desta vez o commissario.

— Chamo a attenção, sem immodestia, para a minha assimilação quase completa da lingua, coisa que só

se consegue com muita vontade de aprender, e grande sympathia pela patria que se adopta.

O Juiz ratificou os assertos de Hilda com um salamaleque.

— Emquanto isso, Yeats, apesar de mais de um decennio de pratica no idioma, expressa-se com difficuldade e se admira de como até a minha prosodia é brasileira...

Intelligente especime da raça, aquella estranha organização de mulher exprimia-se com elegancia e doçura. A sua esthesia, o brilho da sua sagacidade triplicavam-lhe a seducção, tornavam-na mais bella, e transmittiam-lhe uma apparencia de suave juventude. A sua face, ao quebra-luz, tinha uma casta expressão, aberta franca, de sérias benignidades, saudaveis, honestas. Vulna corria despreoccupadamente o teclado, ferindo as notas de uma melodia brasileira.

Não julguem, continuou Hilda, levantando-se, que eu góste menos da musica brasileira. Ella é doce como o sentimento do seu povo.

Sorriu, meigamente, e lepida, junto ao piano, trauteou:

"A' noite se a lua passêa no céo,
E a onça, na selva, rendida a namora"...

E a melodia, calida, luxuriante, cambiou no ambiente em que ainda dançavam uns farrapos de bruma escandina-

va, numa temperatura contradictoria de ducha escocesa. E a carpintaria scenica das caatingas e dos sertões desenrolou-se lentamente, evocando repinicados de violas. Enjaulados os bichos friorentos e os platonicos faunos saxões, passearam a arena enluarada o caipora, o caxinguelê astucioso... Perfumou o ar o imbirussú florido. E como a arte, musica ou poesia, é um modo de sublimar as apparencias das coisas, — cangaceiros arremeteram em lances de cavallaria, em pangarés elevados á altura de philogeos de Appollo.

E então foram palmas ao esculptor incitando-o a declamar. Não se fez rogado:

— Qualquer dos novos: Miliet, Manoel Bandeira, Cocteau, Max Jacob, Luiz Aranha...

O Juiz apanhou o ultimo nome e com a sua mania universalista, solicitou:

— Graça Aranha! Desejamos ouvir Graça Aranha. E para o restante auditorio, solemnissimo:

— Grande cerebro, esse Graça Aranha o autor da brilhante obra *"Chanaan"* e varios livros de versos...

O esculptor advertiu:

— Luiz Aranha! Luiz Aranha! Graça Aranha é passadista, e nunca escreveu versos. Oh! pardon Monsieur!

E antes que o Juiz retrucasse, sapecou ali com todos os requesitos da arte declamatoria moderna o *Poema electrico* de Luiz Aranha:

Querida
quando estamos juntos
vem do teu corpo para o meu
um jacto de desejo
que o corre como electricidade.

Vulna achou aquillo *chic,* lindo! Lindo! E pediu Miliet.

E o artista, zás; sapecou o "jazz-band", de Miliet:

Rires Parfums Decolletés
Bizarrure multiple des couleurs
Et de ci de lá taches blanches sur fond noir.

Palmas! Palmas!

O Juiz estava encalistrado. A *gaffe* do começo. Graça Aranha modernista... E com o maior das indignações passadistas arremetteu:

— E o nosso Fagundes? E o nosso Fagundes Varella? E o nosso immenso Ca-si-mi-ro de A-breu?

— *Gens fossile, mon fils...* Conheci Cocteau em Paris. Conheci...

As acclamações eram agora para D. Vulna.

Vulna levantou-se esplendida e como um Himalaya de peccados acercou-se do piano.

Feriu-o com alguns accordes. E alçou a voz. Prescot accorreu a virar as paginas do livro de canto e ficou rente á cantôra, entorpecido:

Quem ha que me queira
Quem ha? Oh! quem ha?
Que eu sou brasileira
Formosa e faceira...
Quem ha? Oh! quem ha?

O esculptor disse baixinho, só, para ella: *Moi.*

Quem ha que me queira

— Canção expressiva, genuinamente regional, dogmatizou o Juiz.

Roberto Brandt voltou-se para elle muito risonho:

— Com effeito. Muito *expressive.* E batendo-lhe mansamente no hombro:

— Pôs Doctor Ernest. Senhorr está muito anémico. Olhe. Uma pouca de torneio. Acordar cêdo, muito bom!

O Juiz queixou-se de "spleen"... não ter nascido inglês! Tinha até ás vezes desgosto de ser brasileiro! Então Robert tocou-lhe no ombro, com o mesmo impeto de força subversiva:

— Ser inglês... Tambem muito bom... Oh! ser inglês... Sim, senhorr, muito *expressive.*

Entretanto Prescot acercára-se mais e mais de Vulna. Sobre o teclado, as mãos delle e della se tocaram reconciliadas. E ella, esquecida da scena da rua dos Voluntarios, acceitou a côrte do crapula.

Depois da melodia, novos grupos se formaram. O

Juiz modificou a posição da sua cadeira, vestiu uma postura grave e, julgando ser amavel ao estrangeiro, dogmatizou:

— O Brasil é uma fachada. Por detrás desta fachada... — como direi? — "vive" um espectro, que é o "heroico brasileiro agreste". O sertão e a cidade de provincia são uma illusão, deleitavel sómente nos versos dos sertanistas. Quanto a mim, confesso que vivo doido por me retirar daqui, e fico sorpreso, sorpresissimo, de como os senhores, — dirigiu-se aos estrangeiros, — deixam o progresso e a civilização européa por uma cidade inculta do interior deste Estado... Emquanto isto acontece, o nosso caboclo opilado, que, segundo dizem, constitue o ultimo reducto da raça, foge dos luares poeticos, das violas cantadeiras e cavalhadas medievaes, para assentar praça no 20 de Maceió, com destino á Capital do país. Abandona os engenhos e as usinas pela vadiagem das estações da Estrada de ferro, quando não prefere a praça de policia e a nova escravatura das fazendas sulistas. Estes cangaceiros que se decantam nas modinhas, não passam de anormaes, e os caboclos violeiros desta poesia sertanista, são uns mandriões, meus amigos, uns simples mandriões...

Yeats mantinha-se silencioso, interessado com o que se conversava, mas sem desviar com uma palavra sequer, que encerrasse um conceito, o rumo da palestra.

Applaudiu-me, porém, com calor, quando me dirigi ao Juiz:

— Não convem generalizar. O caboclo opilado, ou enfermo de verminose, não constitue a regra nem o estalão aos demais brasileiros. Ora, esta!, a nossa gente tem este mal, — deixar-se levar pelos preciosismos rhetoricos, pelos desgovernos e extravagancias das palavras, pelas phrases foguetes-de-lagrimas, fogos de artificio do verbo, ora...

Constancinha sentou-se ali perto e especou a attenção, de punho ao queixo, os olhos mysteriosos de mysteriosa cariatide em que eu espreitei a amenta dos meus lupinos desejos.

— Sou um desilludido, collega, sou um desilludido... — replicou o Juiz.

— Um conceito, prosegui, uma phrase qualquer com dois adjectivos furibundos é o bastante muitas vezes para atear o motim, em que uns clamam potencia, outros berram fragilidades, — as nossas pretensas superioridades e suppostas incuraveis mazellas. Ora somos o povo de Israel, vivemos numa privilegiada Chanaan, ora nos resignamos humildemente com o attestado de imbecis que a eloquencia diffamatoria tão nossa, tão de casa, nos passou. Esta literatura de symbolos nacionaes é a coisa mais inocua que póde haver. E' querer enquadrar um temperamento que se organiza de outros temperamentos, não organizados ainda, no grotesco de uma caricatura, sem levar em linha de conta o scenario que é vasto, e as condições de clima e topographia. Os proprios paradigmas vegetaes escolhidos sabidamente, como sêres directamente li-

gados á terra, o dizem. Assim, seria destruir as classificações bôtanicas e confundir até as plantas que dão flôr e fruto no typo inerte do urupê, ou na tenacidade vital do chique-chique... A's vezes, eu tenho a impressão, vendo a invasão das raças advenas, dos costumes estranhos, vendo a crise da lingua, a tortuosidade da politica, a malleabilidade do caracter, — tenho a impressão ás vezes de que a arvore brasileira vae ser suffocada pelos competidores. Que ella se esgueire pelo seu seu raiozinho de sol a que tem direito no mundo, e vença! E se não puder ser arvore linheira, seja pelo menos cipó dominador que revindique e triumphe, com o braço da força ou da astucia.

Hilda applaudiu-me com a cabeça. Sorriu e disse:

— Olhe ahi o symbolo! Não se póde passar sem elles. Mas deixe esta illusão de força! As raças não vencem unicamente com a força. Triumpham tambem com outras possibilidades pessoaes. Esta insatisfação, estes suppostos ridiculos são necessarios ao progredimento. A insatisfação e a auto-critica são as forças do grande homem. O caracter depura-se com a cauterização dos proprios defeitos. O brasileiro ha de ir para a frente, por determinismo, por destino, se quiserem. O que se observa agora é o tumulto da terra nova. Mais algum tempo, elle arrefecerá, e um povo forte integrar-se-á na corrente da civilização, que ha millenios vinda do oriente fecundará tambem o Brasil.

Percebia-se bem a agudeza espiritual daquella mulher. Ademais ninguem se atrevia a contradizer tão ga-

lante doutrinadora. Servira-se chá e o tradicional "pudding" inglês.

A palestra desvirtuára-se. O Juiz requeria que se fizesse a estatistica das nossas capacidades, dos nossos talentos...

Naquelle "mare-magnum" de discursos, Constancinha internára-se cada vez mais, numa tristeza immotivada, extemporanea.

Vulna, Brandt e Prescot praticavam a um canto da saleta. Affirmei-me nelles, — os olhos da aranha reluziam e nós, maribondos zumbidores, nos offereciamos aquellas armadilhas de velludo e fogo.

❦ ❦ ❦

SONHO DE SALOMÃO

"Mas o rei Salomão amou apaixonadamente a muitas mulheres estrangeiras, tambem á filha de Pharaó, e a mulheres, moabitas, iduméas, e sidonias, e hetéas."

AQUELLES serões tiravam-me o somno, e davam-me pensamentos vertiginosos, allucinações. As palavras que eu proferira, as idéas que emittira, se ampliavam no meu cerebro, e eu julgava-me summariamente:

— Uma besta palavrosa!

E Hilda? Um pouco emphatica, era bem verdade. A influencia dos tropicos, sem duvida, guindava-a...

Mas, fina até ali!... Até na maneira de sentar-se!

Hilda! Eu me sentia fascinado deante daquelle cerebrozinho inglês. Hilda! Hil...da.

E eu já dormia a somno solto: — a porta do meu quarto de dormir rangia nos gonzos sinistramente. E o punho cerrado de Robert, formidavel, ameaçador, penetrava por ella, crescia para nós ambos, com os imprevistos ademanes e aviamentos de um professor de sôco.

Eu, de quatro pés, fazia-me prudentemente, para debaixo da cama. O Juiz a três, piscando o olho, preparava scientificamente um "rabo-de-arraia". Mas a mão impiedosa de Brandt tomava-o pelo pernil, suspendia-o á altura do rosto, que ia surgindo pouco a pouco da escuridão...

Mas, célere, tudo se desfazia.

Mas continuava a sonhar.

Vulna, sempre tão attrahente, curvava-se deliciadamente, brincando com as teclas.

Ao lado della, Etacio Prescot com o bogalho do olho próvido, e gatimanhas parisienses, procurava equilibrio nas pernas...

(Ai de mim! elle amava-a...)

Diabo de pesadelo, diabo de sonho ruim!

E voltava-me na cama para o lado da parede. Insomnia e pesadelo devia-os a Mister Yeats, á sua mesa sempre farta, transbordante, aos seus rogos e intimativas de amphitryão.

Valia a pena beber...

E novamente, — "convalescer"...

Mas aquelle Robert se guindava mesmo; sob a in-

fluencia dos tropicos, sob o influxo do Prescot, não ha duvida...

A flertarem com Vulna toda a noite.

Foi um *"dining-match"* famoso, aquelle!

Padre Josué já não "podia mais"...

O Juiz passára todo o tempo a blasonar que não havia outro, como elle, "cotuba" no garfo.

— Para terminar, uma chicara de café simples, dizia elle. E você, Robert?

— Traz chá, pão e manteiga, para quatro...

Que tal? Era incrivel, mas era verdadeiro.

Padre Josué, muito lisongeado, obtemperava sorrindo:

— Senhor Robert Brandt, mandei fazer um bifestequezinho de meio quilo de *"filet"*...

— Com ovos e batata inglêsa... — E espetava o queixo enorme e laborioso, que o sotaque aspero ainda fazia maior.

Nelle o amor era assim violento e exhaustivo.

Era necessaria uma reacção de minha parte. A patria perigava, perdia na luta, na competição do que só tinha a competir, neste seculo de corridas pedestres, de vertigem, de automovel, e radio.

Porque não exercitariamos o boi para as corridas?

A patria permanece no periodo do boi. Toda a civilisação — roda ou radio — vem de fóra, importada,

Pobre terra!

Vou pensar maduramente nisto e escrever uma monographia.

Mas que insomnia!

Começo a contar pelos numeros, para desviar as idéas.

— Um, dois, três... Trezentos! Contarei até trezentos, até não mais.. Antes dos trezentos, estou bem certo, — terei adormecido. Um, dois, três, quatro,.....

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . ?

. . . . . !

— Mistress" Hilda!

— Com effeito, muita emphase!

(Dois suspiros, muito puxados no fundo do peito, entrosaram-me os algarismos. Recomecei do numero "um")

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . . duzentos e oitenta e oito, duzentos e oitenta e nove, trezentos.

Trezentos !

Mas o que eu preciso é de amar!

As trezentas mulheres de Salomão, — hei de ama-las!

Mas que insomnia!

E' precisa uma reacção, a patria periga!

Porque não exercicitariamos o boi para as corridas?

Não, troquemos de lemma! Em vez do "Ordem e Progresso", que ha tanto tempo procuramos objectivar, — e não objectivamos,—o "Crescei-os e Muitiplicae-vos" da biblia, muito mais facil e apropriado ao espirito da raça.

"Crescei e Multiplicae-vos", eis a moral da reproducção, em parte, como foi compreendida pelo filho do Homem !

Kant, o maior genio philosophico que jámais houve, considerava a conservação da especie uma funcção sagrada.

E' exacto que elle tergiversou.

Os dois philosophos só tiveram o senso puramente theorico da funcção.

Foram dois ousados esgrimistas da palavra, do entendimento, que não aquelles homens-potencia, na mão dos quaes o bronze das leis amolleceu, constituido em acção. Foi assim Thomé de Sousa, homem tão sisudo das suas partes, que pudéra viver impunemente num mosteiro!

Quando veio para o Brasil, trouxe o patriarcha, ao molde do seu sério, os santos padres da Companhia de Jesus.

Elle e comitiva valiam-se, completavam-se. Aqui chegaram, aqui viram as necessidades da terra, — e deram-lhe provimento.

Thomé afroixando as "Ordenações do Reino", os santos padres temperando o "bronze" e a sua tesura.

"Assi a verdade he igoaria maravilhosa, mas querse cosida & temperada para confortar o estomago dalma & nam escandalizar"...

Era de vêr a insistencia com que pediam mulheres, *"mulheres ainda que erradas"* com o objectivo de cevar a concupiscencia dos portuguêses, libertá-la, não lhe permittir contaminação.

Os padres jesuitas teriam sido os criadores da prostituição official nesta Terra-de-Santa-Cruz, como o foi Solon na Grecia, importando mulheres do prazer da Ilha de Lesbos?

Sabendo que tudo no amor é a novidade mais nova para empecimento do mal que lavrava, requisitam mulheres frescas do reino, a "peçonha refinada" do peccado, "mulheres erradas," daquellas que "fazem sobrancelha com linha, e alimpam o carão com vidro".

A nossa cabocla não conhecia o segredo destas restaurações.

Os seus arrebiques exoticos não acordariam sentimentos á possivel esthetica dos portuguezes do Renascimento.

Ellas viriam auxiliar o Estado, salvar a dignidade colonial da derrocada.

As nossas caboclas, muito poiseiras, não saberiam

movimentar-se dentro de uma arte em que as suas reservas de imaginação seriam nullas.

Noutro gosto, as posturas e assentos do madamismo alienigena, de muito bôa musica e talhe, estavam a morrer de calhar para os mistéres da procreação.

E apesar disso: novos caldeamentos, novas contaminações. Afro-lusos-americanos! Herdamos do português uma particula de Salomão. Fecunda e dominadora? Experimenta-se. Só o tempo dirá. Mulheres... mulheres...

— Deixá-las vir, deixá-las vir !

Meus pensamentos defluiam por ahi, desordenadamente, quando um pesado somno me veio poisar, definitivamente nas palpebras.

Eu sonhava que subia um throno, mas um throno tão macio, que ali mesmo me recostei, e comecei a dormir.

— Deixá-las vir, deixá-las vir, que eu hei de absorvê-las, todas as Hildas do universo, que aqui vierem á conquista da terra... Eu e o Juiz forrar-lhes-emos a cama, e a patria prosperará em homens e sabedoria. Os meus camelos irão por todas as trilhas do universo, onde houvér puberes a conceber.

O JUIZ

— Já não é preciso mandar os teus camelos... Os transatlanticos trazem-nas nos porões, — polacas, syrias, italianas, portuguesas, alemãs, chinesas, japonesas, aos milhares em todas as luas.

EU

— Juiz de uma figa, que te intromettes nos meus scismares, sem nada entenderes de ethica ou de philosophia moral! Eu não sou o animal semifero que empolga dama, pelo simples desencargo da natureza! Trezentas mulheres me vás buscar em terra de Moab. Mas, olha lá, trezentas, não te esqueças. E' Salomão que te ordena. Abre a minha burra e saca de lá oitocentos ciclos de prata. Mulheres, mulheres... Trezentas! Faço questão do numero. Quando tiver muitas, terei talvez uma...

O JUIZ

— A minha mulher, hein?

EU

— Na tua mulher, a quem devo a inspiração de cento e sessenta e oito versiculos do meu "Cantico dos Cantigos", eu amei a escrava celtibera de côr morena e seio farto; amei o desfastio da grega, — e da romana o prestigio da má reputação; não amei tua mulher... Amei a rusticidade das mulheres de Artabro, de membros duros e enxutos, — na tua mulher; amei o ardimento e a manha da turdetana,qualidades que hoje só se tomam de má parte... ó, Ernestinho, toma tento!

O JUIZ

— Que grande economia de mulheres tu fizeste, — na minha mulher... Hein? Salú, agora que estão em moda os artefactos de borracha, que immensa coisa se pudessemos remontar cirurgicamente as virgens, restituí-las periodicamente á donzelia! Vou levar aquella grande obra do René, e consultar por lá os esculapios. A seringa do Pará anda agora em tudo...

SALOMÃO

— Em tudo... Nos pneumaticos...

O JUIZ

— Nos instrumentos cirurgicos...

SALOMÃO

— Ora, até no Olympo os deuses mettem capa de borracha...

O JUIZ

— E' a idade de oiro da borracha e do algodão, dos corpetes protuberantes, dos seios de caúcho, dos "figures improvers" de cotão...

SALOMÃO

—Mas alto lá, nada de mystificações. Para salvaguarda e honra das instituições, traze-m'as novas e de primeira mão. As raças agonizam, meu velho... Chegou o tempo das sub-raças. O reino de Salomão não ruirá!

Era um sonho e nada mais. (O meu escudeiro, o Juiz, já devera voltar da expedição). Eram homens immensos, de uma carnação deslumbrante, ordenados em marcha accelerada, parecendo seguir no couce de um inimigo fujão. Tinham arrodeado o mundo, e do lado mais obscuro dos antipodas, surgiam por fim no Oriente. Eram os descendentes do velho Atlas, fundadores da Heptarchia inglêsa, e traziam um destino formidavelmente identico: — *"gerere immania"!*

A sua historia podia dizer-se com as palavras symbolicas da cabala. Nas margens do mar Azof encontraram a samarra com que Jupiter olympico se disfarçára para o rapto de Europa, filha de Agriope.

Então, um daquelles homens fortes e barbaros, vestira-a:

— Bôa peça para uma caçada!

Jupiter tinha descido á terra sob a fórma daquelle sacrilegio, e mais uma vez a Europa fôra conquistada. Agora a America!

Manda-me a verdade dizer que naquella terrivel emergencia, não tive tempo e folego para as conjecturas que aqui faço.

Pensei vagamente, é exacto, aonde iria o intento de gente tão fornida.

E mais não pude, porque aquella pessôa do pellico jupiteriano, — uma verdadeira vacca, assim de chifre e rabo como estava, — escarvou no chão, uma que duas vezes como um gallinaceo...

E investiu para mim !

Foi uma carreira louca, vertiginosa, indescriptivel.

Sentia já um tropeço nas pernas, um cansaço nas juntas, irreprimivel, — e na ponta do dedo do pé o peso morto duns chinellos anachronicos.

Suava em bica por todos os póros e sempre que voltava a cara para trás, — a bestiaga a bufar, a correr.

Por duas ou três vezes, senti-lhe a bafoeira calidissima nas costas, e todo me tremia o corpo, tanto de frio, como de susto. De subito, — um choque formidavel, mas destes que só nos sonhos estimamos levar.

Era uma barreira insuperavel, um montão de feno, palha ou paina, — paina, sem duvida, de algodão "*strict middling*", mocó, — um immenso monte, destes que em tempo de estio, se empilham nos terreiros. Ahi bailamos, em torno, alguns momentos, eu e a féra.

E já me pilhava o bicharoco! Então trepei com quantas unhas podia por aquella torre de painas.

A cada pontada que levava, ascendia, ascendia mais e sempre...

Emquanto a féra em baixo pinoteava doidamente.

Um momento houve em que senti qualquer coisa desprender-se-me das entranhas...

Foi a minha salvação. Pus de novo a corôa na cabeça, empunhei o sceptro.

O bicho se limpava no focinho com a pata mais circunspecta deste mundo.

Aquella fôra a resistencia da fraqueza contra a força. A victoria da sub-raça sobre a raça. Despertára.

EX-LIBRIS

"Não te desvies, nem para a direita, nem para a esquerda."

PROVERBIOS, 4, 27.

EIS aqui, de curvejões retesos, o grande olhar baço e indeterminado, extatico e profundo, o boi de canga.
Parece o espectro da Interpretação!
Baixa a cabeça e rumina.

A palpebra pesa-lhe sobre um mundo de evidencias e allegorias.

Tem quatro estomagos por armazem de idéas! Parece a esphinge da philosophia antiga, calma e rotunda, em que mal se apercebe a agitação dos amagos; e o movimento ascensional dos conteúdos, que apenas verificamos, e não compreendemos como sensação, deixando sobre a lingua aquillo que restrictamente devera deixar: Palavras!

Quem pudéra apreendê-los nas suas grandes linhas, nos seus methodos, na sua logica, o trabalho destes elementos cogitantes, em que uns montam, emquanto outros refluem, se eliminam, e pouco a pouco se vão integrando em o nosso sêr espiritual!

Para nós, pobres irracionaes, por mais afinemos a nossa curiosidade, trituremos o objecto della, — é sempre o mesmo tojo, o mesmo feno, a mesma grama, a mesma palha.

O cerebro coordena.

Mas, não.

Não em decalogo, em táboa rigida, inquebravel.

Só uma nos veio de Deus; nem esta resistiu ás iras de Moysés.

E' que os homens variam, tão certo não termos em nossos mãos os momentos estaticos e dynamicos da nossa alma, — as nossas acções, que dependem menos de nós mesmos, do que de uma providencia superior, ou propriamente nossa.

Nosso, puramente nosso, só possuimos este golfão dos pensamentos alheios que transformamos em materia intima, através das adjudicações, das expoliações, que constitue em si o acto da ruminação.

Sentimentos, emoções, vão e veem, indecisos, trocam direcções, sóbem e descem, como que jungidas ás ignotas forças que as envolvem.

Em que monta, portanto, estabelecer antitheses, apontar um centro, dar nomes, quando a qualidade hermetica, e a quantidade indefinivel destas determinações não servem sequer ás almas rudimentares, desataviadas?

Serviriam a nós, sêres complicados, que, segundo os philosophos, estamos envenenados de preconceitos e de vicios?

O homem há de terminar como devera, sem ter conhecido o seu verdadeiro momento de sinceridade, de exactidão e de nudês.

Complicado e artificial, em tudo que vejo, folha secca que torna ao vento, pollens inconscientes que vibram no ar, elle, o "criador de valores", é o ultimo valor, a ultima especie psychologica.

O boi é a primeira.

Em tudo que vejo em torno, elle é um grande rhythmo, força distruibuidora, que não sabe outra fé que a serenidade.

Alma cheia de germinações, onde reza a luz de um outomno permanente, é elle entretanto o unico que não colhe.

Elle, que abre os sulcos, destorrôa as geiras, distribue as sementes.

Entre o homem e o fructo, vêde o boi.

Entre o homem e a arvore póde estar a sombra que é fugace.

Está sempre o boi, que é eterno e prestadio.

Tudo o que toma á natureza, devolve ao homem em esterco fecundante.

Dá o exemplo da vida, como os prophetas, mas sem invectivas, nem revoltas.

Sereno boi, bemdito sejas!

— Mas, venha cá, disse-me um amigo literato ao terminar a leitura deste capitulo, "que desvio é este", que tem o boi com Salomão, ou vice-versa, o rei com o ruminante?

— Nada, respondi. Nada tem um com o outro. A revelação do sonho que acabais de lêr á esquerda e a do outro que ides lêr á direita precisava de um capitulo intermediario, como derivativo dos assumptos deste livro. Dahi o "Ex-libris", com a respectiva citação do sabio, justissimamente adaptada, e que eu offereço em resumo da moralidade desta obra.

— Sereno e opportuno boi, bemdito sejas!

SEGUNDO SONHO

"O pão da mentira é gostoso ao homem; porém, ao depois, a sua bocca será cheia de arêa."

PROVERBIOS, 20, 17.

POR certa noite, horas velhas já, eu cochilava de cansaço, á beira de laboriosas traças polygraphicas, quando vejo pela janella do meu quarto *"um nobre corvo entrar"*.

Ora, um corvo, pensei eu, quando nos livraremos destas figuras de repetição, destes analogismos cansados?

Agora, que a literatura patria faz tanta celeuma de regionalismo, de reforma, de guerra ao passado, — *"na estrada suave das metempsychoses"*, uma sorpresa da *"re-*

gião" seria um clavinote numa forquilha, e em seguida, as onças e urubús a limpar-nos pelle, carne e osso.

Passo adiante, agora, já com a preoccupação das adaptações eruditas; experimento todos os comedores de cadaveres, todos os manipuladores do extraordinario:

"A aranha negra", "O gato preto"...

Roberto Hecht, Edgard Poe, Ernst Woop...

Ernst Woop! Velhos! O moderno, modernissimo Lust...

Está ahi o que eu queria... Uma nuvem de fumo que desce, trazendo em seu bojo os bons e máus augurios, a sentença, o raio...

Ainda bem que estava cochilando, e não se há de chamar a contas um homem que cochila.

"A aranha vermelha" de, de...

Ora, senhor, aquella historia de Tchou, o cortador, o china que, quando alongava os braços, manchados de sangue, para sacar uma peça de carne, parecia uma monstruosa aranha "santola navalheira"..

Era interessante o que se passava commigo, — eu sonhava que estava sonhando... Por isso mesmo, já mais não podia enxotar dali "o meu amigo corvo", por uma simples questão de regionalismo e modernismo!

Neste ponto, fui logo travando com a ave um dialogo de capitulo:

— Corvo amigo, sê benvindo. Sei de ha muito que tu falas como um sabio. Dize-me entretanto, amigo cor-

vo, por dever de cortezia, "ós teus nomes senhoriaes", "como te chamas tu, na grande noite umbrosa?..."

E o

CORVO

— Brás Cubas, nada mais!

EU

— Bemdito seja, mestre Brás, que vens inspirar o termino destas memorias. Acabei o meu livro, Mestre. Morreu Constança, a minha arte morreu. Demo-nos as mãos, tu do outro lado do mysterio, eu do outro lado das tristezas.

Brás Cubas esvoaçou três cabalisticos vôos sobre o meu livro, aberto nas ultimas paginas, tarjadas de preto, e esgueirando o olhar para ellas, perguntou, em muito bôa linguagem portuguêsa:

— Porque estas sessenta paginas tarjadas de preto?

EU

— Para significar o meu luto opulento, nem era preciso dizer-te... São as sessenta peças de crepe da minha

dôr. Com isto lucra o livreiro, que vende o seu papel, — eu, porque me poupo ao trabalho de rabiscá-lo.

BRÁS CUBAS

— Constança... Curioso "in memoriam".. Aqui, meu amigo, deste outro lado da vida é que se torna cada vez mais deleitavel conhecer os homens e as mulheres. Estas paginas pretas infelizmente não são tuas, — antecederam-te?

EU

— Quem me antecedeu?

BRÁS CUBAS

— Quem? Vergilia....

EU

— !?

BRÁS CUBAS

— E' copia. Vergilia te antecedeu. Tambem, se eu tivesse morrido depois de minha amante, haveria de usar o mesmo traje lutuoso e devéras expressivo para um escriptor "honesto e laborioso",

EU

— Muito obrigado, Brás Cubas. Mas...

BRÁS CUBAS

— Mas, o que?

EU

— Mas, não poderei deixar em paz estas paginas de luto e de saudade no diario de um soffredor?

BRÁS CUBAS

— De certo. Isto de literatura é um circulo vicioso. Vergilia copia malissimamente a viuva de Carlyle... No mais, tu não sabias de ninguem que houvesse expressado a sua dôr, em estylo tão apropriado. E' isso que se chama um encontro de idéas. Se a descendencia de Vergilia publicar-lhe as memorias, que, meu amigo, bem differentes hão de ser das minhas, apesar dos contactos symphonicos das nossas duas existencias terrenas... Agora reflicto, pódes ficar descansado... No mais...

EU

—No mais, ninguem sabe disto a não seres tu, que, tanto me pareces, já deixaste de ser o homem vaidoso do

emplastro. Permitte-me que innove este luto em literatura.

BRÁS CUBAS

— Meu amigo, agora que habito este outro lado da Vida, foi-se-me a vaidade, e eu posso falar-te com toda a sinceridade de um eclesiastes optimista. As minhas memorias postumas não foram bem recebidas no exterior. Talvez porque esse appellido de Cubas cheirasse á tanoaria, por lá fóra. Se fôssem de outra personagem qualquer, teriam corrido o orbe quatro vezes ao redór, sem constrangimento. Nessa coisa de arte, falte-se á verdade, nunca se falte ao protocollo. Tira as paginas de luto. A moral, a dôr variam com a aguada e o pigmento da pelle, com a côr e o córte dos olhos da gente. Vê, os chins, trajam-se de branco, que é entre elles a tinta da tristeza e da saudade. Sabes lá que olhos vão caír sobre estas paginas? Que dirias tu, se chegasse á tua porta um arlequim a dizer que trajava o luto da noiva amada? Supprime as paginas pretas, tolo...

TCHOU,

o cortador, o china, como uma enorme aranha santola navalheira, adiantou-se para mim, e disse:

— Supprime, supprime as paginas.

EU

— Retirei-as, mestre. Supprimi-as, Tchou. E agora?

BRÁS CUBAS

— Agora teem ellas todas as côres, e correrão o mundo.

EU

— Ainda um minuto, amigo corvo, tu que vens da outra margem, dize-me como é isto por lá. Como vae esta suspirada amante minha, sombra da minha vida, esta, corvo amigo, que os anjos chamam Constança?

BRÁS CUBAS

— Compreendo esta velha inquietação tua, mas isto aqui, meu amigo, é sociedade secreta, nada transpira dos consocios. Quando vieres, serás então iniciado no grande mysterio do Nada. Só posso dizer-te que este outro mundo é uma especie de abobada...

EU

— De abobadas? Bem tinham razão os santos padres...

BRÁS CUBAS

— Sim, de abobada, com o inferno e o céo contiguos...

EU

— Justamente o que eu suppunha! Apenas me revelas uma certa modificação na disposição dos aposentos. Aprendi que Satanaz ficava no porão. Mas não ha perigo, Brás Cubas, de propagar-se ao compartimento dos extases o fogo das gehennas?

BRÁS CUBAS

— Há uma confusão nisto, meu amigo, — ou eu não estou inteiramente iniciado no mysterio de além-tumulo. Tenho a sensação da tontura, quando falo disto... O espaço desta abobada é bem diverso, — tem uma quinta dimensão que Einstein ignorou. Mas, se não estou perturbado com esta espessa atmosphera da Terra, — Satanaz, amiúde, conversa com o vizinho. E são amigos. Justam as suas contas, separam as suas rêses, — Jehová, unanime e accomodaticio como um versiculo da Biblia. Satanaz, porém, é um rabula contundente, não deixa passar rês sem garfada e marca de fogo. As sentenças tornam-se, deste modo, incommutaveis, irrevogaveis, irreversiveis. O processo de selecção é que parece complicado, ás vezes, resolvendo-se summariamente; outras, o pro-

motor appella, requer a revisão do processo, e é um nunca acabar de papelorio. Está ahi o meu caso.

EU

— Mas, não sabes nada do processo de Constança?

BRÁS CUBAS

— Creio que foi simples, pois ella está, de facto e de direito, onde devera. Teu conceito é que não vae bem das pernas, por lá...

EU

— Hom'essa!

BRÁS CUBAS

— Ha representações, entidades de pura casuistica e nenhuma corporeidade aqui, mas que lá doutra banda assumem uma tangibilidade medonha. O passado e o presente, por exemplo, são palpados, pesados, escrituradinhos em partidas dobradas. Comte, na sua *"Synthese Subjectiva"*, não admitte em algebra senão algumas noções de arithmetica e de geometria. "Desta restricção normal, diz elle, resulta a impossibilidade de instituir ou de elaborar as equações proprias aos phenomenos mais com-

plicados". Mas esta "restricção" não é absolutamente "normal". Comte labora em erro, como em tudo o mais. Ha calculos complementares, applicados á consciencia de cada individuo, seguindo os quaes as potestades celestes determinam primeiro a curva representativa dos traços physionomicos de cada sêr, conforme o processo Hudde. Manipuladas as tuas "curvas de Hudde" verificou-se que o teu "grande amor" era recita de vigessima representação. Lá a gente vê tudo numericamente, em quantidade e qualidade, e, como os logicos, colhemos todas as antecedencias e consequencias das coisas, e perdemos a vaidade dellas.

EU

—De maneira que...

BRÁS CUBAS

— De maneira que a tua "escrita" está com um passivo de culpas contra ti e a favor de Constança. E, agora, já é tarde para a rehabilitação, pois que ella morreu, e morreu por tua causa.

EU

— Brás Cubas!

BRÁS CUBAS

—Sim, tu fôste a causa effectiva, mathematica, determinadora da morte de Constança.

EU

— Como poderia eu ser o assassino de Constança, coitada! E Constança morreu?

BRÁS CUBAS (*irritado*)

—E' a tal coisa! Tu esperavas. Tu desejavas a morte de Constança. E antevias a tua libertação. Um compromisso, uma responsabilidade a menos, — era o que antevias. Tu não amavas Constança. Tinhas apenas curiosidade de conhecê-la. Satisfeita a curiosidade, tens agora já curiosidade de novos conhecimentos.

EU

— Estás enganando, Brás! Constança não morreu. Se morresse, seria de anemia, lymphatismo, segundo me garantiu o pharmaceutico...

BRÁS CUBAS

(Fez três cabalisticos vôos sobre o meu livro aberto nas ulti-

mas paginas, e esgueirando o olhar perverso e ironico para o meu lado).

— Tolices! Jogo de apparencias mentirosas! Para tudo, para cada objecto, uma carapuça, um emplasto, uma affirmativa. Depois de algum tempo, e conforme as circunstancias, a gente está vendo ahi a carapuça, o emplasto, identificados com a pessoa, com o objecto. Tira a carapuça!

Neste ponto, se admitte um arranco de minha parte para agadanhar aquelle corvo de encommenda. Cabeceei e parece que elle se adiantou, e se enfiou pelo meu craneo dentro. Os olhos se me abriram então para a claridade da minha lampada.

Sonho de outro sonho, irrealidade de outra irrealidade, — não, Constança não morrera! E eu sonhava que ella morrera! coitadinha!

No tempo de Salomão, um sonho era uma coisa de que não se desdenhava. Nas mãos dos adivinhos valia uma realidade. Hoje, nem no cerebro dos sabios nada vale, meu velho, meu decadente amigo Freud.

? ? ? ? ? ? ? ? ? ?

"Melhor é estar assentado a um canto do eirado, do que habitar com mulher litigiosa..."

PROVERBIOS, 21, 9.

RUY BARBOSA era o barbeiro da cidade e o pardavasco mais pernostico que jamais vi.

Ha tempo fôra criado de estudantes e de alguns lentes da Escola de Direito da Bahia, — intelligente, sabia lêr e screver, compunha sonetos de pé quebrado, e dizia a meio mundo, do horror que grangeara ás leis no officio de barbear. Propalava ter sido academico de Direito, mas agora "professava a Arte de Barbear":

— Porque, isto de ser bacharel, dizia, é abraçar uma carreira sem premio, muito explorada, viciada por uma

concurrencia deslealdosa e um rebaixamento moral perto da pequice.

Pelo motivo de falar assim, chamavam-no de Ruy.

Moleque João Pedro, era este o seu nome, exultava com a nobre alcunha. E quando calhava a opportunidade, safado que era, mettia o páo no Almachio, e assegurava, por ter ouvido dizer, que o "Mechanismo do Direito" *houvera sido copiado do Fausto Cardoso, etc., e tal".*

Falava de oitiva do "Direito Romano" e da *"bondade do Conselheiro Filinto Bastos"*, desancava ao Guerreiro de Castro, mas em bom apreço tinha sempre o Bernardino de Sousa, — *"o mestre de Direito Publico Internacional".*

— Que gráu você tirou na cadeira de Bernardino? perguntava-lhe o senhor Juiz de Direito, ajustando os oculos.

— Gráo 8.

— Qual foi o ponto?

— "A Santa Sé como pessôa de Direito Internacional Publico".

Era ou não era um "moleque desgraçado"?

— Pernostico até ao auge!, como assegurava em moldes classicos o dr. Ernesto, João Pedro ia ganhando a sua vidoca, raspando a cara dos outros e falando da vida alheia.

A's dez horas, Ruy esperava-me, fazia-me a barba, communicava-me as novidades frescas do burgo.

Então, hoje, "devasta-se ou não devasta-se"?

Devastar era aparar, cortar alguma *"porção inutil"* do cabello...

— Não, respondi, — raspa-se, sómente.

— Raspar...

Pôs a toalhinha no soqueixo, manipulou a espuma, dispôs os ingredientes, e emquanto repassava a navalha:

— O collega perdeu um pirãozinho...

— Que é?

— Um pirãozinho, collega. Avançaram na sua ossada. O pirata do Prescot carregou a mulher do Juiz...

Levantei-me de um pulo:

— O que? Deixa de calumnia, moleque!

— E' verdade collega. Até o collega Ernesto já me disse, meio choroso, *"que a sua cara metade não fugiu com o Homem, sim com a Arte, — porque todo o mundo conhecia o vicio do Prescot"*... Você quer que abata os cabellinhos do nariz?

— ...Mas, sim senhor!!!

— Nebuliza-se?

— ...Sim senhor!!!...

—— *"Fleur d'Amour"* ou *"Royal Cyclamen"?*

— ... Conte a historia como foi; deixe de conversa comprida.

— Como foi? E' que a mulher do collega Ernesto de Oliveira transviou-se moralmente, e o esculptor Prescot, como bom amansador de touros, levou-lhe a vacca... Vou jogar hoje nos dois zeros...

— Quem lhe disse isto?

— Ora, quem me disse! Saia homem, saia e vá saber na rua, que é melhor conversa. Agora é se consolar e tratar de cavar no ministerio das Relações Exteriores...

— Você está brncando, moleque! deixe de liberdade e fale sério. Fugiu mesmo de verdade?

— Isto é da vida, collega. Não se afobe. Pó de arroz?

— Mas quem diria... Logo com o Prescot, a quem tão a fundo conhecia Vulna!

— Ora, bolas! O essencial é que chegue lá direitinho. Nós lhe chegaremos depois. Uff! que me abalou todo tambem! Um escandalo!

❦ ❦ ❦

A MULHER DE MENELÁO

"Vem, embriaguemo-nos de amores, e gosemos dos abraços desejados, até que amanheça o dia.

Porque meu marido não está em casa, foi fazer uma jornada muito dilatada."

PROVERBIOS, 7, 18, 19.

NUNCA pude entender de todo o que se passou entre mim e a mulher de Yeats, naquella tarde de terça-feira, termino de janeiro e de safra, quando o marido fôra ao Recife, adquirir não sei que peça de machinismo, que se inutilizára.

Ha factos assim, dizia-me o dr. Ernesto de Oliveira, difficeis de entender, e parecem surgir para precipitar o destino da gente.

O destino da gente, nunca ninguem saberá onde vae ter.

Era uma tarde de terça-feira, termino de safra, com um vago toque de sinos no ar, e nos horizontes escampos o sol agonizante dos dias calidos.

A mulher de Yeats lia, á varanda, os seus "shakespeares" predilectos, affeiçoados em volumezinhos verdes, — fino e erudito traço da "estrella deliciosa" que ella fôra.

Foi um olhar rapido e guloso, e tão rapido e guloso como o olhar, a idéa que se esboçára no meu cerebro.

Deixei-me arrastar num vortice, em que as figuras de rhetorica faziam uma cauda longa...

— Bôa tarde, *"Helena"*...

Ella sorriu, passou a mão pelos cabellos, num gesto dolente e errante, e sem levantar-se, approximou da sua, a cadeira devoluta, que lhe estava proximo.

Fui depor o chapéo, acommodei-me junto a ella:

— Com tão suggestivas capas, ia dizer roupas, deve ser muito bella a historia de Helena... Com tão suggestivas côres...

— Bom auspicio para quem tem amores. "Helena" espera-o...

— Espera-me?

— Certo. Já perdeu a esperança tão cêdo?

— Não. Apenas julgo que "Helena" ignora o soffrimento de "Paris"...

— Não fale assim. Ninguem é alheio ao soffrimen-

to de outrem, sobretudo quando nos vem em fórma de affecto. Mas, como se conta este bello romance? Diga lá. Onde para a sua "beautiful Helena"?

Affirmei-me na cadeira. Procurei-a nos olhos della. Não os encontrei. Tinha um olhar vago, indeciso, longinquo... Perdi-me nelle, distraído.

Ella proseguiu.

— *"Paris"*, quando lhe appetece, faz como Prescot, rapta Helena para que a verdade historica se repita.

— Mas, é que "Paris" desconfia que "Helena" não o acompanha.

— Ora, você ainda é muito sentimental. Para que a natureza fez os homens atrevidos? Fortes?

— Para que as mulheres os dominem.

Depois de um minuto de irresolução, ia continuar, ella tomou-me a palavra:.

— Teve noticia de Vulna?

— Ainda não.

— Tem visto o Juiz?

— Como sempre, no jure.

— Lamenta-se, ou odeia como Meneláo?

— Odeia! Odeia, porque não? Está com seis mêses de licença, vae ao Rio, vae a Poços, a Caxambú... Elle não sabe aonde vae... Quem dirá? Talvez não vá a parte alguma...

— Tenho pena de Vulna...

— E do Juiz?

— Tenho pena tambem, da fraqueza delle...

— Gostei de ouvir esta lamentação de seus labios, — vale pelo depoimento do sexo. Não é prevenção de casta, — fraca por ser nova. Mas, quando se avizinham da chamma, todas as raças são iguaes...

— Acha que Vulna seja feliz com Prescot?

— Duvido. Mas quem sabe? Temperamentos semelhantes...

Então, houve nova pausa, em que Hilda parecia meditar. E ao crepusculo, que se adiantava, a sua fronte irradiava de belleza antiga.

— Em que pensa Helena?

— Necessariamente, em Meneláo distante... meu rustico Yeats.

Parecia-me que seus olhos desmentiam a affirmação, voltaram-se para os meus, tão suavemente!

E com gestos alados e perfeitos:

— Bertram, Demetrius, são todos fórmas renovadas de um mesmo Meneláo. O homem é vario. A mulher é a mesma, sob todas as apparencias, sob todos os sóes. O essencial é que no seu commercio, com este ou com aquelle, — Demetrius ou Bertram, — venha tudo a acabar bem.

E apontando para o titulo do volume, com um dedo

enigmatico, e um ligeiro tremor na voz, leu a sentença amoral de Shakespeare:

"All's well that Ends well"

Então, ergui-me agitado por uma tremenda decisão. Ella compreendeu-o. Ergueu-se tambem.

Era como se nada tivesse havido entre nós ambos, risonha e natural, que ella dizia agora:

— Mas veja só quantas Helenas por ahi ha. Em *"Midsummer Nights'Dream"*, o mestre dá-nos outra, — Helenas vertiginosas, que passam por nós como um sonho, numa noite quente de verão... Leve-os para lêr. Mas, já os conhece, já os levou."

A mulher mesmo sonhada, fatiga a imaginação da gente. Dar vida a uma esphinge, intenções, inclinações, instinctos...

Mysterio! Mysterio!

Eu tinha entretanto a certeza de decifrá-la áquella tarde, se o novo administrador lhe não viera participar outra avaria nos machinismos, falando longamente, explicando, deduzindo, gesticulando... Tirou do bolso uma carta de Yeats:

— Já me ia esquecendo de entregar.

Yeats tinha que se demorar mais três dias em Pernambuco.

Hilda leu a carta e ficou pensativa.

A QUEDA DE SALOMÃO

"E o que pelo ardimento dos pés é apressado, tropeçará."

PROVERBIOS, 19, 2.

NÃO corria nenhum sôpro das serras, — cannaviaes serenos, pomares languidos, e a lua baça e indeterminada pelo céo nubloso.

Descaroçadores e bolandeiras longinquas enchiam os ares de um rumor timido e abafado, indistincto e monotono.

Era uma noite calida de abril, sem bulir de relvas, sem orvalhos fecundos, noite de luar antigo, dessas que se antecipam d'horas, com desusado apparato de sombras e de scintillações.

Energias pesavam nos ares, enchiam os concavos das

serras e dos céos de uma vibração uniforme, continuamente renovada ao nivel dos horizontes.

Para os lados da Fabrica, uma luzinha picava a escuridão da noite, fixa, fulgida. Orientei-me. Não havia duvida,

Era a janella do quarto de Hilda. Achei estranho aquillo.

A'quellas horas, que eram onze presumiveis, Hilda velava ainda, insomne, os postigos franqueados, o marido ausente...

Velaria mesmo? Talvez suggestão do calor que ia... Ou intrusão dos ventos madraceiros que corriam da serra...

Quem sabe?

A varanda alta e distante cegava o olhar do tardo passeante, que se aventurasse como eu a vagabundagens por ali.

E desejei naquelle instante ser um bafozinho de aragem vadia.

Onze horas, a terra calma, os céos propicios, atabafados de nuvens, com claros instaveis e sujos de luz adormecida...

E ás escancaras, a vigilia tardia de uma janella aberta!

Dadivoso minuto para um castellão!

Se o castellão anseia e a castellã vigia! Vigiaria a castellã?

— Está poetando, collega?

Voltei o rosto. Era o Juiz.

— Olhando a noite, coisa que se não póde ver em casa, — respondi.

Estacou ao meu lado com um risinho pulha. O Juiz áquella hora era simplesmente uma maçada. Verdade, verdade, agradeci-lhe a intervenção no curso dos meus devaneios estellares.

Na ordem cósmica, a lei da gravidade é sempre a lei contendora.

Mas que passasse e me deixasse a orbita livre para os meus atrevimentos cometarios...

Esses sóes excentricos do firmamento costumam girar sós, satisfazem-se com a propria cauda...

— O collega tenha cuidado, murmurou elle dirigindo o olhar maliciosamente no sentido das minhas explorações visuaes, collega tome tento! Nisso de mulher, a base experimental... — era mesmo a gente não se fixar em nenhuma... Não sei se me faço compreender. O essencialmente necessario para sortir as necessidades. Es tava de jalapa... Não devia ter saído de casa... Mas a Mariquinhas... Não a supportára! Ora, bolas, um inferno! Ciumes, renitencias... Só a mulher legitima, aquella por quem a gente soffreu, desvairou, amou de verdade, só ella, para estabelecer o equilibrio d'alma... Você precisa casar-se, meu amigo.

E desenvolveu por meia hora, como um veneravel bolandista, o thema cheiroso do perfume da virtude.

Sorriu desalentado.

Elle, por exemplo, excitava-se actualmente com um apimentado prohibido. Mas o prato substncial, continuou, o pão da vida, aquelle que dá a calma espiritual e alimenta o abençoado *"conjugium sub eodem jugo"*, tinha sido a sua mulher, tinha sido a sua Vulna. Mas aqui o collega — disse batendo-me no ombro — não chega para as encommendas. Mocidade offuscante... O homem tem instinctos. Lá isso tem. Nem todos! Eu, por exemplo nisto como naquillo... sou uma besta! Há-os que conhecem á distancia de legoas as mulheres que lhe pódem ser fataes... São os videntes de Venus Cytheréa...

E em tom faceto:

— Não admira, ande ao luar. Há uma condessinha aqui perto, que de uma torre singular, véla e vigia ás noites por elle...

Volvi-lhe um olhar interessado. Elle proseguiu:

— Vocemecê tem gosto!... Demais... Aqui p'ra nós, que ninguem nos ouve, — fructo vedado, o sabor é dobrado.

Encarei-o, com um esboço de riso superior.

— Maganão!, e bateu-me outra vez familiarmente ao ombro, acompanhando o gesto com um erguer de cabeça denunciador, em direcção á casa de Yeats.

Sacudiu com a extremidade dos dedos a poeira hypothetica das calças:

— Vou-me embora. Você precisa ficar só. Seja mais feliz do que eu. Mas tenha cuidado.. Os invejosos já andam rosnando. Gente canalha, seu collega, fique cer-

to, gente canalha. E olhou desdenhosamente a cidade adormecida, silenciosa, casta como uma virgem montesina.

Pus-me celere defronte delle, de sobrecenho carregado, devia parecer terrivel.

— Mas que é que rosnam de mim por ahi?

— Não se impressione, coisas de cidade pequena. Ora, o collega anda arredio. Cidade pequena é como roda de detractores. O que está ausente soffre o guante da maledicencia.

Atirei um gesto de menospreço, um gesto desdenhoso e largo, que fez recuar o Juiz.

Mas elle retornou:

— Sim, senhor. Olhe que isto aqui é uma senzala. Ninguem tem liberdade. As comadres chocalham. As paredes ouvem. Isto aqui é uma aldeola infeliz. O povo não trabalha, — atravanca. Não tem o que fazer, — fala da vida alheia. Fala-se actualmente do collega (por dever do officio), como já se falou de mim. E' uma questão de moda, de opportunidade. De mim, felizmente, já se aborreceram, já se fartaram. Mas no meu caso havia o dedo da politica. Era a opposição exaggerando, explorando o escandalo, calumniando-me, levando-me "de rasto pela rua da amargura"... Filhos de uma egua!... E illustrou a phrase com um gesto obsceno. Aqui, o caso do collega é differente. Mas, quem tem a culpa, se é o carro que anda á frente dos bois? Se é a ave que vem offerecer-se á raposa? A raposa come-a por desfastio, por comer...

Ernesto parou. Tinhamos chegado ás immediações da Fabrica, pelo caminho, que dava para a janella do quarto de Hilda.

Apesar do silencio completo, elle farejou intruso, esgueirou o olhar através da luneta para um lado, para outro, para trás, para frente, cochichou:

— Falam do collega, com a mulher do Yeats.

— Falam?, clamei eu, num tom feroz de indignação. Mas isso é a infamia das infamias. E' uma ignominia!

— Fale baixo, balbuciou o Juiz, franzindo a testa, póde haver desoccupados por aqui. Essa gente não dorme, espreitando a vida das pessôas de bem. Não se dê por achado. Calumnia, calumnia, bem sei eu que é... Deixe. Falam? Falam e cansam. Olhe, não interrompa a conquista. Aproveite. Aquella inglêsa andava a offerecer-se a todo o mundo. Gente sem costumes ou de costumes derramados. Pensa que brasileiro enjeita parada. Ainda hoje, — aqui para nós, me admiro de ter escapado áquella tentação. Foi no Pará. E' porque graças a Deus tenho consciencia. Demais a minha alta posição social!... A compostura, o decoro do cargo, o lar alheio... Mas com você, o caso differe, — mocidade, solidez, aprumo, correcção... E' uma questão de ethica. Leia os autores!...

— Não ha duvida que é assim mesmo, disse, para dar tambem a minha nota dissonante.

Mas elle bateu a cabeça, dogmatico:

— Adeus. *'Alea jacta"*... Seja feliz. E' calumnia! Mas aproveite, amiguinho...

Parei, esfregando o soqueixo, meditabundo. As palavras do Juiz faziam-me tonto. Seria possivel que se commentasse a minha tentativa de conquista, na cidade? Seria posivel? Afinal, que tinha havido entre mim e Hilda, de maior? Hilda era uma mulher barbara, cuja psychologia eu penetrára bem. Demais, em meus colloquios com ella, a aggressão partia della, — sempre discreta, — a procura, se assim me posso expressar, sempre della; a esquivança, note-se, sempre minha.

Parecia-me que, — sob apparencias puramente literarias, — aquillo que se me afigurava rendição da parte della, era apenas uma manifestação natural do seu temperamento, do seu modo de dizer, lido em livros, da sua raça.

E disso a gentalha, — "os preconceituosos filhos da égua", segundo o Juiz, — deduziam probabilidades, propalavam certezas, a conquista, o escandalo...

Eu era um decadente, um pobre diabo, como se diz vulgarmente, que a dar treguas aos meus impulsos naturaes, levára o meu rico tempo a tesser um bello romance com mulheres de outras raças...

Vulna? Junto della tinha uma violenta impressão de vertigem, a vertigem de quem transita sobre a escanceladura de um abysmo. Vulna passára.

Mas agora, era a seducção da mulher vedada, o crime que isola no conceito das cidades pequenas.

Ora, deixá-los. A tentação é tão forte e a barreira dos temperamenttos tão fraca!

E' ir por adeante.

Os horizontes tinham, entretanto, serenado, e uns farrapos de nuvem, naquelle instante, se elevavam no azul, como paina, vagarosos. Ouvia-se distinctamente o cincerro longinquo dos bois.

Uma aragem mofina veio ciciando pelo caminho, — dir-se-ia portadora de uma inspiração. A vida é como a brisa, passa. E' gosá-la, é gosá-la. E notei que, á colla da aragem, o meu cão corria tambem. Ha três dias não nos viamos, cada qual para o seu lado, farejando a sensação que foge, e de que ha mister ir-se ao encontro. Elle veio aos meus pés, balançando a cauda, muito alceiro e jubiloso. Afagamo-nos. Cheirou-me insistentemente, ganiu de mansinho. Depois, desabusado, latiu forte...

— Cansadote, hein? disse, com o fito de acalmá-lo.

Mas elle jogou a rabada, como a affirmar que não. Saltou algumas dezenas de vezes em meu redor, desmentindo-me.

— Pois, é andar, é andar...

Foi-se dali, amoroso e lascivo, protegido pela noite e pelo direito de cão forte e valente. Em identicos percalços, qual seria o direito do homem? Em que hora da noite ou do dia estaria escondido o momento delle?

O homem é vario, disse Hilda. A mulher, a mulher é falsa, diz toda a gente.

Quem compreenderá inteiramente esta força contraditoria que é a mulher?

Pois no prometter parece mulher commum, mas no entregar-se, mulher differente e indifferente. De sorte que atêa a chamma, para deixá-la extinguir-se. Bacchante no prometter. Vestal no recusar. Ou seriam aquellas brandas maneiras, aquellas doces falas, aquelles furtivos encontros de olhos, um modo próprio de fazer soffrer? Mas nem todas as mulheres são iguaes. Na maneira de agradar, desagradar, ellas teem uma palheta e as sete côres do arco.

Cabe ao gentil-homem insistir.

Fidalguinha afogueada dos solares, mucama queimadinha do sol das clareiras, — a verdade da mulher mais verdadeira assenta em base de menttira. A primeira dirá:

— Sois muito forte, senhor cavalheiro. Longe estou eu daqui. Ide recrear a vossa alma, Senhor cavalheiro.

E a mucama:

— Gosto lá de você, seu bruto...

Ia sem querer, approximando-me da janella de Hilda, escancarada, tentadora como uma syrte. Se Hilda velasse? Depois do meu ultimo colloquio com ella, trazia uma duvida tremenda commigo...

Não havia por tudo que ella dizia, uma promessa, um proposito?

Apprazia-me, entretanto, velho esgrimidor de situações sentimentaes, tactear naquelle caso.

Certo que ella queria...

As suas maneiras dubias andava impregnadas de um grande amor, esperando a fagulha das opportunidades.

Além disso, mulher vária, ligeira, — estava-se vendo; pois que só o facto della offerecer-se ao Juiz, deixar-se cortejar por elle! Era a perpetuidade a entregar-se como funcção. O disseminador póde ser um gebo, um chibo. E' da funcção activar-se, senão morre, deperece, annulla-se... E' lei biologica, mas...

Quem acreditaria nas fanfarrices do Juiz, traído, julgando os outros por si mesmo?

"Sentimento profundo e sincero", se Hilda alguma vez o houvera na vida, teria sido por mim, e pelo marido... vá lá. Isto é, pelo marido, e não pelo homem. Era preciso meditar no que o povo anda a dizer, *"a preconceituosa canalha"*, segundo o Juiz. Ora, a gentalha já percebera o nosso amor, notara-o!, — o encarecimento dos gestos, o assentimento e a promessa do olhar... E' que certos factos escapam a nós proprios, num caso de sentimento. Depois vem o Sancho da duvida, da ponderação, a amarra da timidez.

Assim devaneando, havia chegado ao porão alto da vivenda, sobre o qual se elevava a varanda das tentações. Recuei dois passos, — sómente numa janella havia luz, e era a janella do quarto de Hilda. Lá estavam os postigos franqueados, como pupilla amorosa, quente, illu-

minada... Havia de ser manhã calida, aquella que ia raiar, e notei entretanto que tremia de frio... .

Se ella estivesse acordada, experimentando-me a coragem, esperando a minha resoluta affirmação de macho!... Tanto pior para mim. Se estivesse, talvez cedesse á fadiga de esperar-me... Resolvi na formalistica appensa ao acto, os prós e os contras da temeridade.

"Todas as tragedias se parecem", disse Carlyle. A minha devia seguir pela alinea das outras...

Num momento, como se houvesse sido levado por forças ignotas, pulei a varanda, e vi-me num ápice dentro do quarto de Hilda.

Estava ali uma penumbra incerta, docemente illuminada pelo corpo della.

Numa commoda, ao lado, uma luzinha, vencida pela semi-claridade do nascente, esmorecia. Naquelle instante, não pude capacitar-me do demais, atordoado pela emoção, traspassado pelo fogo de uma curiosidade morbida.

Hilda dormia profundamente, o comprido travesseiro conjugal emigrado para um canto do leito, os cabellos revoltos, o labio ligeiramente convulso, a cabeça rés a rés dos lençóes do colchão macio, e os roliços braços nús, alvos, frescos, fataes, dominadores, — um dobrado sob o tronco, o outro voltado para trás, com o punho esmagado sob as temporas.

Com o calor que fazia, a camisa assungara até aos seios, altos, mas empinados. E assim o busto surprehendido no mais rendido afroixamento, percorri num minu-

to, avido, sofrego, abrangendo todas as saliencias, todos os gumes, com o olhar faminto.

O ventre escorreito de infecunda, como suave onda lactea, as nadegas fartas e amplas, as coixas firmes, — e nellas imaginei vêr as linhas inesperadas e interpretativas da bailarina de Worcester, — estavam cobertas por um linho tenue.

Impaciente, puxei de leve, muito de leve o lençol, uma, duas, três vezes, levissimamente, e todo eu tremia e fervia como no giro de um mundo novo e virginal, de cujas maravilhas me ia apossando vorazmente.

Puxei de leve, cautelosamente o lençol, — eu queria tomar por pulsações o segredo veemente daquelle corpo joven...

Vi-o mentalmente, animar-se, collear em torno de mim, num amplexo enternecido, como nas representações que eu me fazia delle.

O lençol, preso entre as coixas, não queria exilar-se daquelle doce contacto.

Com a minha insistencia, Hilda, mexeu-se. O labio forte, convulso, tremeu-lhe, a cabeça rolou-lhe de um para o outro lado. Julguei que ia acordar, e fiquei atordoado, vacillante, as fontes pulsando.

Mas, dormia pesadamente.

Virou-se em decubito ventral.

O dorso pôs-se a descoberto, os cabellos abundantes, torcidos sob a testa, tocados de uma luz faiscante doiro

novo, e a nuca fina, bem feita, em que um vello relapso floria.

Abeirei-me daquelle aconchego tepido.

Ouvi-lhe a respiração calma, profunda, regular, e aspirei com uma sofreguidão desesperada, o cheiro das carnes salientes sob a mancha quente e ondulante do lençol, através de cujas malhas parecia filtrar a luz rosada da epiderme.

Com o silencio e a cumplicidade do somno, fui cobrando ousadia. Estava genuflexo. Afoitei a mão sobre as bordas do leito, toquei levemente os cabellos e quiz aventurá-la no pescoço, no dorso.

Hilda não se mexera.

Então recuperei a calma e uma ousadia sem peias.

Senhor de mim, relanceei o olhar em torno, — á mesa de cabeceira, um frasco de ether; uma *"browning"* descansava voluptuosamente entre rosas desfolhadas; as roupas do dia, suspensas num cabide proximo. Percebia-se que Hilda lutára com a insomnia, lendo uma brochura que rolára ao pé do leito. Talvez me esperasse, pensei. Um desejo muito intenso de acarinhá-la, de pagar com mil beijos a vigilia, a tortura de *"esperar-me"*, dominou-me. Uma ansia de recompensar-lhe a traição do lar, com um interminavel amor, centuplicado de beijos e de attrictos; de dizer-lhe coisas muito doces, muito exaltadas, muito romanticamente adjectivadas, aquecidas de paixão e de poesia.

Tomei-a pelo tronco, apertei-a nos braços, docemen-

te, impetuosamente, machucando-lhe os labios com um beijo em que havia mil beijos.

Hilda abriu os olhos, desvairada.

Tanto porém compreendeu tudo, empurrou-me violentamente, puxou os lençóes para si, pôs-se de pé, sobresaltada, os olhos desmesuradamente abertos, tremendos de indignação. Ergueu a mão nervosa no ar, muito lenta e muito pallida... Fechou o punho com raiva, recuei até a porta do quarto. E fiquei de lá a olha-la, como um louco.

— Retire-se, gritou.

Avançou colerica, sem poder articular outra palavra. A jarrinha de flores da mesa de cabeceira rolou no soalho, fragmentando-se, rasgando um clamor forte no silencio de entorno.

Todo o meu ser vibrava e ardia, como chamma de véla, agitada no ar.

Ella procurava qualquer coisa febrilmente, sobre a mesa de cabeceira.

Um tympano vibrou.

Creio que ella mudou de parecer. Eu recuára da porta para a janella do quarto.

Debruçando-se sobre o espaldar da cama, ella empolgára o trinco da porta. Ouvi, então passadas celéres que vinham do interior de casas. Medi num momento toda a realidade da minha desgraça, da minha vergonha. Senti então um pavor indizivel, um sentimento differente que parecia me desarticulava a vontade em todos os

sentidos do soffrimento e da volupia, do orgulho e da humildade. E se de um lado eu ia a matar, do outro eu ia a morrer. Medo de uma morte infamante, despeito, colera, ira, tudo, em todos os gráos, me revolveu num segundo.

Pulei a janella.

Percebi que vultos me tomavam o passo.

E saí a correr doidamente, fugindo ás gentes e ás casas. Ali perto era a ribeira da Canna-verde. Vadeei-a sem hesitação, nem tropeços, e vencendo os ramos impiedosos, furando emmaranhados e espinheiros, caíndo e levantando-me, emprenhei-me na matta.

Havia escapado ao cerco.

Então senti um cansaço invencivel. Cambaleei. Sentei-me para não caír. Um suor viscoso, pegajoso cobria-me a face.

A minha roupa estava reduzida a farrapos, que mal me podiam cobrir. Tinha os joelhos e as pernas ensanguentadas, os flancos arranhados, no peito, uma extensa incisão. Ao vêr o retalho da gola da camisa ensopada de sangue, levei a mão á testa. Estava ferida.

Percebi que as forças me faltavam, e um ruido longinquo, confuso me enchia os ouvidos, o cerebro...

A vista obumbrou-se-me e eu penetrei na escuridão sem fim.

Despertei com uma grande sêde a queimar-me as entranhas. O sol ia alto, um sol flavo, morno, fantastico.

Junto a mim grande porção de sangue coagulado attrahia as varejas zumbidoras.

Um rescaldo horrivel fez-se meu resfolego. O sol a pino descera ao funil da clareira. Eu podia encará-lo, com os olhos parados, serenamente.

Creio que febricitava, porque principiei a ouvir como em delirio tremendo, a propria pulsação das minhas arterias. Manchas pardacentas, roxas, violaceas, amarellas, começaram a dançar na minha frente, acompanhando o tan-tan soturno das minhas fontes.

Gradualmente, no meu delirio, me vi como sentindo e participando da numerosa familia vegetal que me cercava.

Havia por ali, plantas de todos os jeitos, — umas angustiosamente esgueiradas á procura do alto; outras baixavam para a terra, na ansia indefinida de farpá-la, para renascer, resurgir, reencontrar-se, quem sabe?

Todas, porém, soffrendo lutando á procura do sol, mas ligadas ao destino da terra.

E na federação immensa das arvores, eu era um cipó, — cipó de impé, — enliçado nas frondes, abraçando a floresta... Mas fui descendo, descendo, descendo até ao solo abjecto, onde criei raizes de novo. Destino da raça? Quem sabe?

...MAS FUI DESCENDO

"Arrebata-a, e ella te exaltará; glorificado serás por ella, quando a tiveres abraçado."

PROVERBIOS, 4, 8.

...MAS fui descendo, descendo até ao solo abjecto, onde criei raízes de novo...

— Mas tinha de romper com ellas, e a demora já se fazia demasiada.

Além disso, eu a falar francamente, me sentia constrangido em casa do tio Neco, apesar de sua acolhida, do seu carinho rustico de caipira. Fôra elle quem me recolhera ao seu tecto, dois dias depois do aventuroso lance, sem querer ouvir os pretextos de fementida puridade, com que eu esclarecia o acto.

E era de verdade, gente bôa, aquella!

Desde menino que tomei o sestro de "vêr grande" as coisas.

E se tanto as vira, — tanto as sonhára!

Conceituosas sabbatinas tive eu de meu bom Mestre sobre a arte de "julgar pelas apparencias"!

As minhas preoccupações tomavam agora outro feitio, — desanimos, desfallecimentos, a perspectiva de uma vida nova, a repercussão dos meus furtivos tratos, e noutro plano, a fuga inexplicavel, as coincidencias fallazes, mas compromettedoras da occasião.

Naquella noite eu não podia dormir.

Ouvi dar todas as horas a pendula do vizinho, uma velha peça de xarão, muito festejada na villa, com seus dois pesos á dependura, sempre a subir e a descer...

Pensamentos desordenados passavam-me pela cabeça, traziam-me ondas de fogo ao rosto.

— Sáia!

E eu voltava a ponderar a grosseria dos meus sentimentos, a impulsividade da raça doentia, e começava a perceber o ridiculo inaturavel daquella situação.

Eu via nitidamente o seu braço mover-se, um braço muito branco, ligeiramente arrendado de veias azues na dobra do cotovello.

— Sáia, sáia!

Eu devia saír...

Irrevogavelmente, — saír! E saír da cidade.

E saía mesmo...

Já me via noutro quarto, mais confortavl, mais acolhedor, — o candieiro não deitava fumo, não havia sombras medrosas nos cantos da parede.

O continuo chiar dos automoveis, a vibração das carruagens na rua, o berro civilisado dos *Klaxons* se communicavam aos objectos que me rodeavam, banindo de todo o meu derredor nocturno, o remorso do erro praticado, o sentimento moral da conquista, exame de consciencia, todas essas coisas importunas de cidade morta.

Então seria outro dormir, outro velar, outro viver...

Mas a idéa daquelle beijo que falhou, mortificava-me, latejava-me nas fontes, latejava na sombra. Se eu estirasse a mão, poderia palpá-la.

Via-me outra vez agora, debruçado sobre o leito de Hilda, os seus cabellos roçavam-me pela face esbraseada.

O coração batia-me apressado, galopando.

De subito, na meia-escuridão do meu quarto, eu via-a erguer a mão nervosa no ar, fechar o punho com raiva...

Um arrepio crispava-me a pelle, percorria-me a espinha...

Não, eu devia a todo transe, — saír!

Ali na villa, não havia logar para mais nada. Todos os postos de actividade tomados, cada qual, portas a dentro a esperar o seu fado...

E o fado a mandriar pelas esquinas, balcões e ombreiras de lojas, a caturrar com o barbeiro e o boticario!

Sim, era preciso fugir áquelle meio, onde eu me

sentia afundar, como num atoleiro, e só respirava inquietações e mal estar.

E esta séca do Juiz, e as clarinetas do Piranhas, e o vozeirão do Mattoso, pharmaceutico, rolando pelo pateo da Igreja, numa cadencia lenta e cava, enchendo a villa de uma só pessôa, a pessôa delle; de um só habitante, o habitante delle!...

Tudo aquillo me pesava, me affligia, me fazia suffocar.

Fui abrir a janella. Soprei a lamparina. Andei no quarto a baixo e a cima, impaciente, ouvindo os gallos amiudar, e as passadas fôfas dos gatos no telhado.

E depois, levei ainda duas ou três horas ás voltas na cama.

Era uma puerilidade o que eu pretendia fazer. Fugir como, e para onde?

E Constança, o Padre-mestre?

Não, eu devia reagir, dominar-me.

Nem o Piranhas era tão desafinado, nem tão parvo o Juiz.

Tinha os seus momentos de intuição, tivera até a mulher...

—

Uma clarineta, — deixe falar, — a séca de um juiz, o fumo duma candêa, o metal grosso de um Mattoso, o punho branco de uma dama são coisas realmente afflictivas, desagradaveis, impertinentes, ominosas.

O imprevisto prestigio dellas estava claramente nessa idéa de fugir.

Ellas serviam de moldura a um quadro diverso e longinquo, — um rabo de saia facil por erguer...

Era!

E eu olhava-me em torno...

Onde estavam as mulheres de Artabro, que eu sonhára, de membros duros e enxutos?

Onde a turdetana de côr morena e seio farto?

E o meu sonho de Salomão?

E assim pensando, medindo, comparando, eu sentia-me roubado, immensamente roubado, espoliado, miserrimo.

Estariam em Hilda?

— Sáia!

Sim, eu devia saír.

Eu precisava bater mundo em pessôa e aventuras escorreitas. O pensamento da desfeita torturava-me. Olhei na escuridão, e vi deante de mim a face convulsa de Hilda, a sua mão agitada e nervosa erguer-se no ar, o braço todo veiado de azul, os cabellos da axilla desennovellarem-se como capulho d'oiro, e o seio alçado em ondas frementes de indignação.

Eu soerguia-me da cama, e caía desfallecido, annullado sobre os travesseiros, — caía, despejava-me num abysmo sem fundo de pusillanimidade.

Era effeito da minha imaginação, mas ali havia uma quéda.

Assim diziam os meus braços pendentes, minhas posturas de desconforto...

Era necessaria uma saída!

Mas a saída distractiva do "homme á femmes", precavido, cauteloso, intelligente.

No final de contas eu agira com a precipitação de um collegial, sem conhecimento de causa, fôra um tolo, emfim.

Era preciso não conhecer a mulher para ter dos assomos que eu tivera.

A mulher a dizer que não, está a affirmar que sim. Ella bate-te, — não te insurjas, cavalga-a ali mesmo.

Como compreender o amor sem violencia?

Os animaes fendem, simples e brutamente, sobre a prêsa, sem prévios actos de consciencia.

A conquista da mulher pela força é a fórma mais natural, expontanea e antiga do amor entre os homens.

— Mas, desde quando? De D. João para lá ou para cá?

— Não sei, nem quero saber. Só sei que as mulheres se deixaram, ou ainda se deixam, raptar, em quase todos os povos.

— Ora, Fernão, meu Fernão de Magalhães, tu só sabes os caminhos de fugir!

Vamos. E' para o bem de teu povo Salomão!

Um pouco de passividade...

Qualquer insuccesso, — tu queres metter pernas, re-

cuar, encolher, abalar! Melhor! E' para o bem do teu povo!

"Vae procurá-la outra vez, numa tarde de chuva, na sua propria alcova."

E de novo, a visão diabolica da mulher núa estampou-se aos meus olhos, e a tentação voltou-me, intensa, imperiosa, dominadora, — immediata!

— Não quero dizer que ella tenha sido insincera na repulsa.

Longe de mim tal pensamento. Mas nem por isto, tu deves desanimar.

O momento virá em que a farpa aguda do desejo, a fantasia de variar, decidi-la-á.

E o desejo é um abysmo, — attráe.

Ella está suspensa sobre elle. O seu equilibrio depende agora da resistencia de duas coisas frageis, — um pedaço de carne latejante, e o rebotalho das convenções.

Um momento de espera!

As fontes pulsar-lhe-ão, o coração bater-lhe-á mais célere na caixa do peito, os ouvidos zumbir-lhe-ão...

E ella caírá!

Este momento pesar-lhe-á mais sobre os ombros, do que trinta annos de resoluções virtuosas.

Levantei-me da cama, como um louco e crispei as mãos no travesseiro, desvairado.

E cingido a elle, quedei.

JUSTIÇA DE SALOMÃO

"Disse pois o rei: Trazei-me cá uma espada.

III. REIS, 3, 24.

E este pé d'agua não passa mesmo, não...

— Mal de muitos, consolo é... Mas, é só esperar... Olhe, lá no alto, por cima daquella pitombeira, o céo vae clareando.

Padre-mestre adeantou-se até á soleira da tapera, olhou demoradamente o aguaceiro, assoou-se estrepitosamente:

— Não creio que passe nessas duas horas. A cerração continúa lá em cima da Serra...

Havia bom pedaço que elles conversavam na sala da frente da mei'-agua, ao abrigo da chuva.

— Quem diria que uma tarde daquellas, tão bonita, désse naquelle aguaceiro doido!

Eu saíra num "matungo" do Tio Néco, assim por volta das três, na gana de passarinhar.

Havia quinze longos dias, era aquella a minha distracção, foragido em casa do Tio, á espera das ultimas negociações da herança paterna. Dali arribaria para outro logar, para o longe ou para o perto, onde fôsse mais feliz.

Fóra, o tempão, recrudescia, abalava a tapera. Naquella tarde fôra assim. O céo tão bonito, tão abundante a caça, — mas de repente, no alto, surge uma nuvem, mais outra, desenrolam-se, cobrem o coruto das serras, formam silhuetas cyclopicas, negras, fantasticas, erigem-se eças, como se a côrte de Salomão fôsse no ar, e se estivessem celebrando as exequias do rei-sabio.

Depois, ribomba o trovão, estala a tempestade.

Esporeei o "piquira" e topei a mei'agua abandonada, da estrada do Caípe.

A tapera estava em agonia, sem portas, sem janellas o sopé arriado, no oitão de taipa.

Parei o pangaré, sob o alpendre dos fundos, e abriguei-me da chuva. Nisto ouço tropel de animaes e vozes que se approximam pela estrada. E porque tenho evitado qualquer encontro com a gente da cidade, recuei da sala da frente para a camarinha. Ahi, espreitei por um buraco de taipa, — eram o Juiz e Padre-mestre. Apearam-

se, certamente solicitados pela mesma necessidade que me arrastára até ali.

Agora, pitando, conversavam, sem suspeitar da minha presença, sob o mesmo tecto esburacado, sob o mesmo céo angustiado.

.— Mas, reverendo, disse o Juiz vae mesmo com um tempo desse á procura de seu discipulo? Não ouvira bem no estrupicio da desmonta...

— Sim, saíra á sua procura. O rapaz fingia ausencia, se não estava em casa do Tio... E como ouvisse ruido no caminho onde eu me occultára: depois daquelle assalto á casa do Yeats, andava se temendo de ladrões. Mandára reforçar aldravas por todas as portas e janellas. Ia requerer, por signal, os serviços do "Delegado"... E explicava, para que não houvesse confusão, — um delegado como se merece, cauto, discreto, diligente. E era mesmo aquella a razão de ser de todo cão de guarda!

— Então, o Padre fareja ladrão num caso de tanta simplicidade?

— Hom'essa, então que anda a correr na bocca do povo?

— O que corria na bocca do povo era uma versão muito falsa da realidade. As autoridades deante "delle" se conservariam de mãos atadas.

Depois de rascar a garganta:

— A Mariquinhas, — o padre sabia, — com o favor de Deus, dera-lhe filho e não filha. Razão pela qual, podia dormir descansado, certo de que ninguem iria, alta

noite, perturbar-lhe o somno, com que repousava das fadigas do dia. Seguro morreu de velho. *"Mariti et uxores uno eodemque thalamo gaudent"*. Por isso, sempre preferira dormir com a sua "legitima", a quem se impuzera um respeito illimitado! Ali, ao seu lado, é que sentia o peso do *"munus"*, lençóes que abafavam com a ameaça perenne de cobrir três em vez de dois... Não, era preciso desconfiar, era preciso duvidar. Depois, ninguem, como elle, se impunha o decoro do seu cargo. Tambem, não admittia a minima offensa aos bons costumes e á honra dos seus concidadãos. Era apenas "amigo do inglês", tanto quanto o sr. Fernando, caramba!, com uma differença apenas, — era "amigo do seu amigo", respeitando-lhe a mulher.

E olhou intencionalmente o Padre por cima dos oculos, continuou:

— Em todo o caso, elle não era inglês, e nada tinha em que reparar. Na casa alheia costumava acatar até as baratas da cozinha. Mas, os costumes andavam tão soltos! Uma civilização de cacos... E elle a falar da cozinha do Yeats, como se lá houvéra penetrado alguma vez. Não! Nunca ali passára da sala de visitas. D. Hilda insistia muito! Até lhe reprovava os modos ceremoniosos. Mas aquillo tudo era cautela, cautelinha e respeito!... Veja só o Padre-mestre. A Alexandrina, que lá fôra levar os engommados, dissera que os inglêses não viviam bem, não. O velho Yeats "intincava" com a Hilda, dava-lhe pancada... Eram muito desunidos. Viviam á parte, co-

miam á parte, dormiam á parte, cada qual na sua cama, no seu quarto! Um horror! A Alexandrina dizia a verdade, dava a prova. Vae dahi, toca o rapaz a espreitar um momento de crise do casal... Mas não tinha nada que reparar, não. O rapaz (sem offensa ao Padre-Mestre), queira gosar, e estava no seu direito, ou antes, no direito da sua idade.

— Ora, essa? que rapaz? retrucou meu mestre.

Duas rugas profundas cavaram-se na fronte do Padre. Passou a mão pela cabeça e quedou pensativo. Padre Josué era um espirito perspicaz, bom entendedor de meias palavras, nem outra coisa se poderia esperar de seus quarenta annos de pastor.

O meu caso ia ser julgado no seu intimo fôro, elle ia lançar o veredicto.

Lá fóra a tormenta recrudescera.

A agua da chuva passa pelas coisas como por casa de perfumista.

Trás finalidade!

Amollece-as dilue-as, fluidifica-as, relvas profundas, estrume fresco da vaccada, sombras verdes da floresta. De tudo isso existe no ar um atomo sensivel.

Cheiro de chuva...

Uma symphonia!

E eu os aspiro com furor, e a inspirar e a expirar, como se marcara o compasso a uma melodia, — a desordem ordena-se, organiza-se, concerta-se.

Não sei se é lá fóra, se cá dentro de mim, elles se

colidem, se elidem, se superpõem, se modificam, se entrelaçam, — rezinas que se liquefazem, cupinzeiros que se esboroam, palhas seccas maceradas que se diluem.

Afóra a tessitura, — almiscar, benjoim, myrrha e incenso, — noto por ali, tambem, algumas velleidades de hierarchia.

A's primeiras bátegas de chuva, concentro-me todo, para gosar-lhe as gradações.

O prazer é muitas vezes constituido pelo gráo da sensação, — "é a sensação no estado comparativo".

Um gráo mais abaixo, — cheiro de terra solta, muito immediato e grosseiro, faz-nos o effeito, dá-nos o sentimento muito proximo de uma realidade incommoda, isto é, *"chuva ao desamparo"* e *"de surpresa"*, ou por outra, *"chuva e vento"*.

Um gráo mais acima (o quidam já abriu o pára-ágoa, recolheu-se a um abrigo), cheiro de terra molhada, humosa, gorda, farta ou de terra socavada e firme.

Mas, meu mestre justificava-me:

— Deus que o mandou, Deus que o conserve. Com o tempo elle chegará a alcançar a verdadeira sciencia, — saber viver com desinteresse e moderação... Saber soffrer eleva e edifica. E' a lei das compensações. Não quero abrir a luta do ideal com a realidade. Os nossos soffrimentos levam-nos muita vez a pensar nos soffrimentos alheios.

— Pois, quanto a mim, volveu o Juiz, com um arreganho de incredulidade, quando as faladeiras me atena-

zam os ossos, nunca penso com edificação em soffrimentos alheios da mesma natureza!...

Padre Josué trocára as pernas, mão sob o mento, todo curvado, numa grande contensão de offegos. Ia reagir, não havia duvida, e para ouví-lo, concentro-me todo, estico, o pescoço, achego-me o quanto posso delle, contendo já a respiração, já as pulsações do coração.

Então, vi ou ouvi que a atmosphera em torno, se desfazia em um infinito turbilhão de pequenas particulas, moliculas de ar, ultradiaphanas, cada uma prompta a conduzir o seu recado.

De repente, começaram a vibrar.

Parecia que dentro de mim, como num centro de oscillação, uma commoção, uma agitação identica, como o pulsar das minhas fontes, lhes imprimia aquelle movimento de vae-e-vem incessante, uniforme, indeterminado. Mas, ali, parece que havia uma hesitação. Uma mariposa que passou doidejando, deixou o pó das suas asas, na mesma indecisão.

Padre-mestre não atava, nem desatava.

Eu ouvi o zun-zun das tanajuras, na sombra fresca dos formigueiros, a muitos metros abaixo das plantas dos meus pés.

E do mesmo prodigioso modo, ouvi o relogio do vizinho, a velha peça de xarão, bater a "meia", a legua e tanto de distancia.

Ouvi-o moer as rodas, carregar os pesos, — e esperei contricto.

Ouvi a tres leguas.

Uma gotteira no meu quarto de dormir, penitente ás artes, e caliças de mestre pedreiro Zé-Miguel, começou a ensaiar a sua aria.

Eram aquellas as minhas posses auditivas, pequenos sons, pequenos ruidos, que enchiam a minha vida, e para lá me dirigia com o pensamento e com o cuidado, como rei cioso, pelas suas Javas e Japões, Idalcões e Samoris longinquos.

E ouvi no chão socavado e batido do terreiro, onde bredos floriam e vassouras verdejavam, brotos novos apontarem, sequiosos de humidade.

E no telheiro, perto, ouvi um gavião, friorento e murcho, estender a asa lenta...

Mas Padre-mestre não atava, nem desatava.

Fechei os olhos num ultimo esforço.

A goteira do meu quarto repinicava, taran, taran, taran. O meu gato ronronava a um canto.

Defronte, na pharmacia, ouvi o boticario aparar agua da chuva, o liquido gorgolejar nos seus vasos communcantes, os nivéis encontrarem-se reconciliados, estendendo *as mãos*.

Padre-mestre tinha-se erguido. O Juiz roia as unhas.

Estava com effeito bem ridiculo o meu bom Mestre.

Pigarreou, e com um tremulo suspiro na voz, que suffocava:

— Creio que você, Juiz, amplia um tanto o seu con-

ceito sobre o meu discipulo. Veja vocemecê a chronica desse moço são de corpo e de alma, perverteu-se, torcicolou-se, degenerou... Talvez o meio, a dissipação do meio... Quem dirá? Outros tempos, outros costumes... As ascendencias funestas das raças... Tudo póde ser. Mas estavam provavelmente nelle os germens da decadencia, da corrupção. Offereceu-se o momento, e elle caiu. Creia-me que pelo tempo em que me passou ás mãos, continuei a obra do pae. Depois...

— Eu cá por mim tambem sou muito fatalista. Entretanto, sempre por ali lhe fui dando os meus conselhos, que conselhos e caldos de gallinha não fazem mal a ninguem.

— Rapaz de animo frouxo...

— Conselhos e caldos de gallinha... Mas, que ia lhe dizendo?...

— ...impossivel...

— Mas, repito, nunca lhe permitti que resvalasse no lodo dos sentimentos máos...

— V. Excia. é um perfeito varão. Além de Juiz usurpa o direito de conselheiro...

O padre, commovido e angustiado, por sua vez, davalhe tratamento de excepção, como se delle houvera recebido melindre.

— Ora, ouça o reverendo. Se me tivesse ouvido, seu discipulo, não se teria dado o escandalo que tanto abalou os nossos creditos de civilizados. Era pena! Logo com estrangeiros! E a reputação do país no exterior? Tudo

isso lhe fiz sentir. Não me ouviu. Está ahi o resultado. um lar enxovalhado, arrastado pela lama da calumnia...

— E você estava inteirado dos máos propositos do tresloucado?, para aconselhá-lo? retrucou meu mestre.

Atirou um gesto largo de competencia:

— Por acaso... Eu estava de jalapa, e, havia quinze dias não saía de casa. O dr. Mattoso, proíbira-me as noitadas ao relento, até que enfim pude uma tarde ir espairecer para os lados da Fabrica. Eis senão quando, ao approximar-me da vivenda do Yeats, percebo um vulto que tenta escalar uma das janellas do oitão. Malfeitor!, disse commigo, e com a calma que me é peculiar, gritei :

— Alto lá!

— Está ahi um homem sereno e de muita acção. Outro qualquer em situação identica teria feito alarme e favorecido o escandalo, sem necessidade.

— Mas eu não. Parou o vulto, deteve-se em sua investida odienta. Mas atira um salto, brandindo uma bengala. E eu que estava de jalapa! Mas, assim mesmo, lá me defendi, mercê de Deus, lá sacudi o bruto pelos peitos, dei-lhe um bufete, e ia cuspir-lhe em cima, quando reconheço no audacioso D. João, o seu amado discipulo, reverendo. Cherei-lhe a bocca, estava bebedo... Urge pois que o amigo vá ao Yeats, explicar a scena, e, quanto ao rapaz, o melhor mesmo é entaipá-lo por alguns mêses na casa do Tio Raymundo, repreendê-lo severamente. Ainda hontem á tarde, tinha encontrado o inglês, o machinista. Estava terrivel! Capacete, facão de mato na cintura, per-

neiras até ao meio da canella, espora, cantina e cartucheira, faca de ponta... Uma espingarda num ombro, uma picareta no outro... Pelos modos, ia para as bandas do tio... Quem sabe?, — a essas horas...

O Padre tambem havia encontrado o Tranca-Tripa. E explicava:

Era aquella mesma preoccupação, que Robert sempre mostrára, de exceder-se nas apparencias... Caçava tatús... No mais, as suas posturas violentas nada tinham de natural. Era um modo honesto de visar "effeitos". Não se vangloriava, não impingia, — mostrava-se. Comprazia-se naquelle parecer. Puerilidades... Quanto ao Yeats, nada sabia do escandalo.

Padre-mestre, visivelmente contrariado, fôra até á porta da tapera, olhar a chuva.

— Um fim de mundo!, exclamou abanando com a cabeça. Lá fóra os animaes, impacientes, começaram a nitrir e a escoicinhar...

O Juiz teve de arrostar a chuva para ir apaziguá-los, que ameaçavam derrubar a tapera.

Fê-lo a preceito. Desamarrou o mais intransigente, e levou-o ao abrigo de um forno de tejolo, que havia perto.

Voltára encharcado, a maldizer-se.

Os céos brancos e pesados, plangiam de todos os lados, fragorosamente.

Cannafistulas, convulsionadas pelos ventos e pela

chuva, choravam e gemiam com um ranger dormente e remoto.

— Um fim de mundo, tornou a dizer o vigario.

O Juiz praguejava.

— E' isso mesmo, Juiz. Não se apoquente, que o momento da dissolução começou. A "tapera" vae ruir. E' isso mesmo que você disse: Uma civilização de cacos, — e nós a apodrecer entre os ditos, até que o estrangeiro venha aproveitar-nos, os ossos para botões e o muladar para estrume das suas hortas. Olhe Batujá! Ontem, uma cidade florescente, hoje, um montão de ruinas. Nós já nem temos a preoccupação de construir em arruados. Casas sem solidez, sem prumo, sem linha. Esse que aqui habitou, dispunha de suas posses, — forno de tejolo rendoso, pois mister de olaria é mão de obra que se paga. E vivia numa tapera immunda. O' Juiz! pegue-me esses desgraciosos, esses desalinhados, metta-m'os na cadêa, você, que citando Kraft-Ebbing e Dubuisson, deixa-me passar pelas folgadas malhas da justiça, criminosos de vinte mortes, — metta-os na cadêa os desgraciosos.

O Juiz, temperando a garganta e queixando-se de resfriados, contrapôs:

— Mettê-los-ia na cadêa, se conjunctamente com elles pudesse encafuar os desfibrados.... Para mim, Padre-mestre, a praga da terra é o D. João. Faz annos que o jure de Magndalena não julga um ladrão de cavallo.

— Compreendo a allusão. Sómente, o pensar do jure é que acho ingrato, por ahi fóra... Ora, bem. Vamos

dar evasão aqui, ao gazúa, ao arrombador, ao ladrão de gallinha, como aliás se faz em toda parte, e catrafilar o peralta, como medida de excepção. Mas já não faço referencias ás podriqueiras da instituição, á sucia, jurados e juizes, você incluido, todos idealistas, censores indefectiveis da ordem errada das coisas...

— Padre-mestre não inclue na "sucia" a promotoria, representada por seu discipulo amado?

— Fica o senhor promotor catalogado entre os abulicos e desatrelados. Mas apesar dos pesares, não o posso criminar de ter falhado jámais á sua missão de accusador. E' o que eu faço agora. E pergunto: Quando chegarão os homens da idéa pratica, a fazer o acto pratico de atirar ao xadrez, á meia-ração, o ladrão politico, o negociante desonesto, o defraudador, que sabemos comprovadamente que roubaram? No momento de agir estão todos enleados, lastimavelmente compromettidos. O embaraço, — a politica, a rhetorica dos advogados, sentimentalismos, pieguices... A mocidade toma o exemplo dos maiores, cria-se vendo subornar, no regime de ignominias de todas as horas. Cêdo perde a linha tambem, dobra a espinha, envelhece. Salomões caricatos e ruidosos, não temos a noção intacta das proporções, não sabemos dividir pelo meio, com a violencia, a sinceridade de uma convicção. Não conhecemos o meio-termo, a morigeração, senão as deficiencias. Vivemos miseravelmente, mal comidos, mal confortados, a sonhar com as assombrosas riquezas da gleba, que não temos força para explorar. No

que diz respeito a mulheres, somos os eternos pobres diabos, molles, feios rachiticos e sem contenção de instinctos.

— E a patria descamba no abysmo da ignominia...

— Qual abysmo, nem meio abysmo! Escorregamos. Não nos pudemos suster nas pernas. Não encontramos firmeza na "terra"... Nossa posição deitada é a mais commoda. Não nos pomos de pé, — "tomamos pé"... Chafurdamos. Ora, veja só! Em fim de contas, ainda a proposito do "abysmo", quem sabe lá o destino das raças? Nós ainda não estamos nem nos primordios da trajectoria de uma povo constituido. Temos o futuro, e o homem é incerto. Praza aos ceus, senhor Juiz que as mulheres de Salomão que aqui aportem venham com o habito do "preservatif" e o livro de economias de Malthus... E o lyrismo dos Fernandos não lhes dê cresta ao primeiro embate. Mas, de qualquer fórma. Quando eu vi pisar aqui o primeiro estrangeiro, disse de mim para commigo, a "tapera" vae ruir, a tempestade vae começar. Está ahi! Muito antes da minha natural espera, o escandalo arrebenta. Se elles viviam á parte dos nossos usos, que se dirá agora, quando as "Lexandrinas" se derem a tesser os enrêdos em que são mestras... A intromissão de certas raças em nossa economia interna, terá para nós, o effeito de uma invasão barbara no sangue tão caldeado que já temos. E, ou Salomão se impõe e vence, imprimindo pelo sexo as qualidades se que suppomos pos-

suir, ou desapparece. Para terminar isso em fórma de sermão, vou citar-lhe o versiculo da Biblia.

O Juiz pigarreou. Padre-mestre continuou, com um gesto alto:

— *"Salomão fôra o privilegiado de Deus"*.

Nós recebemos delle a mesma dotação, em riquezas profundas e dons naturaes.

— *"Era sabio, mas deixou-se perverter"*.

Façamos aqui a distincção entre sabedoria e a sciencia dos nossos tempos. Deus não nos outorgou essa sciencia. Deu-nos a sabedoria, isto é, a *"razão perfeita"*, como queria Cicero: *"Ratio perfecta nominatur rité sapientia"*. Deu-nos o discernimento, o siso, a discrição e a prudencia, igual como a Salomão. De que nos serviu a generosa dadiva do Todo-Poderoso, senão para a nossa perversão, para o nosso descredito, para a nossa damnação! Nella, encontramos a chave de todos os sophismas, de todas as manhas, de todas as argucias, com que burlar a lei e comprometter a nação. Somos luxuriosos, cupidos e irreflectidos, na mediania, e quando subimos ás posições... Veja só o exemplo das nossas administrações, — a roubalheira na obra publica, nos contractos, o favoritismo desregrado para o compadrio e o filhotismo, a vaidade do mando a provocarem a luta entre irmãos... Veja o desfibramento dos nossos politicos, do nosso caracter, do nosso sentimento...

Lá fóra o aguaceiro augmentára e uma noite temporã entenebreceu os ares.

Os ralos cantaram nas pequenas luras da tapera.

Os sapos começaram a disputa harmoniosa.

Vozearam todas as charnecas cricumvizinhas.

— E esta, reverendo! Temos de ficar aqui a noite toda!

— Resignemo-nos, meu amigo. A resignação é tambem preceito religioso e a maneira mais suave de aguentarmos as desgraças naturaes. Mas, vejamos se há ao menos um tecto menos esburacado nesta casa que Deus pôs em nosso caminho...

Ao ouvir passos que se dirigiam ao meu esconderijo, senti que pairava sobre mim a perseguição das forças desconhecidas que dizem castigar o homem culpado.

Eu não tive coragem de arrostar com a presença do Mestre.

Varei o terreiro. Topei com a báia do Juiz. Desembridei-a. Enxotei-a para longe, com dois valentes tabefes no focinho.

— Ia agora o jure de Magdalena ter o seu annunciado ladrão de cavallos.

Então, depois de certificar-me se o cavallo de Padremestre estava bem atado, corri a desamarrar o meu mazungo e galopei dentro da escuridão e da chuva.

Iria aonde commetter outra vida, outro destino.

Sentia-me reanimado, porém, qual se surgissem dentro de mim as novas energias, que ás vezes as grandes desgraças fazem germinar.

E naquella horrivel cavalgada esperei em vão o raio

de S. Paulo que me levasse á conversão, o carro de fogo de Elias que me arrebatasse aos céus. Em vão! Mas, senti-me transfigurado como se energias novas me houvessem feito de luz e som, como se eu fôsse um grito vermelho cavalgando um corcel apocalyptico.

E o meu grito era tão grande como o meu Brasil e tão angustiado como a minha raça:

"Senhor!

Tu me deste sagacidade e o maior reino do mundo! Mas, eu não preciso sómente de sagacidade e de terras, Senhor!

Eu preciso para perpetuar o meu pôvo de sã e prolifica sexualidade que povôe as terras do meu reino!

Eu me sinto, Senhor, na tentação de corrompêr-me com mulheres estranhas e adorar os idolos alheios! Senhor! Misericordia!"

Meu grito varou a tormenta calou os elementos brutos, e lá longe como uma figura irreal, intangivel, surgiu rodeada de vinte e uma estrellas faiscantes a figura de Constança.

Millesimo nongentissimo vigesimo secundo anno, Flumine Januario in oppido, mense Decembris labente, hic liber confectus. Cunctas postea paginas ejus accurate lustraverunt Mathevs ab Albvqverqve, Povina a Cavalcanti, Aurynus a Maciel, Adalbertus a Marroquim et Osman a Loureiro, **amici mei carisimi, quorum officioso admonitu per leves emendationes ad unguem, pespessus est. Primo nomen huic libro "Cipó de Imbé" inditum est. Sub hoc titulo et typis nondum datus, censuram apud Ephemeridem "O Mundo Literario" exaratum promeritus sum, atque judiciosa scripta ab** Osman a Lovreiro **apud Ephemeridem "A. B. C." et ab** Evstaqvio a Gomes **apud "Jornal do Recife" provocavit.** Afranio a Peixoto, **dilectissimo ac constantissimo Magistro, et** Agrippino a Grieco, Guedes a Miranda, Nelson a Pinto, Gilberto ab Andrade, Lins a Rego, Adalberto a Marroqvim, Aloysio a Castro, Avryno a Maciel, Heraclito a Belfort et Aloysio a Cavalcanti **opus hoc animo grato donavi. Perclarissis censoribus** Osorio a Duque Estrada et Tristão ab Athayde, **qui librum meum "A Comedia dos Erros" proximo editum execrandum existimaverunt, aeque hunc dedicavi.**

INDICE:

— não tem.

ERRATA:

— ha em quasi todas as paginas; o autor confia-a á intelligencia de quem a encontre.

Toda a edição foi tirada neste papel ruim.

Direitos reservados;
propriedade do autor

24968